

# Reimaginar o Evangelismo

... como participação  
intencional na missão de Deus



Grant Zweigle

# Endossos

“Finalmente, um livro que enquadra o evangelista em toda a história cristã e na missão holística da igreja. Este é o livro que darei às pessoas da minha igreja quando quiserem saber como podemos recuperar uma visão para contar e viver a história cristã numa cidade pós-moderna.”

Tim Dickau, DMin  
Pastor, professor adjunto, autor  
British Columbia, Canadá

“Finalmente. Um livro... que posso dar às pessoas da minha igreja como inspiração para participarem com Deus na missão, e como um recurso com ferramentas para o fazerem de facto. Além disso, posso dá-lo a pastores e líderes de todo o país, porque é teologicamente sólido e desafia os nossos paradigmas actuais.”

Cam Roxburgh, DMin  
Pastor sénior, director nacional (Forge Canada)  
British Columbia, Canadá

“Inserido no âmbito mais alargado da história da redenção de Deus, Grant articula o que significa para nós viver de forma credível e falar sem problemas sobre as boas novas de Jesus. Este livro é um recurso crucial para a igreja nestes tempos turbulentos.”

Daron Boyd Brown  
Pastor sénior, autor  
Tennessee, EUA

“Zweigle deu-nos uma contribuição significativa para a consideração do evangelismo no contexto contemporâneo que é tanto prático como teologicamente reflexivo. Recomendo vivamente este livro a todos os que estão interessados em ser e proclamar o Evangelho num mundo pós-moderno.”

Ron Benefiel, PhD  
Reitor, Point Loma Nazarene University  
Califórnia, EUA

"A paixão de Zweigle... é contagiante. Este livro perspicaz incutirá em qualquer pessoa um desejo mais profundo de adorar a Deus e convidar outros a fazer o mesmo."

Dick Eugenio, PhD  
Pastor associado, professor assistente, autor  
Manila, Filipinas

"Para aqueles treinados em estratégias de evangelismo transaccional que parecem cada vez mais deslocadas num mundo pós-cristão, os exemplos e sugestões da vida real de Zweigle são vivificantes e encorajadores. Vou pedir a todos os pastores sob a minha supervisão que passem algum tempo com este livro."

Jeren Rowell, DMin  
Superintendente distrital da Igreja do Nazareno, autor  
Kansas, EUA

*"Reimaginar o Evangelismo* foi escrito com uma combinação equilibrada de formação académica, vasta experiência pastoral e aplicação prática. Zweigle mistura princípios wesleyanos comprovados com uma compreensão da cultura contemporânea. Este livro irá desafiá-lo para uma nova aventura da vida missional e jornada de discipulado!"

David A. Busic, DD  
Superintendente Geral da Igreja do Nazareno, autor  
Kansas, EUA

"Para qualquer pessoa que se pergunte como se manifesta uma testemunha cristã saudável, como pode funcionar, ou as possibilidades que pode incorporar numa cultura pós-cristã, deixe que a esperança e a fidelidade encontradas neste livro sejam o seu guia."

Timothy R. Gaines, PhD  
Co-pastor, co-autor  
Califórnia, EUA

"Se alguma vez se debateu com a ideia do evangelismo, este é o livro certo para si. Grant Zweigle desafia as concepções inadequadas deste aspecto vital do reino de Deus. Este maravilhoso recurso irá aliviá-lo de culpas desnecessárias e capacitá-lo para a tarefa eclesial do evangelismo."

Jesse C. Middendorf, DMin  
Director executivo, Centro para Liderança Pastoral  
(Nazarene Theological Seminary)  
Missouri, EUA

“Grant Zweigle é uma testemunha apaixonada e prática de Jesus. Este livro é uma leitura deliciosa para qualquer pessoa com interesse na relevância dos métodos e práticas do evangelismo.”

Eugénio Duarte, MBA, MA, DD  
Superintendente Geral da Igreja do Nazareno  
Kansas, EUA

“O livro de Grant Zweigle é um recurso envolvente e poderoso, convidando a igreja a redescobrir e reacender a paixão pelo evangelismo de acordo com a Palavra de Deus. Este livro irá revolucionar a forma como temos entendido o evangelismo e oferecerá uma perspectiva nova e muito necessária para o cumprimento da chamada para fazer discípulos à semelhança de Cristo no século XXI”.

Fili Chambo, PhD  
Director Regional, Igreja do Nazareno  
Joanesburgo, África do Sul

“Grant tira o medo do evangelismo. A sua abordagem convida todos os crentes para a jornada do evangelismo. Recomendo vivamente este livro a todos os crentes que levam a sério a sua chamada para partilhar Cristo.”

Scott Rainey, DMin  
Coordenador de estratégia do campo das CEI, antigo pastor da Igreja do Nazareno  
Kyiv, Ucrânia

“Grant Zweigle oferece aos seus leitores um lembrete do que significa testemunhar. Se não tem a certeza sobre o evangelismo, leia! Fui encorajada, desafiada e equipada enquanto lia, e certamente também o será.”

Olivia Metcalf  
Capelã da Universidade, autora, oradora pública  
Idaho, EUA

“Será que o evangelismo passou de moda? Grant Zweigle leva-nos numa viagem reflexiva onde explica a paisagem actual. Não, o evangelismo não saiu de moda; apenas pode parecer diferente! Zweigle dá-nos excelentes indicações sobre as formas como cada um de nós pode empenhar-se, de forma ponderada, em partilhar Cristo com aqueles que encontramos. Esta é uma leitura importante para todos os que estão a crescer como discípulos fiéis.”

Carla Sunberg, PhD  
Presidente (Nazarene Theological Seminary), professora, autora  
Missouri, EUA

“As histórias de transformação de Zweigle ilustram o coração do Evangelho. Ele fornece uma abordagem transcultural para testemunhar. ... Este livro é uma leitura obrigatória para os líderes da igreja... num mundo diversificado e em mudança.”

Mark A. Maddix, PhD  
Deão, professor (Northwest Nazarene University)  
Idaho, EUA

# Reimaginar o Evangelismo

Reimaginar o evangelismo  
como participação  
intencional na missão  
de Deus



Grant Zweigle



LITERATURA  
Nazarena Portuguesa  
LISBOA

Direitos de Autor © 2025 Grant Zweigle

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio - por exemplo, electrónico, fotocópia, gravação - sem a permissão prévia por escrito do editor. A única excepção são breves citações em revisões impressas.

Este livro foi publicado originalmente como

*Worship, Wonder, and Way*

de Grant Zeigle

Copyright © 2015

Publicado pela Beacon Hill Press de Kansas City, uma divisão da Nazarene Publishing House, Kansas City, Missouri (EUA)

Esta edição foi publicada em cooperação com

Global Nazarene Publications

Por acordo com a Nazarene Publishing House

Todos os direitos reservados

Tradução para o português europeu (pré-AO90) por Daniela Nobre, Susana Reis Gomes e Priscila Guevara.

Todas as citações das Escrituras, salvo indicação em contrário, são retiradas de A Bíblia para Todos - Edição Comum, Sociedade Bíblica de Portugal, 2009.

Todos os endereços de internet, endereços de e-mail e números de telefone neste livro estão correctos à data da publicação e são fornecidos como recurso. A Editora não os endossa ou atesta o seu conteúdo ou permanência.

# Índice

Introdução	9
1. A nossa missão como testemunhas	19
2. O nosso testemunho de adoração	34
3. O nosso testemunho da maravilha	47
4. O nosso testemunho do modo de vida de Jesus	61
5. Evangelismo: o coração do nosso testemunho	73
6. Evangelismo pessoal: oração	88
7. Evangelismo pessoal: histórias	99
8. Evangelismo pessoal: jornada	111





## Introdução

No meu vigésimo quarto aniversário, experimentei o que algumas pessoas podem chamar de despertar espiritual. Aconteceu no meio de um culto de adoração normal numa Igreja do Nazareno normal em Idaho (EUA). Não me lembro de nada em particular que o pregador tenha dito ou que a equipa de louvor tenha cantado que tenha desencadeado essa experiência. Mas enquanto o pastor orava naquela manhã, discernei uma voz a falar claramente ao mais íntimo do meu ser, dizendo: “Grant, arrepende-te do teu pecado e segue-me.” Era Jesus.

Ouí o nome Jesus pela primeira vez quando era criança. Aprendi sobre Ele com a minha mãe e com o meu pai, mas também com professores da Escola Dominical e pregadores nas igrejas que frequentei ao longo da minha juventude. Aprendi sobre Jesus na universidade cristã em que me formei. Jesus era, para mim, uma figura familiar e amigável. Eu acreditava n’Ele. E sabia que chamar as pessoas para se arrependerem e segui-Lo era uma das coisas que Jesus fazia. Mas até àquele momento da minha vida, não posso dizer que já tivesse experimentado Ele a chamar-me para me afastar do meu pecado e segui-Lo, de uma forma tão clara, directa e pessoal.

Na manhã seguinte, estava à porta do meu pastor, a perguntar se ele me ajudaria a tornar-me um seguidor de Jesus. Eu sabia o suficiente sobre Jesus para saber que segui-Lo não é uma busca solitária. Sabia que precisava de guias para esta jornada. E sabia o

suficiente sobre Jesus para saber que Ele também gostaria que eu guiasse outras pessoas nas suas jornadas. Também reconheci que não sabia como o fazer.

Nos meses seguintes, encontrei-me com o meu pastor, Orv Halley, semanalmente. Ele orou comigo e ensinou-me sobre as Escrituras. Ele ouviu acerca das minhas alegrias e lutas enquanto me adaptava a uma vida de discipulado cristão. Ele partilhou comigo o seu amor pelas nações e falou com entusiasmo do seu sonho de que a nossa pequena igreja num pequeno canto dos Estados Unidos enviase uma equipa para plantar uma igreja num país de acesso fechado na Ásia Central.

Outro jovem da igreja encontrou-se connosco. Este homem acabaria por mudar a sua família para o outro lado do mundo para iniciar uma igreja entre um grupo de pessoas não alcançadas na Ásia Central.

O amor de Orv por Deus, o seu amor pelas pessoas e o seu entusiasmo pela missão de Deus no mundo eram contagiosos. Não o surpreendeu em nada que Jesus falasse a um jovem como eu, chamando-me para O seguir e juntar-me à Sua missão redentora no mundo. Orv entendeu que o Evangelho era amplo e expansivo, inclusivo e generoso. A compreensão de Orv da missão de Deus no mundo estava enraizada no Antigo Testamento, em narrativas como a história da criação; na chamada e escolha de Deus de Abraão para ser uma bênção para todos os povos da terra; nos Salmos que falavam do coração de Deus pelas nações; e quando Deus chamou Israel para ser uma luz para todas as nações da terra. Orv acreditava que o Espírito Santo estava activo no mundo, buscando jovens mulheres e homens, como eu, desejando envolver-nos na vida trinitária e no amor de Deus e enviar-nos, em missão, para a vida do mundo.

Ao discernir os dons e as graças que Deus me dera, Orv começou a dar-me pequenas tarefas na vida e na missão da nossa igreja local. Um dia, vários meses depois de começarmos os nossos encontros, Orv pediu-me para partilhar o Evangelho com Shelly, uma mulher que frequentava esporadicamente a nossa igreja. Shelly era alguém que Orv acreditava mostrar sinais de abertura

espiritual. Eu nunca tinha partilhado o Evangelho com ninguém, e pedi-lhe que me ajudasse. Pude sentir, pela hesitação na sua resposta, que ele não sabia exactamente como me guiar.

Primeiro, tirou um livro da estante e sugeriu que o lesse. Reconhecendo que poderia ser demais para digerir num curto espaço de tempo, ofereceu-me um pequeno folheto intitulado “A vida pode ter um verdadeiro significado” para me guiar. Ao folheá-lo em preparação para a minha reunião com Shelly, descobri que a forma como falava sobre o Evangelho era muito curta em comparação com a visão mais robusta e interessante que Orv partilhava comigo nas nossas reuniões semanais e na sua pregação e ensino. Talvez essa tenha sido a razão da hesitação dele?

No dia seguinte, encontrei-me com Shelly no escritório da igreja. Abrindo o folheto na mesa entre nós, fui falando enquanto ela ouvia, seguindo a explicação do Evangelho do folheto ponto a ponto. No final do meu discurso, perguntei-lhe se gostaria de aceitar Jesus Cristo como seu Salvador pessoal. Para minha surpresa, ela disse que sim. Seguindo as instruções na parte de trás do folheto, dirigi-a numa oração e, depois, assegurei-lhe que tinha sido salva.

Foi uma experiência maravilhosa, mas, admito, um pouco confusa. Não havia nada no folheto sobre seguir Jesus ou juntar-se à missão redentora de Deus no mundo. Nada sobre o coração de Deus para as nações e o desejo de Deus de envolver todas as pessoas no amor trinitário de Deus. Não tenho a certeza que tipo de transformação ocorreu na vida de Shelly, mas algo aconteceu dentro de mim. O meu interesse pelo evangelismo inflamou.

Vários meses depois, ao preencher a minha inscrição para o Nazarene Theological Seminary (EUA), marquei o “quadrado” ao lado da palavra “evangelismo”. Em pouco tempo, recebi um te-



Alguma vez recebeu formação para partilhar o Evangelho com outras pessoas? Aprendeu um método específico ou como apresentar o plano de salvação? Como se sente em relação a esse método hoje? Ainda faz sentido? Ainda é eficaz ou precisou de o ajustar?

lefonema entusiasmado de Chic Shaver, professor de evangelismo no seminário, que soube do meu interesse pelo gabinete de admissões. Quando a nossa conversa terminou, Chic convidou-me para me juntar a ele e à sua esposa, Nancy, numa série de reuniões de avivamento que estava a realizar. Quando voltei daquela viagem, Chic convenceu-me a matricular-me num curso que ele ensinava chamado “Evangelismo Pessoal”. Aquele curso mudou a trajectória da minha vida. No final do primeiro semestre no seminário, mudei do Mestrado em Artes do Pensamento Cristão e História para o Mestrado em Divindade com Ênfase em Evangelismo. Mais tarde, naquele ano, tornei-me assistente do corpo docente de Chic e, no ano seguinte, estava a servir como pastor assistente de evangelismo na Primeira Igreja do Nazareno em Kansas City (EUA) e como director administrativo do Chic Shaver Center for Evangelism. Foi naquela igreja que conheci a minha futura esposa, Aisling, cuja mãe tinha recebido uma visita da equipa de evangelismo pessoal, liderada por Chic, quando Aisling era apenas uma menina.

A paixão de Chic pelo evangelismo era contagiante e eu estava inspirado. Mas, ao continuar a minha educação no seminário, senti que outros alunos e certos membros do corpo docente não



Como é que a sua compreensão das Escrituras ou da tradição da igreja afecta as suas práticas de evangelismo? Existem tensões entre a sua cosmovisão teológica e certas práticas de evangelismo que tenha observado ou nas quais tenha participado?

estavam entusiasmados com a metodologia usada nos cursos de evangelismo. À medida que crescia na minha própria compreensão da história da igreja, eclesiologia, soteriologia, estudos bíblicos e teologia wesleyana, comecei a perceber a razão de certos aspectos da metodologia ensinada no meu curso de evangelismo não serem congruentes com outros aspectos do currículo do seminário.

Mas, ao mesmo tempo, fui testemunha em primeira mão do fruto do ministério de Chic, e a minha apreciação por ele e a crescente amizade com ele

impediram-me de me tornar excessivamente crítico ou desdenhosamente cínico. Em vez disso, escolhi uma postura apreciativa, a fim de aprender o máximo que pudesse com um homem que foi claramente abençoado com o dom do evangelismo e tinha um profundo amor e preocupação pelas pessoas, enquanto resolvia, ao mesmo tempo, estudar e desenvolver práticas de evangelismo que eram congruentes com a minha crescente compreensão de uma perspectiva wesleyana, bíblica e teológica.

Essa oportunidade veio com a minha primeira colocação depois de me formar no seminário. Em 2000, fui nomeado pastor da Igreja do Nazareno de Beacon Hill, uma pequena igreja multicultural num bairro urbano de Seattle (EUA). A igreja estava rotulada como uma “igreja missionária” no distrito. Os cerca de quarenta participantes regulares representavam pelo menos uma dúzia de nacionalidades diferentes. Passei de pastor num dos bairros mais ricos dos Estados Unidos para um dos mais pobres. A igreja em Kansas City era religiosa, política, social e economicamente homogénea. A igreja em Seattle era diversificada, com frequentadores que tinham origens ortodoxas, católicas e várias vertentes de protestantes; advogados, mães solteiras beneficiárias de assistência social; eleitores conservadores, liberais e independentes; cidadãos, imigrantes, refugiados, pessoas sem documentos. O meu contexto nos arredores de Seattle era significativamente diferente dos subúrbios de Kansas City.

Seattle faz parte do que é conhecido como Pacific Northwest dos Estados Unidos. É um lugar onde o cepticismo, o cinismo e a crítica caracterizam a atitude das pessoas em relação ao cristianismo e à igreja. Os meus novos vizinhos não eram religiosos e tinham muito pouco interesse na igreja. A diversidade da nossa comunidade colocou-me em contacto regular com pessoas de outras tradições religiosas, bem como imigrantes de países como a China, cuja visão de vida era totalmente diferente da minha. Muitos desses imigrantes tinham uma cosmovisão espiritual oriental, em oposição à minha cosmovisão materialista ocidental. No entanto, eles não acreditavam em Deus, em contraste com o sistema de crença teísta dominante do Ocidente.

Tudo isto foi desafiante. A metodologia ensinada no seminário partia do pressuposto que eu tinha um terreno cultural em comum com as pessoas com quem partilharia o Evangelho. O Evangelho que me ensinaram foi uma série de proposições estreitas que presumiam a familiaridade do ouvinte com a história cristã mais ampla. A minha própria experiência de conversão foi construída com base na familiaridade com palavras como “arrependimento” e no meu conhecimento prévio e familiaridade com Jesus. Quando ouvi Jesus chamar-me para O seguir, reconheci a Sua voz. Os meus novos amigos e vizinhos não sabiam que essa voz era Jesus. Eu estava a pastorear no meio de um povo que não partilhava a minha cultura ou a minha visão do mundo, e que não estava familiarizado com a trajectória básica da história cristã. Algumas destas pessoas nunca tinham ouvido o nome Jesus.

Em Seattle, fui apresentado pela primeira vez à visão da igreja missional: a igreja como um povo que é enviado por Deus ao mundo, para o bem-estar do mesmo. À medida que começámos a mudar a nossa programação ministerial para envolver a comunidade e a criar uma comunidade de adoração hospitaleira e acolhedora, experimentámos crescimento e renovação enquanto caminhávamos com as pessoas na jornada de nos tornarmos seguidores de Jesus.

Em 2005, mudámo-nos de Seattle para pastorear a Primeira Igreja do Nazareno em Vancouver (Canadá). Tal como a nossa igreja em Seattle, a de Vancouver era multicultural, localizada num bairro urbano onde dois terços das pessoas falavam uma primeira língua que não o inglês, a nossa língua materna. Seattle e Vancouver partilham uma visão cultural semelhante, mas depressa percebemos que os nossos novos amigos e vizinhos em Vancouver não eram apenas cépticos, cínicos e críticos do cristianismo, como os de Seattle; eles também oscilavam entre os extremos de total indiferença e hostilidade em relação à igreja.

No seminário ensinaram-me uma abordagem proposicional ao evangelismo. No entanto, a lógica, a argumentação e os movimentos retóricos que a abordagem usa para “fechar o contrato” são vistos em Vancouver como manipuladores, desrespeitosos e

antitéticos relativamente aos valores multiculturais canadianos. A fé é relegada ao espaço privado e interior da vida das pessoas, e não deve ser partilhada com outros de maneira a mudar corações e mentes ou garantir convertidos. Como resultado, os meus vizinhos mantinham a guarda contra qualquer tentativa de proselitismo. Uma noite, durante um jantar na casa de um vizinho, ele olhou para mim com o que só pode ser descrito como uma expressão de espanto e confusão, e disse: “nunca imaginei que receberia um pastor na minha casa para jantar.” Noutra conversa, durante uma hora e meia, num parque infantil gelado de uma escola primária, um vizinho interrogou-me sobre o que a minha igreja acreditava. No final da conversa, ele manteve-se hostil à igreja cristã, mas disse, de uma forma que, presumo, tinha a intenção de ser um elogio, que “pelo menos não é um desses fundamentalistas religiosos”.

No contexto do ministério em Seattle e Vancouver, comecei a desenvolver uma teologia e prática de evangelismo que são congruentes com uma perspectiva bíblica wesleyana, mas também adequadas ao meu contexto único. Foi também durante esse período que comecei a aprofundar-me no que veio a ser conhecido como teologia missional, cujas origens podem ser traçadas até Lesslie Newbigin, que, ao retornar ao seu país de origem, a Inglaterra, depois de servir como missionário na Índia, percebeu que precisava de aplicar as mesmas ferramentas de análise contextual e reflexão missiológica que usava na Índia à prática do ministério na Inglaterra. O contexto tinha mudado, assim como os métodos de evangelismo.

Neste livro, comecei a partilhar algumas das minhas reflexões sobre uma teologia e prática do testemunho e evangelismo da igreja local que achei úteis nos contextos congregacionais em Kansas City, Seattle e Vancouver. Grande parte do conteúdo deste livro foi originalmente concebido como uma série de sermões de ensino desenvolvidos para a minha igreja em Vancouver, como



Como se sentiria se soubesse que um amigo de uma religião ou denominação diferente o via como perdido e a precisar de salvação?

parte de um projecto de pesquisa pastoral para o meu doutoramento em ministério. Uma boa pregação deve ter como base um estudo teológico profundo e reflexão bíblica, mas também deve ser relacionável e compreensível para a pessoa que está no banco da igreja, cadeira ou banqueteta, ou onde quer que as pessoas estejam sentadas quando a recebem. Este livro só será bem-sucedido se for compreensível para o leitor médio, mas também se abrir caminhos para uma reflexão mais profunda por aqueles que estão mais sintonizados teologicamente.

Ao longo do livro estão espalhadas perguntas de reflexão para uso pessoal ou em grupo. A minha esperança é que este livro seja um recurso para as igrejas locais que buscam reimaginar o evangelismo como uma prática missional das suas igrejas. As perguntas são projectadas para ajudar os congregantes e as congregações a aplicar o conteúdo do livro aos seus contextos únicos.

A visão teológica para este livro é moldada por um conjunto de convicções fundamentais que tenho sobre o evangelismo e a missão da igreja. Essa visão teológica não se originou dentro de mim; é uma síntese da leitura e reflexão que fiz para o meu doutoramento. Como pastor, trabalhei esta visão teológica no contexto do ministério congregacional. Portanto não é teologia de sofá; foi desenvolvida e testada no dia-a-dia.

Chilcote e Warner apresentam seis proposições sobre evangelismo que influenciam a visão teológica deste livro. Através da minha experiência pastoral e pesquisa de doutoramento, desenvolvi, adaptei e acrescentei a essas proposições, para o meu próprio uso. Em resumo, são apresentadas assim: Primeiro, o evangelismo é uma parte vital de algo maior do que ele mesmo, a missão de Deus. Em segundo lugar, o evangelismo tem o discipulado com Jesus como seu *telos* principal, ou meta. Terceiro, o evangelismo é um convite para participar do Reino de Deus. Quarto, o evangelismo é projectado para fornecer um bom começo no processo de conversão. Quinto, o evangelismo é uma prática missional de todo o povo de Deus, em conjunto. Sexto, a minha proposição adicional, o evangelismo deve ser inerentemente pessoal. E em sétimo lugar, o evangelismo é inevitavelmente contextual.

Como qualquer pastor que trabalha sabe, o tempo é um bem precioso. E o tempo que levei para concluir o meu doutoramento e escrever este livro foi, muitas vezes um empréstimo da família, de amigos e da minha congregação. Quero agradecer à minha esposa, Aisling, e aos meus filhos, Graiden e Abram, pelo apoio e paciência durante a pesquisa e redacção deste livro. Aos meus pais, Gary e Eleanor Zweigelt, bem como à família da minha esposa, que nos apoiaram tremendamente ao longo do caminho. Sou abençoado com uma família que deseja fazer parte da missão redentora de Deus no mundo e que me apoia e me encoraja a desenvolver os dons que Deus me deu para esta missão. Obrigado!

Também sou grato às congregações da Primeira Igreja do Nazareno de Kansas City, da Igreja do Nazareno de Seattle Beacon Hill e da Primeira Igreja do Nazareno de Vancouver pelo privilégio de ser seu pastor e por tudo o que me ensinaram sobre o que significa ser testemunha em conjunto. Gosto muito de pastorear. O meu gosto por pastorear está directamente relacionado com as pessoas que pastoreei. Tem sido uma alegria pastorear essas pessoas maravilhosas!

Desde o início deste livro, concluí um doutoramento em ministério no Seminário Teológico Nazareno (EUA) e aceitei o cargo de reitor dos alunos do Seminário Teológico Nazareno da Ásia-Pacífico em Manila, Filipinas. Sou grato pelas excelentes escolas da Igreja do Nazareno e pelas oportunidades de aprender e servir as nossas escolas. A mudança da América do Norte para a região da Ásia-Pacífico proporcionou-me novas oportunidades para explorar e aprender sobre o evangelismo num contexto diferente.

Também estou em dívida para com os colegas do ministério que leram partes deste livro e ofereceram comentários valiosos ao longo de todo o processo. Aprendo com os outros e, seria perigoso, para mim, tentar listar todas as mulheres e homens maravilhosos



Quem o encoraja a desenvolver os dons e as graças que Deus lhe deu? Quais são as suas formas preferidas de participar na missão redentora de Deus no mundo?

que contribuíram para a visão teológica e prática que informa este livro. Vocês sabem quem são! Obrigado!

Agradeço aos esplêndidos homens e mulheres da Nazarene Publishing House (EUA) que me incentivaram a escrever e que mantiveram este livro vivo durante dias difíceis e desafiadores. Um agradecimento especial a Audra Marvin pelas suas muitas sugestões para melhorar o manuscrito original.

Finalmente, não posso expressar gratidão suficiente aos dois mentores mais importantes da minha vida: Orv Halley e Chic Shaver. Ambos investiram longas horas em mim e ensinaram-me a pastorear com uma visão global que está, ao mesmo tempo, atenta às pessoas ao meu redor que ainda não seguem Jesus e precisam de ser guiadas até Ele. Orv completou a sua jornada na terra e está com o Senhor. Chic continua a testemunhar com entusiasmo e energia ilimitados.

A minha vida não é minha. Sou eternamente grato a Jesus por me chamar e escolher para ser Seu seguidor. Aquele domingo, quando Jesus me chamou para segui-Lo, mudou para sempre a trajectória da minha vida. Através de Jesus, vim a conhecer um Pai que me ama, não apenas a mim, mas ao mundo inteiro, e através de Jesus recebi o Espírito, que me equipa e capacita a servir os outros em nome de Jesus. Através de Jesus, aprendi que a vida pode ter um verdadeiro significado. Toda a glória seja dada a Deus Pai, Filho e Espírito Santo.



## A nossa missão como testemunhas

---

*Actos 1:8: Mas receberão poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos lugares mais distantes do mundo.*

---

Regressando a casa num dia ensolarado na bela cidade de Vancouver (Canadá), parei num semáforo e reparei num anúncio colado a um poste de telefone do lado da janela do passageiro. Dizia: “Precisamos de testemunhas”. Inclinei-me sobre o assento vazio para ver mais de perto e li que houve um acidente naquele mesmo cruzamento. O anúncio indicava a data e a hora do acidente e pedia que qualquer pessoa que o tivesse visto ligasse para o número de telefone indicado. Era um pedido tão simples: eram necessárias testemunhas. Mas também era um pedido pesado. Sem uma testemunha, a capacidade da vítima de resolver o problema com a polícia e com a companhia de seguros ficaria significativamente diminuída. Sem uma testemunha, as circunstâncias em volta daquele evento nunca seriam totalmente reveladas. Sem uma testemunha, a verdade do que ocorreu naquele cruzamento nunca seria conhecida.

O funcionamento do sistema jurídico de um país depende da disposição de testemunhas confiáveis para relatar o que viram e ouviram. Uma testemunha muitas vezes tem de comparecer no

tribunal como parte de um julgamento. “Esta testemunha é, em todos os sentidos, uma das pessoas, mas... comparece diante do tribunal com duas credenciais: a testemunha viu algo [que é importante para o resultado do julgamento], e a testemunha está disposta a dizer a verdade sobre o que viu, toda a verdade e nada mais do que a verdade.”

Mas nem todos os actos de testemunhar têm lugar na sala do tribunal. Todos os dias contamos histórias verdadeiras uns aos outros, testemunhando coisas que vimos, ouvimos, sentimos, aprendemos e experimentamos. Damos testemunho da verdade de várias maneiras. Algumas pessoas são contadores de histórias naturais que nos levam numa viagem nas suas narrações. Outros preferem falar directamente e ir directos ao assunto.

Um bom romancista escreve histórias que testemunham a verdade da experiência humana através do uso de personagens fictícias. Um realizador dirige os actores a apresentarem-se de tal forma que testemunhem verdadeiramente uma história escrita por outro. Uma orquestra testemunha uma peça musical executando-a com sinceridade diante de um público - interpretando, mas não se desviando muito das notas originalmente escritas pelo compositor. Os artistas testemunham todo o alcance da experiência humana através de tinta, lápis, tela, computador, pedra ou argila. Os historiadores testemunham o passado reconstruindo os eventos numa cronologia verdadeira, discernindo o significado ao conectar as várias peças do passado. Os cientistas testemunham a validade das suas experiências publicando as suas investigações em revistas académicas revistas pelos seus pares.

O que sabemos sobre a vida neste mundo, como entendemos o passado e o presente, e até mesmo o que esperamos do futuro, é construído em grande parte com base em testemunhas. Como povo, estamos constantemente a aumentar a nossa compreensão do mundo em que vivemos através do testemunho daqueles que estão dispostos a dizer a verdade sobre toda uma gama de experiências humanas. O mesmo acontece com o nosso conhecimento de Deus, com base em testemunhas dispostas a falar com sinceri-

dade sobre o Deus que se aproxima, entrando na história humana de maneiras poderosas e humildes.

O povo do antigo Israel - os filhos e filhas de Abraão, Isaque e Jacó - foram os primeiros a dar testemunho do Deus que hoje conhecemos através da Bíblia como YHWH, o Senhor, Criador dos céus e da terra. Eles dão testemunho da verdade de que o Deus que cria também é aquele que chama e faz promessas de aliança. O Senhor é um Deus que abençoa e que envia. Este Deus também liberta, resgata, salva e redime. Os filhos de Israel experimentaram pessoalmente o poder redentor e libertador do Senhor nos eventos descritos em Êxodo. Eles escreveram canções que contavam com sinceridade a história de como Deus os libertou dos poderes do Egípto. A história foi contada aos seus filhos e, estes, instruídos a passá-la à geração seguinte. Era importante para os israelitas que cada geração desse testemunho à geração seguinte de como o Senhor os libertou da escravidão e os trouxe para a Terra Prometida.

O tabernáculo no deserto e, mais tarde, o templo em Jerusalém, testemunham a maravilhosa - e, às vezes, perigosa - presença do Senhor entre o povo. A lei de Moisés organiza a vida de Israel de tal forma que dá testemunho de um modo de viver no mundo que expressa a santidade, a misericórdia e a justiça do Senhor. E pelo testemunho dos profetas, sacerdotes e reis, a palavra e o caminho do Senhor são dados a conhecer ao povo de Israel e às nações. Quando o povo deixou de dar testemunho das obras salvíficas do Senhor, perdeu a sua identidade e foi enviado para o exílio, onde se lembra de quem é e a quem pertence. Durante o exílio, foi cultivado o anseio por um rei fiel e justo que faça de Sião um lugar de cura para as nações.

A vocação de Israel neste momento, enquanto povo escolhido por Deus, é dar testemunho da verdade de Deus entre todas as nações da Terra. “Vós é que



Se tivesse de escolher uma pessoa do Antigo Testamento que testemunhasse da salvação, do resgate ou do poder de cura de Deus, quem escolheria? Porquê? O que faz dessa pessoa uma testemunha credível?

sois as minhas testemunhas”, declara o Senhor em Isaías 43:10; em Isaías 43:12, “Eu sou Deus”; e em Isaías 43:13, “Eu sou esse Deus desde sempre”.

Quando Moisés sobe ao Monte Sinai, o Senhor diz-lhe:

Anuncia estas palavras aos descendentes de Jacob, aos israelitas: “Viram bem aquilo que eu fiz aos egípcios e como vos trouxe até junto de mim, como sobre as asas de uma águia. Portanto, se me obedecerem em tudo e forem fiéis à minha aliança, serão o meu povo preferido entre todos os povos, pois toda a terra me pertence. Serão para mim um Reino de sacerdotes e um povo consagrado.” Êxodo 19:3b-6a

Reflectindo sobre esta passagem, Michael Goheen escreve: “É difícil sobrestimar a importância destas palavras para entender o papel e a identidade de Israel.” Ele continua:

Israel deve personificar a intenção do Deus criador para toda a humanidade para o bem do mundo, vivendo de forma a atrair as nações para uma aliança com Deus. Ou, para usar a linguagem de Isaías, Israel é chamada a ser “uma luz para as nações” (Isaías 42:6).

Não há dúvida de que quando Jesus vem pregar e ensinar na Galileia, Ele entende a Sua missão como uma extensão e cumprimento da vocação missionária de Israel. “Eu sou a luz do mundo”, Jesus diz em João 8:12, “Quem me seguir deixa de andar na escuridão e terá a luz da vida.” Israel é chamada a ser uma luz para as nações. Jesus é a luz do mundo.

Em Apocalipse 1:5, João descreve Jesus como “a testemunha fiel. O testemunho de Israel é imperfeito. O testemunho de Jesus é perfeito. O escritor de Hebreus coloca-o desta forma:

Nos tempos antigos, Deus falou muitas vezes e de muitas maneiras aos nossos antepassados pelos profetas. Mas agora, que o fim está perto, falou-nos por meio do seu Filho. Foi por meio dele que Deus criou o Universo e a ele destinou como herança todas as coisas. Ele é o reflexo da glória de Deus e a imagem perfeita da sua pessoa. É ele quem sustenta o Universo pela sua palavra poderosa. (Hebreus 1:1-3a).

Jesus é a imagem do Deus invisível. Jesus personifica verdadeira e plenamente a intenção da criação de Deus para cada pessoa. Através da Sua vida, morte, ressurreição e ascensão, Jesus testemunha a presença e a realidade do Reino de Deus que está agora aberto a todos os que crerem, entrarem e o receberem. Jesus anuncia e personifica as Boas Novas de que, por meio do arrependimento e da fé n'Ele, todas as pessoas em todos os lugares são libertadas dos poderes das trevas e da morte; perdoadas da culpa e curados do flagelo do pecado; e acolhidas como filhas na comunhão amorosa e eterna do Pai, Filho e Espírito Santo. E de tudo isto, o Espírito Santo dá testemunho na vida dos crentes.

Esta é uma história que precisa de ser contada. É uma história que é para a vida do mundo. Jesus é o primeiro fruto da nova criação que está a chegar, Aquele que reconciliará toda a criação com Deus, o Criador. A igreja cristã de hoje é chamada a dar testemunho verdadeiro dessa história. A igreja dá testemunho da maravilhosa verdade de que Jesus é o Messias de Israel, bem como o verdadeiro Senhor do resto do mundo; que, em Jesus, o Reino de Deus se aproximou e está aberto e disponível para todos os que o receberem; que o Deus Criador alcançou o mundo através do Filho e do Espírito para envolver todas as pessoas no abraço resgataador, redentor e reconciliador de Deus, onde encontramos a vida. Os cristãos são enviados para testemunhar da sua experiência e participação no Reino de Deus. A “abreviação” para esta notícia é o Evangelho. Os cristãos são um povo cuja vida, juntos, no mundo dá testemunho do Evangelho.

Certa vez, fui ensinado que o Evangelho era um conjunto de proposições lógicas sobre Deus, a humanidade, o pecado e a salvação. Eu acreditava que testemunhar do Evangelho significava apresentar essas proposições de tal forma que convencesse uma pessoa a concordar com esses factos, orando a chamada “oração



De que formas é que Jesus cumpre a chamada de Israel para ser uma testemunha para as nações? Qual é a diferença entre o testemunho de Jesus e o testemunho de Israel?

do pecador”. O problema com esta abordagem é que não é assim que a Bíblia fala sobre o Evangelho. No Antigo Testamento, a palavra Evangelho foi usada para as Boas Novas de que o Reino de Deus - que liberta os cativos, traz exilados para casa, reconcilia os povos e renova toda a criação - se aproximou. Nos evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João, o Evangelho é a boa notícia de que o Reino de Deus sobre o qual os profetas do Antigo Testamento falaram finalmente chegou, na pessoa e na obra de Jesus Cristo. Os evangelhos são o Evangelho!

De acordo com Paulo, em 1 Coríntios 15:3-5, a mensagem do Evangelho inclui a notícia “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, que foi sepultado, que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e que apareceu a Pedro, e depois aos Doze. Mas esta não é toda a sua extensão. Paulo continua e inclui no seu relato do Evangelho as Boas Novas de que Jesus Cristo agora reina como Rei, e que um dia entregará o Reino a Deus Pai depois de ter destruído todo o domínio, autoridade e poder, incluindo o poder da morte. O Evangelho, portanto, conta toda a história de Jesus e as implicações resgatadoras, redentoras e reconciliadoras da Sua vida, morte, ressurreição, ascensão e retorno iminente para todas as pessoas e toda a criação.

Dar testemunho de Jesus no nosso mundo de hoje é representar toda a história de Jesus para todo o mundo de hoje. É falar e viver a verdade e nada mais do que a verdade - toda a verdade - sobre Jesus. Isto inclui o nosso testemunho do ministério de Jesus como um profeta maior do que Moisés, que graciosamente restaura o nosso conhecimento da vontade de Deus para a vida humana. Jesus é o maior professor que já viveu. Por exemplo, na passagem conhecida como Sermão do Monte (Mateus 5-7), Jesus apresenta uma visão convincente para uma vida plena e integrada. Mas também é o ministério profético de Jesus que nos chama a considerar como ficamos aquém da justiça do Reino de Deus e da nossa necessidade de perdão, reconciliação e novo nascimento, possibilitado pelo poder e presença do Espírito Santo.

Toda a verdade sobre Jesus inclui o testemunho de Jesus como grande sumo sacerdote. Na cruz, Jesus tomou sobre Si o nosso pe-

cado, fazendo a expiação completa pelo pecado humano. Através de Cristo, o nosso sacerdote, “cada um de nós tem a garantia do perdão dos nossos pecados, um perdão que inicia o nosso relacionamento restaurado com Deus e que nos mantém nesse relacionamento”.

Vivemos num mundo que é diariamente vandalizado pelo pecado. Participamos neste vandalismo tanto voluntária como involuntariamente, sobrecarregando-nos com a culpa. E somos vandalizados pelo pecado dos outros, o que nos enche de vergonha. Cristo, o nosso sacerdote, expia a culpa do pecado e remove a nossa vergonha, reconciliando-nos com Deus e uns com os outros.

Toda a verdade sobre Jesus inclui o testemunho de Jesus como Rei, o Pastor-Rei que traz cura nas Suas asas, que faz todas as coisas novas, restaurando a imagem de Deus para aqueles que foram reintegrados em Seu favor e reinando à direita de Deus até que todas as coisas tenham sido reconciliadas com Ele. Isto inclui a esperança de Apocalipse 11:15, o dia em que “o Reino do mundo se torna o Reino do nosso Senhor e do seu Messias, e Ele reinará para todo o sempre.” Esta é uma boa notícia para a vida do mundo, porque significa o fim da injustiça, da tirania, da dor, da opressão, do mal, do pecado e da morte. Jesus é o Rei pelo qual o mundo anseia, o Rei pelo qual toda a criação geme. Jesus é aquele que faz novas todas as coisas.

Quem irá fazê-lo? Quem testemunhará desta boa notícia? Quem contará a verdade, toda a verdade, sobre Jesus e o Reino de Deus? “Tu, igreja!” diz Jesus em Actos 1:8. Nós seremos testemunhas de Jesus.

Esta, então, é a nossa vocação, a missão da igreja cristã, a nossa missão de testemunho. Mas é mais do que apenas uma vocação, mais do que apenas um trabalho, mais do que uma tarefa, mais do



O que é que está a acontecer no mundo, hoje, que lhe causa mais preocupação?

O que é que está a acontecer na sua vida, hoje, que faz com que as outras pessoas se preocupem com as suas palavras, pensamentos ou acções?

que uma missão que somos obrigados a cumprir. Ser testemunha descreve a nossa própria identidade. Testemunha é quem somos chamados e escolhidos para ser. Quando Jesus diz: “Sereis minhas testemunhas” em Actos 1:8, está a fazer uma promessa aos Seus discípulos, não a dar-lhes um mandamento. E, por extensão, está a fazer-nos uma promessa hoje; seremos testemunhas de Jesus Cristo e do Reino de Deus nas nossas cidades, bairros, vilas e aldeias.

É claro que, quando Jesus diz pela primeira vez estas palavras aos apóstolos em Actos 1:8, Ele está a falar com aqueles que estiveram fisicamente com Ele desde o início do Seu ministério público, começando com o baptismo de João, durante todo o Seu ministério na Galileia, até à Sua rejeição, paixão, morte e ressurreição, e até ao momento em que Ele retorna ao Pai na ascensão. Ele está a falar com aqueles que experimentaram pessoalmente o poder do Reino de Deus por meio dos Seus milagres: restaurar a visão dos cegos, curar os leprosos, resgatar as pessoas da possessão demoníaca, ressuscitar os mortos, perdoar os pecadores, pregar as Boas Novas aos pobres.

Mas nós, na igreja cristã, também somos aqueles que experimentaram o poder resgatador, redentor, libertador, reconciliador e vivificante do Reino de Deus em Jesus Cristo. Podemos falar com verdade sobre os momentos nas nossas vidas em que experimentámos a libertação da culpa e da vergonha do pecado; sobre as vezes em que experimentámos a graça e o amor de Deus envolvendo-nos na vida misteriosa e trinitária de Deus de maneiras maravilhosas; sobre as vezes em que experimentámos a ajuda de Deus para amar e servir outros de maneiras contrárias à nossa própria natureza; sobre como Deus trabalhou na vida das nossas famílias. Por exemplo, posso testemunhar como o Senhor resgatou os meus bisavós dos poderes opressivos da Rússia comunista e os entregou em segurança ao Canadá. Testemunhamos o que aprendemos e ouvimos, e também o que experimentamos pessoalmente.

E não estamos sozinhos no nosso testemunho. Os apóstolos não são as únicas testemunhas de Jesus. Em João 5:31-47, Jesus fornece uma lista de outras testemunhas, incluindo João Batista; os milagres que ele fez; o Pai, que diz no baptismo de Jesus: “Tu és

o meu Filho amado, em ti me comprazo”; e as Escrituras, toda a Bíblia, dão testemunho da verdade sobre Jesus.

Quando adicionamos essas testemunhas ao testemunho dos apóstolos e agora - dois mil anos depois - ao testemunho de toda a igreja cristã ao longo dos tempos, é encorajador saber que estamos hoje entre uma grande nuvem de testemunhas! Não somos as primeiras testemunhas e não seremos as últimas. E não nos é pedido que sejamos vozes isoladas, solitárias, clamando no deserto. Agora estamos lado a lado com todo o povo de Deus ao longo dos tempos, em todo o mundo, e reunidos nas nossas congregações locais. Juntamente com todos os nossos irmãos e irmãs, vivemos como testemunhas de Jesus e das implicações resgatadoras, redentoras e reconciliadoras da Sua vida para cada pessoa e para toda a criação.

Portanto, não é apenas cada um de nós como indivíduos que é chamado a testemunhar, mas todos nós, juntos, enquanto corpo de Cristo, enquanto cristãos. Todos os que foram cativados por esta história e pelas Boas Novas do Reino de Deus, no Antigo e no Novo Testamento; todos os que olharam para Jesus e encontraram resgate, redenção e reconciliação; todos os que foram batizados e receberam o Espírito Santo; todos os que estão cheios do amor de Deus e desejam partilhar o amor de Deus com os outros, tornam-se parte da comunidade de testemunhas. Somos todos, juntos, pelo poder do Espírito Santo, testemunhas de Jesus Cristo.

Durante muito tempo, imaginei o testemunho cristão como algo isolado e solitário. Quando pensava numa testemunha eficaz, pensava em alguém como Billy Graham, uma figura imponente, sozinha atrás de um púlpito, pregando sobre Jesus enquanto as multidões observavam. Pensava numa testemunha como uma mulher numa esquina, sozinha, a distribuir folhetos aos que passavam, implorando que as pessoas a ouvissem. Imaginava um casal missionário, despedindo-se da sua família e amigos, entrando num avião e viajando para uma terra distante para falar às pessoas sobre Jesus. Na verdade, na maioria das vezes em que pensava em testemunhar, pensava em actividades que deveria fazer à parte da igreja cristã, actividades que seguiria longe da comunidade

de fé. Durante algum tempo, até acreditei que o papel principal da igreja era equipar-me para ser uma testemunha e depois enviar-me para o terreno por conta própria. Ouvi sermões que me exortavam, como indivíduo, a sair e a alcançar as pessoas para Jesus. Talvez tenha ouvido e entendido isto erroneamente, como uma busca individual, ou talvez tenha ouvido algumas pregações equivocadas, mas não me pareceu que ser testemunha fosse um trabalho de equipa.

Imaginei testemunhar como uma actividade solitária e acreditava que era minha responsabilidade individual testemunhar



Quando imagina alguém a testemunhar, o que lhe vem à mente? Imagina uma actividade solitária, ou uma actividade feita com outras pessoas?

aos meus amigos, vizinhos, colegas de trabalho e familiares não salvos. Tornou-se, muitas vezes, um fardo enorme para carregar, e sentia que, se não estava à procura de oportunidades individuais de testemunhar a indivíduos não salvos por conta própria, estava, de alguma forma a decepcionar Deus. Estava a falhar. Não estava a fazer o que Deus esperava que eu fizesse. Não acredito

mais nisto, não é o que Actos 1:8 nos diz.

Jesus está a falar com a sua comunidade de discípulos. Ele está a falar com as mulheres e homens que estiveram com Ele e que agora constituirão a nova comunidade que se chama pelo Seu nome. Repare que todos os pronomes em Actos 1:8 estão no plural. Todos receberão poder, diz Jesus. O Espírito Santo virá sobre todos vós. E todos vós serão minhas testemunhas. Todos juntos!

Nunca testemunhamos sozinhos. Temos o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade, a habitar dentro de nós. “Receberão poder ao descer sobre vós o Espírito Santo”, promete Jesus. Receberão, e serão. Estas são palavras de dádiva e promessa. A nossa vocação, a nossa missão de testemunho, é um dom do Espírito Santo.

Mas, como todos os dons do Espírito, o dom é-nos dado, mas não é exclusivamente para nós. O dom é-nos dado para o mundo. O nosso testemunho é ser uma testemunha pública para o mundo. O

testemunho é para outros; para os que estão “em Jerusalém, e em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”.

Jesus acredita que o mundo precisa de testemunhas. Jesus acredita que o mundo precisa de provar, ver, ouvir e experimentar as Boas Novas do Reino de Deus. O mundo precisa de saborear, ver, ouvir e experimentar que o Evangelho - as Boas Novas de que o Reino de Deus, em Cristo - se aproximou e está aberto e disponível para todos os que se voltarem e o receberem. A nossa vocação como congregação cristã é, portanto, um dom e uma chamada. É um dom dado à sua igreja pela vida da sua comunidade.

São necessárias testemunhas em lugares como Seattle e Vancouver, onde eu morava. Vancouver é uma cidade em que a maioria das pessoas não conhece ou esqueceu-se da história de Jesus. Há alguns anos, um casal chinês, professores visitantes na University of British Columbia, mudou-se para o nosso bairro e encontrou a nossa igreja. Eles juntaram-se ao nosso grupo de conversação em inglês e continuaram a frequentá-lo por causa do calor e da hospitalidade da nossa congregação. Numa reunião do grupo, a família ouviu falar do adorno verdejante, uma tradição em que decoramos a igreja para o Advento e para o Natal. Eles apareceram e perguntaram se podiam ajudar. Uma mulher da nossa igreja chamada Faye deu-lhes o trabalho de montar o presépio, a cena da manjedoura. Quando desembulharam as estatuetas, perguntaram a Faye: “quem são estas pessoas?” Eles não conheciam a história de Maria e de José, dos pastores, dos magos e do menino Jesus.

Mas não são apenas os imigrantes chineses que não conhecem esta história. No mesmo mês em que Faye me contou esta história, também me contou sobre uma experiência que teve ao participar num programa de Natal noutra igreja em Vancouver. Uma senhora canadiana elegante de trinta e poucos anos sentou-se perto de Faye. Ela inclinou-se e perguntou: “quem é que aquelas figuras na mesa em frente ao santuário representam?” Ela estava a perguntar sobre o presépio. Ela também não conhecia a história de Maria, José, os pastores, os sábios e o menino Jesus! São necessárias testemunhas em Vancouver.

Ao considerarmos o nosso testemunho nas nossas cidades, bairros, vilas e aldeias de hoje, pergunto-me se podemos imaginar a dimensão geográfica do testemunho sobre o qual Jesus falou aos seus apóstolos em Actos 1:8 - em Jerusalém, toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra - e aplicá-lo às pessoas no seu contexto local, onde a sua igreja está sediada. Em vez de usar a proximidade geográfica, talvez possamos pensar em ser testemunhas em Jerusalém como referindo-se ao nosso testemunho entre aqueles que estão mais próximos da história de Jesus. Já entre nós estão aqueles a quem damos testemunho. Este é o nosso testemunho às amadas crianças da comunidade cristã. O nosso testemunho enquanto comunidade cristã começa nas nossas casas, nas salas de aula da escola dominical das nossas crianças, no nosso santuário, na mesa de jantar, no pequeno grupo, no serviço aos outros em conjunto e através das rotinas normais da vida familiar e congregacional. As nossas crianças, jovens, jovens adultos, adultos e idosos são todos beneficiários do nosso testemunho. Testemunhamos uns aos outros sobre tudo o que vimos, ouvimos e sabemos sobre Jesus. Deus ama todas as crianças da igreja, assim como os jovens e os idosos. As crianças amadas da igreja cristã são as primeiras beneficiárias do nosso testemunho - as primeiras a quem o nosso testemunho conjunto se dirige. A nossa Jerusalém somos todos nós.

Expandindo esta metáfora, a Judeia e a Samaria podem referir-se ao nosso testemunho entre aqueles que já fizeram parte da comunidade cristã, mas desconectaram-se da igreja por uma razão ou por outra. Walter Brueggemann chama a estas pessoas “esquecidos”. Os “esquecidos” são “iniciados na fé que se tornaram descuidados, cansados, exaustos e cínicos em relação à fé.” As crianças amadas da comunidade tornam-se esquecidas por uma variedade de razões. Às vezes, o desacordo dentro da igreja afasta as pessoas. Outros são incapazes de resolver as questões difíceis da fé e da vida e, conseqüentemente, desvinculam-se da igreja. Na América do Norte, onde o culto dominical já não é protegido como um tempo sagrado, os esquecidos são muitas vezes aqueles que se ocupam demais com a vida, trabalho, desporto, crianças, lazer, compras, etc., para prestar atenção a Deus.

Brueggemann aponta a riqueza como um dos principais contribuintes para o “esquecimento” na vida de Israel no Antigo Testamento: “num contexto de prosperidade abastada, Israel acabou por se esquecer da sua memória, abafar o Deus da memória, desconsiderar as exigências desse Deus e perder a alegria da aliança com Yahweh. Hoje, apenas 2 ou 3 por cento das pessoas em Vancouver estão significativamente ligadas a uma igreja cristã local. Alguns dos 97% que não estão ligados à igreja são “esquecidos”. Há alguma memória cristã. Estas pessoas podem visitar a igreja no Domingo de Páscoa ou pedir-nos para baptizar os seus filhos ou realizar os seus casamentos. A maioria é indiferente à igreja, enquanto outros se tornaram críticos ou mesmo abertamente hostis ao cristianismo.

A igreja cristã deve perseverar no seu testemunho entre os esquecidos. Deus não se esqueceu dos esquecidos. Os esquecidos são o filho perdido, a ovelha perdida e a moeda perdida de Lucas 15. São preciosos para o nosso Pai Celestial. Devemos continuar a dar testemunho da verdade sobre Jesus num mundo que, de muitas maneiras, procurou intencionalmente empurrar a igreja para fora da vida pública e procura relegar o testemunho cristão para a arena interior e privada das almas individuais. Mas não podemos ficar calados sobre o que vimos e ouvimos! O Evangelho é para o mundo inteiro, não apenas para as pessoas da igreja. O Evangelho é uma boa notícia para os esquecidos.

Os terceiros beneficiários do nosso testemunho são os estranhos, os que estão fora da igreja. Se aplicarmos a dimensão geográfica do testemunho da igreja ao nosso contexto local, os “confins da terra” podem referir-se àqueles nas nossas cidades, bairros, vilas e aldeias que são verdadeiramente estranhos à história de Jesus. Isto incluiria aqueles que nunca receberam um verdadeiro relato da história. Pode incluir aqueles que nunca viram verdadeiramente o Evangelho em acção e aqueles cujos pais nunca se preocuparam em falar com eles sobre coisas espirituais. Também incluiria os esquecidos que estão fora há tanto tempo que se tornaram estranhos.

Na parábola de Jesus sobre o grande banquete de casamento, que tem tudo a ver com o convite para entrar no Reino de Deus, os iniciados ignoram o convite para a festa. “Então aquele senhor insistiu: ‘Vai pelos caminhos e pelos atalhos e obriga-os a vir, para que a minha casa fique cheia.’” (Lucas 14:23). Deus envia os Seus servos para encontrar e acolher as pessoas que são estranhas à presença de Deus. No meu contexto, vemos muitos imigrantes nos Estados Unidos e no Canadá que são verdadeiramente estranhos à história de Jesus e ao Reino de Deus. Eles vêem o cristianismo como uma religião ocidental e associam-no às piores formas de imperialismo cultural.

Deus ama quem está de fora. Deus ama aqueles que não sabem que o Reino está aberto para eles. O Reino de Deus é para os estranhos. São necessárias testemunhas entre os estranhos que estão lá fora. Os confins da terra mudaram-se para a porta ao lado. O Mestre preparou um banquete luxuoso e quer que eles entrem! A sua igreja é uma testemunha para quem está de fora? Os imigrantes, estranhos e sem igreja do seu bairro sabem que são bem-vindos na sua igreja ou à sua mesa de jantar?

Não é fácil ser uma testemunha hoje. Mas nunca foi fácil. Em grego, a palavra para testemunha é mártir. Hoje, um mártir re-



Alguma vez ficou de fora em algum contexto, como emigrar para um novo país ou ser um visitante de uma igreja com tradições desconhecidas? Como foi essa experiência? Quem lhe deu as boas-vindas? Quem o ajudou a adaptar-se e a compreender o seu novo ambiente?

fere-se àqueles que sofrem ou são condenados à morte pelo seu testemunho. Devemos manter as palavras testemunha e mártir juntas para que não nos surpreendamos com a dificuldade e o custo de ser uma testemunha de Jesus. Mas antes que Jesus revelasse o custo, Ele prometeu a Sua ajuda divina em Actos 1:8: “Mas receberão poder ao descer sobre vós o Espírito Santo e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos lugares mais distantes do mundo.” Seja encorajado por esta promessa. Deus está a cumprir esta promessa hoje

nos lugares onde adora, comunga, cria a sua família, trabalha, se diverte e serve. Recebeu o poder e tem o Espírito. Não está sozinho. Somos testemunhas juntos.



## O nosso testemunho de adoração

---

*Actos 1:11: “Galileus! Por que estão aí parados a olhar para o céu? Este mesmo Jesus que do vosso meio foi elevado ao Céu, voltará da mesma maneira como agora o viram subir.”*

---

“Quirks & Quarks” é um programa de rádio premiado, focado em ciência, da Canadian Broadcasting Corporation. Todas as semanas, o anfitrião entrevista as pessoas por trás das últimas descobertas nas ciências físicas e naturais. Num domingo de Páscoa, após o nosso culto, estava a conduzir para casa e a ouvir uma conversa entre o anfitrião, Bob McDonald, e Justin Barrett, um dos vários investigadores que procuram as raízes da crença religiosa nos nossos cérebros. A pergunta que ele faz é a seguinte: como e por que razão é que os humanos são construídos, biologicamente, para acreditar num ser divino? Barrett sugere que nós, seres humanos, temos aquilo a que um investigador chama de “dispositivo de detecção de entidades” programado nos nossos cérebros, que é a capacidade de identificar seres intencionais no ambiente ao nosso redor.

Pense nisto desta forma. Já estive ao ar livre a desfrutar de uma caminhada quando, de repente, um sinal de alerta dispara na sua cabeça, fazendo-o perguntar-se: que barulho foi este? Em resposta, dá por si à procura do que sente ser a presença de outro ser ao seu redor. Ou quando está em casa sozinho à noite e de repente

se questiona, “quem está aí?” porque ouviu um rangido na outra sala. Barrett acredita que este mecanismo cognitivo é altamente afinado porque a detecção de outras entidades, ou agentes intencionais, no nosso ambiente era extremamente importante para os nossos antepassados. Era importante saber se a origem do barulho era um aliado ou um inimigo.

Os humanos são programados para estarem sintonizados à presença de outros seres. Somos criaturas sociais, que são, por natureza, atentas aos outros à sua volta. Essa capacidade, segundo algumas teorias, explica o desenvolvimento da religião, porque “o outro” era percebido como um ser ou espírito divino. No final da entrevista, o anfitrião McDonald pergunta a Barrett se ele próprio é religioso. Barrett responde, “sim, sou”, e explica que é cristão. McDonald pergunta-lhe se a sua fé cristã é desafiada pela sua investigação sobre o fundamento natural da crença. Barrett responde:

“De modo algum. De uma perspectiva cristã, a noção de que existe algum tipo de fundamento natural para a crença, algo nos nossos cérebros, conectado com a nossa estrutura cognitiva, que nos torna atentos ao outro divino não nos deve surpreender. Deus criou-nos com um sentido do divino embutido em nós, e isso teria que ser trabalhado em algum tipo de arquitectura cognitiva.”

Fomos criados com a capacidade de conhecer e ser conhecidos por Deus. Fomos criados com a capacidade de estar atentos à presença de Deus no nosso meio e de responder, voltando a nossa atenção para a presença divina.

Na história contada em Génesis, o primeiro homem e a primeira mulher são criados com a capacidade de estar atentos à presença do Senhor no meio deles. Eles são criados para a comunhão com Deus. Eles deliciam-se com a presença d’Ele até ao dia em que cedem à tentação de parar de confiar nas boas intenções de Deus para com eles. Aí, procuram desenvolver a sua vida à par-



Alguma vez ficou  
subitamente ciente  
da presença de  
Deus? Como foi essa  
experiência? Onde  
aconteceu?

te de Deus, cobiçando o conhecimento do bem e do mal, sem a referência divina. Depois da mulher e do homem estenderem as mãos, agarrando e comendo da árvore do conhecimento do bem e do mal, ouvem um sussurro no jardim. Pode dizer-se que o dispositivo de detecção de entidades foi activado. E eles percebem que é o Senhor. Agora enfrentam a escolha de se esconderem ou de se apresentarem ao Senhor. Pela primeira vez, eles perguntam-se: Deus é aliado ou inimigo? Com o conhecimento do bem e do mal e a consciência de que desconsideraram o mandamento de Deus, eles têm medo e escolhem esconder-se.

Desde então, as pessoas têm-se voltado para o Senhor ou afastado d'Ele. No entanto, as pessoas continuam a querer encontrar maneiras de responder à presença divina que está a sussurrar no mundo. Ao longo dos séculos, os teólogos cristãos - de Santo Agostinho a Blaise Pascal e C. S. Lewis - sugeriram que há um vácuo em forma de Deus no coração de cada pessoa, e ele nunca poderá ser preenchido por nenhum elemento criado. Alguns rejeitam o Deus que os criou e constroem deuses à sua própria imagem, tentando preencher esse vazio em forma de Deus nos seus corações. Na linguagem de Romanos 1:25, as pessoas “trocaram o verdadeiro conhecimento de Deus pela mentira. Adoraram e serviram coisas criadas em vez de adorarem e servirem o próprio Criador, Ele que deve ser adorado eternamente!”

A Bíblia diz claramente que Deus está amorosamente interessado em que as pessoas O conheçam e que O adorem exclusivamente. O Deus de quem a Bíblia dá testemunho é o Deus que cria e redime; o Deus que salva e resgata; o Deus que chama e envia. As Escrituras são claras de que este Deus, o Deus que o apóstolo Paulo primeiro conhece como o Senhor Deus de Israel, e vem a conhecer depois como o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, é eternamente adorado. Embora muitas pessoas no nosso mundo de hoje se tenham afastado de Deus e já não adorem o seu Criador, Ele é para sempre louvado. Dia após dia, as criaturas “no céu, e na terra, e debaixo da terra, e sobre o mar, e sobre tudo o que neles há” continuam a louvar a Deus, dizendo, “àquele que está sentado

no trono e ao Cordeiro, o louvor e a honra, a glória e o poder por todos os séculos dos séculos” (Apocalipse 5:13).

Sempre e onde quer que os cristãos se reúnam para adorar, juntamo-nos a este coro de louvor, elevando as nossas vozes juntamente com a criação e todos os santos ao longo dos tempos, testemunhando daquele que reina através da nossa adoração. Este é o que nos procurou e nos chamou pelo nome. Este abriu caminho nas nossas vidas e cativou a nossa atenção e, ao voltarmos para Ele, encontrámos vida, alegria e salvação!

A adoração cristã é fundada na revelação do eu de Deus em Jesus Cristo e envolve a nossa resposta corporativa, voltando a nossa atenção para Ele em louvor, como aqueles que O conhecem como salvador, redentor e amigo. Na adoração, voltamos a nossa atenção para o outro divino, o santo que está entre nós, unindo-nos ao eterno coro de louvor àquele que conhecemos como Pai, Filho e Espírito Santo. A adoração é, portanto, uma das maneiras centrais pelas quais a igreja cristã testemunha da presença do Deus vivo no nosso mundo. Na adoração, damos um nome ao “agente intencional entre nós”, o criador, redentor e sustentador de todas as coisas, aquele por quem os nossos corações anseiam.

Na adoração, mostramos e contamos a história de um Deus que nos procurou; um Deus que entrou na história humana para resgatar, redimir, curar e salvar.

Na adoração, divulgamos as Boas Novas da realidade e a disponibilidade do Reino de Deus revelado na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo. Na adoração, rerepresentamo-Lo ao mundo, tornando-O conhecido através da nossa oração e louvor; através da leitura e pregação da Palavra; através das artes, do drama e da acção simbólica; através da comunhão que partilhamos com Cristo e uns com os outros por meio do Espírito; através da partilha económica, oferta e distribuição de presentes aos pobres, à imagem do Deus que dá bons presentes aos Seus filhos e cuida dos órfãos e das viúvas; e através do partir



Nos cultos de adoração da sua igreja, como é que a atenção da congregação se volta para a presença de Jesus entre vós?

do pão à mesa e beber do cálice do Senhor. A adoração cristã é um testemunho cristão. A adoração cristã é um testemunho para todos os povos da terra de que o Deus que busca a nossa atenção não é um outro desconhecido, mas alguém que nos ama e deseja habitar entre nós. O seu nome é Emanuel; Ele é Deus conosco.

Pela forma como Lucas conta a história no seu evangelho e no livro de Actos, a ascensão de Jesus ressuscitado torna-se a fonte e o fundamento da adoração cristã. Marva Dawn escreve:

Para Lucas, a ascensão é essencial. (...) A ascensão é tão importante porque foi quando Jesus recebeu novamente a Sua glória. (...) Na ascensão, Jesus tomou novamente o Seu lugar como o resplandecente Senhor do Reino e disponibilizou-nos todos os seus benefícios.”

Numa das primeiras canções de adoração cristã gravadas, a ascensão de Jesus é identificada como a fonte energizante do louvor cristão que traz glória a Deus, o Pai, e dá testemunho da posição exaltada de Jesus como o verdadeiro Senhor do mundo. O nosso testemunho de adoração é o testemunho do Jesus ressuscitado e ascendido, aquele que Se esvaziou, tornando-Se obediente até à morte; aquele que agora reina nas alturas e um dia voltará a reinar na terra como agora reina no céu. O nosso testemunho de adoração é, portanto, um testemunho do Reino de Deus e do seu Rei presente e vindouro, Jesus.

A ascensão de Jesus é também o ponto de partida da missão cristã de testemunho. “Por que estão aí parados a olhar para o céu?”, dizem os anjos em Actos 1:11. É hora de ir!

“Vocês serão minhas testemunhas”, disse-lhes Jesus, “em Jerusalém, e em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra.” Somos enviados ao mundo como adoradores que se reúnem regularmente, na maioria das vezes no primeiro dia da semana, para proclamar louvores ao nosso Rei ressuscitado. Muitas das grandes cidades do mundo de hoje estão cheias de pessoas que ainda não reconheceram a presença do Jesus ressuscitado e ascendido, que está agora activo no mundo, através do Espírito, para libertar, resgatar, redimir e salvar. Os “dispositivos de detecção de entidades”

destas pessoas não estão sintonizados com a actividade e a presença do Espírito Santo.

Vancouver é uma cidade cheia de pessoas que buscam a espiritualidade. Está cheia de deuses - literalmente cheia de ídolos. Se entrar em qualquer restaurante ou mercearia em East Vancouver, verá um Buda da terra no chão, ou uma representação do Buda do céu perto do tecto. Verá um retrato de Krishna na parede ou um guru sikh. As pessoas estão a tentar ligar-se espiritualmente, mas não sabem que é Jesus quem as procura!

O nosso Deus deseja ser conhecido. Deus criou-nos para conhecermos e sermos conhecidos. Jesus veio e andou entre nós, não como um fantasma que nos “assusta durante a noite”, mas como uma pessoa real, de carne e osso, para que pudéssemos saber como Deus é. Deus está à nossa procura. Como cristãos, acreditamos que a verdadeira realização e florescimento humanos não acontecerão até que todas as nações venham a conhecer e a adorar o Deus vivo e verdadeiro. Ele está à procura de adoradores.

Na história do povo de Israel no Antigo Testamento, aprendemos que um dos propósitos de Israel é proclamar a glória de Deus entre as nações, através da sua adoração, para que a glória de Deus possa preencher todo o espaço e toda a história e trazer a alegria e a paz de Deus às nações. Considere o Salmo 96:

Cantem ao Senhor um novo cântico; cantem ao Senhor todos os habitantes da terra;

cantem ao Senhor, bendigam o seu nome; proclamem dia após dia a sua salvação.

Anunciem entre os povos a sua glória e em todas as nações as suas maravilhas,

porque o Senhor é grande e digno de louvor, mais temível que todos os deuses!

Esses deuses não valem nada; foi o Senhor que criou os céus.



Como é que as pessoas estão a tentar estabelecer ligações espirituais na cidade, vila ou aldeia onde vive?

Na sua presença há esplendor e majestade; no seu santuário há poder e beleza.

Que todos os povos da terra louvem o Senhor e proclamem o seu poder e glória!

Dêem ao Senhor a honra que lhe é devida; entrem nos seus átrios, para lhe fazerem ofertas!

Inclinem-se diante do Deus santo, que se manifesta cheio de glória; que toda a terra trema diante dele!

Proclamem ao mundo inteiro: «O Senhor é rei!»

Por isso, a terra está firme e segura; Deus governa os povos com equidade.

Diz-se que a missão acontece porque a adoração não acontece. A nossa adoração é testemunho quando mostramos e contamos ao mundo as Boas Novas sobre o Reino de Deus e convidamos outras pessoas a juntarem-se ao louvor. A adoração da igreja cristã é testemunho para os estranhos, para os esquecidos e para As crianças amadas da igreja.

John Dickson, um estudioso do Novo Testamento e evangelista da Austrália, conta a história da sua amiga Emma, que, nas suas palavras, era “uma jovem mãe porreira” que trabalhava como produtora de TV na sua cidade. Quando John conheceu Emma, ela alegou ser ateia. Numa das suas primeiras conversas importantes, ela disse-lhe: “Olha, sou ateia, fui criada como ateia, por isso não te preocupes em tentar converter-me, ok?”

Certo domingo, Emma foi à igreja que John frequentava para apoiar uns amigos em comum cujo filho iria ser baptizado. A cerimónia de baptismo não era o foco do culto; foi incluída como um segmento do tipo do que muitas congregações fazem semana após semana: anúncios, música, leitura das Escrituras, oração, ofertas e pregação.

Emma contava em dois dedos o número de cultos em que estivera ao longo dos anos, mas saiu daquele culto, nas suas palavras, “surpreendida com o sentimento espiritual de tudo”. Ela voltou na semana seguinte, e na seguinte, e na

seguinte. Todas as semanas ela dizia a mesma coisa [a John]: “Olha, não sou religiosa, mas bolas, estou a gostar disto!”

O “dispositivo de detecção de entidades” de Emma estava a disparar no seu cérebro, alertando-a para os anseios mais profundos do seu coração. Através do culto de adoração, ela ficou atenta à presença do Senhor que a amava e a procurava. Ela voltou para aquela igreja para adorar vez após vez. Desde então, Emma tornou-se seguidora e adoradora de Jesus Cristo. Não aconteceu tudo de uma vez, mas lentamente, ao longo do tempo.

Para Emma, foi a mesma coisa que ela antes desdenhava - um culto cristão - que a atraiu para a comunhão com o Cristo ressuscitado e ascendido. Os cultos em que Emma participou não foram especificamente projectados para alcançar pessoas de fora. Eram simplesmente cultos normais e semanais de uma igreja local, onde o louvor, a adoração, a confissão, a oração, a pregação da Palavra e a comunhão à mesa eram fielmente praticados. Estes cultos de adoração eram liderados por mulheres e homens de Deus comuns e humildes. Mas foi precisamente no contexto do testemunho comum de adoração que Emma se tornou atenta ao Deus do amor redentor à sua volta; aquele por quem o seu coração ansiava. A adoração de um povo que declarou a glória de Deus e contou a história de Jesus, deu testemunho desse Deus que a procurava, em amor. Este é o nosso testemunho de adoração.

Para as pessoas de fora, poderá ser um ministério da sua igreja local durante a semana que fará a primeira conexão, muito antes de entrarem no culto de Domingo. Muitos dos estranhos que encontraram o seu caminho para os nossos cultos em Vancouver entraram primeiro nas aulas em que aprenderam e praticaram inglês.

A igreja de Vancouver tem regularmente homens e mulheres nos cultos de adoração que nunca ouviram a história de Jesus, mas que vêm por causa dos relacionamentos que são construídos através do trabalho de alcance aos nossos vizinhos imigrantes. No culto de adoração, eles ouvem pela primeira vez o nome do Deus que os ama e os tem procurado. Na adoração, eles começam a entender por que razão aquelas pessoas são tão hospitaleiras e gentis.

A adoração que é testemunha é dirigida a Deus, e não direccionada para as pessoas de fora. Mas é para os de fora, no sentido em que, na adoração, os convidamos a vir, provar e ver que o Senhor é bom.

Os visitantes da igreja podem facilmente sentir-se ameaçados se suspeitarem que todo o evento é-lhes dirigido. Mas quando sentem a liberdade de simplesmente observar o que os cristãos fazem - orando ao Senhor, dando-Lhe graças, ouvindo a Sua Palavra - os visitantes muitas vezes ficam mais à vontade, menos à defensiva e mais abertos às coisas que ouvem.

A adoração cristã também é testemunho para os esquecidos, aqueles que já podem ter feito parte da igreja, podem ter algum conhecimento ou experiência com Deus, mas que não participam mais activamente do testemunho da adoração. E porque deixaram de adorar, acabaram por se esquecer de Deus.

No verão de 2006, investigadores realizaram uma pesquisa com 469 adultos que frequentavam igrejas na América do Norte para entender melhor o que seria necessário para os trazer de volta. “Ficámos muito satisfeitos ao ver uma percentagem tão grande de pessoas que já tinha frequentado a igreja, dispostas a considerá-la novamente no futuro”, disse Scott McConnell, que dirigiu o estudo. A motivação mais comum dos que consideravam regressar era “aproximar-me de Deus”.

Cloe era uma esquecida que encontrou o seu caminho para o culto em Vancouver através do convite de um conhecido que nem sequer frequentava a igreja. Desgostosa com o abuso e a corrupção da igreja em que cresceu no Quebec, Cloe esteve longe da igreja durante muitos anos. Mas manteve o amor por Jesus e o desejo de saber mais sobre o Deus de quem ouviu falar pela primeira vez quando ainda era criança. Agora, como adulta, ela procurava uma forma de se reconectar com Deus.

Durante o canto de um antigo hino no culto matinal, o coração de Cloe foi inundado pela presença do Espírito Santo, e ela tomou a decisão de continuar a adorar o Cristo ressuscitado e ascendido com a nossa igreja. No Domingo de Páscoa, esta congregação ofe-

rece aos adultos esquecidos a oportunidade de se lembrarem do seu próprio baptismo durante a parte baptismal do culto. Numa Páscoa, Cloe ficou diante da congregação e reafirmou os seus votos baptismais, confessando publicamente a sua fé em Jesus Cristo e o seu desejo de viver como uma fiel seguidora de Jesus. Ano após ano, há um número crescente de adultos esquecidos em Vancouver que querem reafirmar a fé da sua infância, uma fé que talvez tenha esfriado por um tempo, mas que foi reavivada através da participação activa na vida e na adoração da igreja local.

O culto regular, fiel - às vezes previsível - de Domingo testemunha aos esquecidos que o visitam através do convite de um amigo ou por outras razões. As igrejas precisam de estar atentas a este grupo de pessoas. Podem ter estado fora durante algum tempo, mas queremos que saibam que são bem-vindos e acolhidos quando voltarem.

O culto semanal também é um testemunho para os filhos amados da comunidade, tanto para as crianças quanto para os adultos. Na adoração, testemunhamos uns aos outros de tudo o que vimos, ouvimos e experimentamos. Na adoração, os nossos filhos aprendem a história de Deus cantando os cânticos da nossa fé. Eles vêem a generosidade de Deus em acção enquanto recolhemos as ofertas e contamos histórias de como estes donativos são usados para trazer vida do mundo. Ouvem as histórias da Bíblia e como essas mesmas palavras se aplicam às nossas vidas através da leitura e da pregação da Palavra. Experimentam o Deus Santo através de expressões artísticas e simbólicas da presença de Deus. E aprendem a orar ao ouvir as orações do povo.

Os nossos filhos são confirmados como participantes plenos da comunidade de adoração através do baptismo, num culto de adoração, e são encorajados a partilhar os seus dons no culto de adoração como músicos, leitores das Escrituras, ajudantes ou ar-



Como é que a sua igreja ajuda os esquecidos a encontrar o caminho de volta para a adoração corporativa regular? Há disparidade geracional na sua igreja? Em caso afirmativo, para onde é que essas pessoas foram?

tistas das artes dramáticas. A participação regular e activa no culto dominical é uma das principais fontes de formação espiritual para as nossas crianças, jovens e adultos. Quando era criança, na igreja, aprendi sobre a graça de Deus ao cantar um hino chamado “Maravilhosa Graça”. Ainda me lembro do meu pai a segurar o hinário para eu ver e seguir o seu dedo enquanto cantávamos estas palavras: “Graça, quão maravilhosa graça. Como o firmamento e sem fim! É maravilhosa. É tão grandiosa. É suficiente para mim!”

Recentemente, ouvi o meu filho ainda pequeno a cantar para si mesmo no quarto: “Cristo, move as montanhas; e tem poder para salvar, tem poder para salvar”, uma canção que é popular na nossa igreja hoje em dia. As canções mudam, mas a formação espiritual da adoração permanece. A nossa adoração testemunha às nossas crianças, jovens e adultos, a todos os filhos amados da igreja.

A adoração que é testemunho, molda a vida dos cristãos no mundo. Por outras palavras, o padrão do próprio culto de adoração equipa-nos para o nosso testemunho no mundo. “Reunidos na comunidade dos santos, somos formados pela verdade ensinada nas músicas de adoração e na Palavra, a ser Igreja, para que, do nosso carácter cristão, flua o testemunho das nossas palavras e acções para o bem do mundo”. Uma das melhores formas de equipar uma congregação para testemunhar ao mundo é a adoração regular e corporativa. O ritmo do discipulado cristão passa da adoração para o testemunho. Semana após semana reunimo-nos na presença do Senhor ressuscitado e somos enviados de volta ao mundo para representar o Reino de Deus na terra tal como é no céu. Todas as semanas envolvemo-nos no padrão de discipulado que vemos no próprio ministério de Jesus, tanto com os Seus doze discípulos como com os setenta e dois em Lucas 10: reunidos na presença de Jesus, enviados por Jesus; reunidos na presença de Jesus, enviados por Jesus. Estamos reunidos em adoração e depois somos enviados por Jesus como os Seus agentes redentores no mundo, como Suas testemunhas.

Em muitas cidades da América do Norte, muitas pessoas deixaram de ter tempo para a adoração. Isto dá uma importância singu-

lar ao que a igreja faz nas manhãs de Domingo, ou em outros momentos de reunião durante a semana. Mas não é fácil manter uma comunidade de adoração regular hoje. Há muita pressão sobre as famílias, como a minha, para cortar a adoração do calendário e preencher as manhãs de domingo com outras coisas. Participar do testemunho de adoração custará algo aos nossos congregados. Mas precisamos de ajudar as nossas congregações a ver que a sua participação regular e fiel na adoração é um testemunho do Deus que atrai e chama todas as nações e todos os povos, jovens e idosos, para Si mesmo. Pastores e líderes de louvor devem continuar a renovar o seu culto de adoração para que possam testemunhar do Evangelho de forma a comunicarem mais eficazmente no seu contexto e a construírem as suas comunidades de fé para o seu testemunho comum.

Paul Chilcote ilustra a importância formativa da igreja na adoração ao narrar de novo uma história que lhe foi contada, sobre Frank e Nellie Baker, que serviram numa pequena igreja metódista na costa nordeste da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial. Um campo de prisioneiros de guerra estava localizado perto de sua casa, e Frank e Nellie sentiram-se chamados por Deus para alcançar esses soldados em cativeiro. O casal dirigiu-se ao comandante da prisão e recebeu autorização para levar um prisioneiro diferente à igreja todos os domingos, e depois para a sua casa para uma refeição. Durante toda a Segunda Guerra Mundial, o casal Baker ministrou e hospedou vários soldados alemães, um dos quais era Jürgen Moltmann. Moltmann tornou-se um dos maiores teólogos do século XX, escrevendo apaixonadamente sobre uma teologia cristã de esperança num mundo descontrolado. E, de acordo com o próprio Moltmann, enquanto Chilcote escreve a sua história, “a semente da esperança foi plantada no meu coração num Domingo, à mesa de jantar de Frank e Nellie Baker”.

O casal vivia a natureza integral da adoração e do testemunho. Tenho a certeza absoluta de que, se lhes perguntássemos: “o que estão a fazer?”, Frank ou Nellie teriam dito: “estamos simplesmente a fazer o que os cristãos fazem. Estamos a passar tempo juntos em adoração ao nosso bom

Deus, a partir o pão juntos e a comer a nossa comida com corações alegres e generosos.”

Historicamente, a adoração cristã consistiu em dois movimentos: Palavra e Mesa. A mesa da santa ceia representa a natureza integral do culto e do testemunho. Eugene Peterson fala sobre isso quando escreve:

Tornamo-nos presentes para o que Deus pretende fazer com e por nós, através da adoração; tornamo-nos presentes para o Deus que está presente entre nós. (...) Chegamo-nos à mesa eucarística e entramos no conjunto de quatro passos litúrgicos que nos molda: tomar, abençoar, quebrar e dar - a vida de Jesus tomada e abençoada, quebrada e [dada]. Esta vida eucarística passa a moldar as nossas vidas à medida que nos entregamos, Cristo em nós, para sermos tomados, abençoados, quebrados e [dados] em vidas de testemunho e serviço, justiça e cura.

Tomado, abençoado, quebrado e dado. Na noite da Sua ressurreição, Jesus aparece aos Seus discípulos por de trás de portas fechadas, na sala onde partilharam a refeição da Páscoa juntos três dias antes. Quem é este que apareceu no meio deles? Enquanto Jesus fala, eles começam a reconhecê-Lo. Este é o enviado do

Pai para revelar Deus ao mundo. O Pai tomou, abençoou, quebrou e deu Jesus para trazer vida do mundo. Jesus envia-nos da mesma maneira, como testemunhas. É através da nossa adoração colectiva que damos testemunho do Deus que toma, abençoa, quebra e dá. É através da adoração que agora somos tomados, abençoados, quebrados e dados pela vida do mundo. Este é o nosso testemunho de adoração.



De que forma é que Deus o tomou, abençoou, quebrou e deu para levar vida ao mundo? Tente partilhar a sua história pessoal usando estas quatro palavras como um esboço para moldar o fluxo narrativo da sua história.



## O nosso testemunho da maravilha<sup>1</sup>

---

*Actos 2:17: Nos últimos dias, espalharei o meu Espírito sobre toda a Humanidade. Os vossos filhos e filhas profetizarão; os jovens terão visões e os velhos terão sonhos.*

---

Os meus amigos Benji e Abbi vivem como testemunhas das Boas Novas do Reino de Deus num dos lugares do planeta espiritualmente mais desafiadores. Não é um país onde os cristãos são presos ou mortos por causa da sua fé, nem é uma cultura tribal onde os xamãs locais afastam os espíritos malignos. Na verdade, eles vivem no bairro de Capitol Hill, em Seattle, nos Estados Unidos, onde, nas palavras de Benji, “o intelectualismo, o ocultismo, o materialismo, a apatia, o vício, a desolação espiritual, o engano e as mágoas sofridas no âmbito religioso se aliaram para criar um fosso entre esta terra e o Amor divino”.

No bairro de Benji, e talvez também onde o leitor mora, a maioria das pessoas está desconectada ou tem aversão à igreja, aos pregadores e aos cristãos em geral. Percebendo isto, em vez de abrir uma igreja, Benji e Abbi abriram uma sala de estar comunitária, onde servem café e conversam com as pessoas sobre o que quer que esteja no seu coração e mente. O objectivo deles não era

---

1 NOTA DE TRADUÇÃO. Conforme o sentido do contexto, a mesma palavra original em inglês (wonder) é traduzida como “maravilha” ou como “admiração”, e está relacionada com o deslumbramento e encanto perante a manifestação de Deus.

mudarem-se para Capitol Hill e começar a fazer coisas para tentar alcançar as pessoas, mas simplesmente estar lá durante algum tempo: conhecer, amar, ouvir e servir os seus vizinhos. Ao começaram a viver e a movimentarem-se entre as pessoas da sua vizinhança, construindo amizades enraizadas no amor genuíno e no respeito mútuo, eles começaram a descobrir que muitas daquelas pessoas viviam com algum tipo de dor, fosse física, emocional, mental, relacional ou espiritual. A dor dos seus vizinhos perturbou Benji: “Como é que posso enfrentar problemas intensos como doenças mentais, cancro, depressão, cepticismo, incredulidade e assim por diante?”, perguntou a si mesmo. Ele sentiu-se impotente. As nuvens pesadas e cinzentas de Seattle espelhavam as névoas espiritualmente opressivas que obscureciam a sua própria alma.

Um dia, enquanto Benji orava pelos seus vizinhos, começou a sentir o Espírito Santo a interceder por ele - a orar por ele - e diz que, ao orar, lhe foi perceptível o som da conversa entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Romanos 8:26-27 veio à sua mente, onde Paulo escreve:

“Da mesma maneira, também o Espírito nos ajuda a nós que somos fracos. Com efeito, nós não sabemos orar como convém, mas o próprio Espírito pede a Deus por nós com gemidos indescritíveis. E Deus, que vê mesmo dentro dos próprios corações, conhece o que o Espírito deseja, porque este pede conforme os desejos de Deus em favor dos que lhe pertencem.”

Enquanto orava, Benji sentiu-se subitamente afirmado e lembrado de que era filho do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele era filho de um Rei que entendia os desafios que estava a enfrentar em Capitol Hill. Este mesmo Rei já se tinha mudado para um bairro na Palestina do primeiro século, onde viveu entre um povo em sofrimento, deu de Si por eles e esvaziou-Se para trazer vida e a cura ao mundo. Este Rei sofreu e morreu pelo mundo que amava. Mas a morte não o derrotou! Este Rei ascendeu à direita de Deus Pai, Todo-Poderoso, onde agora intercede em favor daqueles que ama. Este Rei dá dons aos Seus filhos para o seu trabalho e testemunho no mundo, o dom do Espírito Santo.

Este entendimento foi um grande incentivo para Benji. “Ser cristão é ser cheio do poder de Deus e dotado dos dons do Espírito Santo”, escreve. “[Deus] deu-nos o Seu Espírito Santo e uma unção que nos abastece dos poderes e dons necessários para continuar a fazer o que Jesus começou na terra... Libertar os cativos, trazer cura, libertação, verdade e liberdade. Torna-nos humildes pensar que fomos capacitados para continuar o ministério de Jesus da mesma maneira que Ele ministrou. Mas é bem verdade.”

Este entendimento transformou o testemunho de Benji e Abbi na sua comunidade. O seu ministério concentra-se na oração, intercedendo e orando por aqueles que sofrem, unindo as suas orações às orações do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A oração deles é que o Reino de Deus venha e que a vontade d’Ele seja feita na sua cidade tal como no céu. Em vez de tentar convencer as pessoas de que Jesus é o Salvador, palavras vazias para pessoas cujos ouvidos estão fechados e resistentes ao cristianismo, Benji e Abbi humildemente procuram demonstrar o poder salvador de Jesus através de orações simples pelas pessoas que estão a sofrer. A sua missão é libertar os cativos, libertando-os de um inimigo que os cega para a verdade do Evangelho. Benji ora regularmente por pessoas em sofrimento, onde quer que as encontre, seja num café ou como parte das suas reuniões de adoração.

Mas a cura física não é o ponto principal do ministério de Benji e Abbi. Eles entendem a sua oferta de cura como um testemunho das maravilhas, cura, salvação e entrega das Boas Novas do Reino de Deus a operar no mundo em nome do Filho e através do Espírito. “Nos evangelhos”, escreve Benji, “a cura é simplesmente uma das formas mais óbvias de Deus revelar a Sua natureza, a Sua vontade, de demonstrar a Sua bondade e o Seu Reino e ir ao encontro das pessoas na sua dor e clamar por alívio e salvação”.

Depois de vários anos, eles formaram uma comunidade de adoração em Capitol Hill, oferecendo a sua igreja como uma comunidade de cura, e chamando a si mesmos A Igreja dos Indignos, como um sinal de que a sua igreja é para as pessoas que também erram; uma igreja para pessoas que sofrem; uma igreja para pessoas que precisam da obra maravilhosa do Espírito nas suas vidas

para as tornar completas. A pequena e humilde comunidade cristã que agora se reúne naquele bairro sob o cuidado pastoral de Benji e Abbi, participa num testemunho de admiração. No seu contexto, esta admiração surge por estarem atentos ao poder e à presença do Espírito que age entre eles, e formarem uma comunidade onde o poder de cura do Espírito é oferecido às pessoas que sofrem com dor física, emocional, espiritual, relacional ou económica.



Como é que a sua igreja cultiva uma sensação de admiração? Como é que a sua congregação se mantém atenta ao poder e à presença do Espírito Santo a trabalhar no vosso meio?

Não dá para ler o livro de Actos sem perceber que o testemunho da igreja cristã primitiva anda de mãos dadas com sinais e maravilhas, incluindo a cura física, a libertação do demoníaco, a restauração de vidas danificadas e destroçadas e a disseminação de novas comunidades em todo o mundo romano, cheias de admiração, amor e louvor.

Sinais e maravilhas continuam a ser uma parte vital do testemunho da igreja em muitas partes do nosso mundo. Mas como alguém que foi criado na América do Norte, a minha educação treinou-me para ser céptico sobre reivindicações milagrosas. Existem muitos charlatães religiosos no mundo que prometem milagres como uma forma de encher as suas carteiras, ampliar as suas bases de fãs e saciar o seu desejo de poder. Por causa disso, muitos cristãos são cautelosos e desconfiados das igrejas que se promovem como lugares de milagres. Em algumas igrejas e ministérios públicos, a promessa de cura milagrosa ou prosperidade foi terrivelmente distorcida e passou a ser vista como um sinal do nível de fé de um indivíduo, não como um sinal do Reino de Deus a abrir caminho. Portanto, é correcto ser-se cauteloso e perspicaz. No entanto, estou cada vez mais convencido de que, num contexto em que, por um lado, as pessoas acreditam que a fé é irracional e, por outro lado, as pessoas vêm de culturas sintonizadas com o mundo espiritual, talvez sinais e maravilhas sejam necessários hoje para abrir os olhos que estão cegos, suavizar os ouvidos endurecidos e liber-

tar os que estão cativos. Afinal, as maravilhas e os sinais estão no cerne da revelação de Deus ao mundo.

O próprio Pentecostes é um evento cheio de maravilhas que testemunha a vinda do Reino prometido de Deus ao mundo. Pense no que acontece no Pentecostes em Actos 2:1-4: um som como o sopro de um vento violento; algo que pareciam ser línguas de fogo que se separaram e pousaram nos seguidores de Jesus; a súbita capacidade de falar noutras línguas e testemunhar da história do maravilhoso reinado de Jesus!

“O que é que estava a acontecer ali?”, o povo de Jerusalém questiona-se. “Será que estão bêbados?”, perguntam. Não, não é algo estranho que está a acontecer aqui! Se conhece a história, sabe que o que está a acontecer no Pentecostes é a intersecção de dois mundos, o céu e a terra, que se unem na formação de uma nova comunidade cheia de admiração, instituída por Cristo e constituída pelo Espírito Santo. Esta comunidade será caracterizada pela alegria escatológica, a alegria do último dia, quando Deus endireitará o mundo novamente e trará cura a todas as nações da terra. A alegria da comunidade cristã emergente é um testemunho maravilhoso para as pessoas em Jerusalém, Judeia, Samaria e nos confins da terra, que testemunham na vida da comunidade cristã primitiva o poder e a presença do Espírito Santo.

Pela forma como Lucas conta a história em Actos, os maravilhosos eventos do Pentecostes são uma consequência da ascensão de Jesus ressuscitado ao trono do céu. No Antigo Testamento, a ascensão de um novo rei ao trono é seguida pela distribuição de presentes ao povo, celebrando a consolidação do reinado do rei. O Pentecostes cumpre a maravilhosa promessa dada a Israel de que Deus retornará e ocupará o Seu legítimo lugar como o tão esperado e prometido Rei. E quando o rei assume o Seu trono, Ele dá presentes ao povo.

O presente que o povo de Israel esperava era o dom do Espírito Santo. Em Ezequiel 36:26, o Senhor promete: “Vou dar-vos um novo coração e um novo espírito. Em vez do vosso coração de pedra, vou dar-vos um obediente coração de carne.” O Espírito capacitará o povo de Israel a viver sob o governo e o reinado pacífico

de Deus, purificados do pecado, cheios da vida e do amor de Deus, capazes de guardar o mandamento do Senhor de viverem juntos como luzes que brilham intensamente no meio de um mundo escuro. O Espírito fará deles um povo santo para o Senhor, um povo no meio do qual Deus viverá, pelo Espírito. Chegando ao final da Sua jornada, Jesus derrama o Espírito Santo sobre os discípulos, e a igreja cristã nasce. Esta é uma comunidade criada para mostrar e contar a maravilhosa presença do Reino de Deus na terra, e para anunciar e demonstrar o Reino vindouro de Cristo a todas as nações da terra. Deverão viver juntos como testemunhas desta maravilha.



Como é que descreveria a sua experiência com o Espírito Santo? Onde ou quando é que se sente espiritualmente mais vivo?

No Antigo Testamento, o templo é um lugar de admiração, onde a suprema glória habita. Tal como a antiga Israel e a igreja primitiva, fomos criados para ser uma comunidade que está atenta à maravilhosa presença de Deus entre nós e para testemunhar a presença de Deus na vida daqueles que Deus está a chamar para a vida trinitária. O

nosso Deus está a trabalhar maravilhosamente no mundo que nos rodeia e na vida dos nossos amigos, vizinhos, colegas de trabalho e familiares. Quando o Espírito de Deus opera em antecipação na vida dos nossos filhos, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, colegas da escola e conhecidos, é a nossa chamada, como uma comunidade de admiração, estarmos atentos a essa obra do Espírito e agirmos como uma espécie de parteiras que ajudam a nascer a nova vida que vem do Espírito.

O meu amigo Ming é hoje um seguidor de Jesus através do trabalho de “obstetrícia” do seu amigo cristão Peter e de uma igreja numa cidade próxima que estava atenta à obra maravilhosa do Espírito na vida de Ming. Ele cresceu em Hong Kong, onde a vida era muito difícil para ele e para a sua família. Ele trabalhou para ajudar a sustentar a família desde os seis anos de idade. Quando tinha onze anos, começou a andar com um bando. Um dia foi preso por posse de uma arma ilegal e recebeu dez bastonadas pelos agentes

da polícia. Ming diz que, naquela época, começou a perceber que precisava de mudar de vida. Ele conseguia ver que a vida dele não ia a lugar nenhum.

Aos dezassete anos, a sua família recebeu aprovação para ir para os Estados Unidos. Ming esperava que a ida para a América lhe permitisse mudar de vida e ter um novo começo. Mas quando chegou, foi recrutado por uma “associação” chinesa na Chinatown de Seattle que contratava novos imigrantes para fazer o seu trabalho sujo, incluindo organizar apostas ilegais, contrabando ou pior. Na América, a vida dele foi de mal a pior; não era o lugar de salvação e oportunidade que ele esperava que fosse, e a sua vida permaneceu escura e sem esperança.

Uma noite, com a sua vida a desfazer-se, Ming diz que se lembra de estar de pé no alpendre traseiro, a olhar para o céu nocturno e a pedir ajuda ao deus do céu da sua educação religiosa. Ele disse ao deus do céu que odiava a sua vida e que queria mudar. Ele já o tinha feito muitas vezes, nos templos budistas em Hong Kong, mas desta vez não estava de frente para as estátuas de Buda; ele ficou de pé no alpendre e gritou para o céu estrelado. Uma semana depois dessa oração, enquanto vagueava pelas ruas de Chinatown, Ming encontrou a esposa do único amigo cristão que tinha naquele país - um homem chamado Peter.

Peter morava na cidade vizinha de Walla Walla, e a sua esposa, Millie, estava de visita a Seattle naquele dia. Terá sido uma coincidência terem-se visto na rua naquele dia, ou foi a obra maravilhosa do Espírito para trazer cura, libertação, redenção e salvação a Ming? Ming queria desesperadamente sair de Seattle, e perguntou a Millie se poderia visitá-los em Walla Walla. Ela concordou. Depois de pedir trinta dólares emprestados à mãe, Ming apanhou o autocarro para visitar Peter e Millie. Quando o amigo de Ming, Peter, o viu, percebeu que ele não estava bem e ofereceu-lhe trabalho a lavar pratos no seu restaurante.

À procura de ajuda para organizar a sua vida, Ming seguiu o conselho do seu amigo e encontrou uma igreja local. Aconteceu ser uma Igreja do Nazareno. Durante o ano seguinte, Ming foi à igreja todas as semanas e, através do testemunho de adoração da-

quela comunidade, começou a ouvir histórias sobre Jesus Cristo e o poder do Espírito Santo para curar, transformar e mudar vidas. Durante esse tempo, Ming teve muitos pesadelos sobre as coisas que já tinha feito na sua vida. Quando contou a um novo amigo cristão sobre os seus pesadelos, o seu amigo estava atento à obra do Espírito na vida de Ming, e sugeriu que, em resposta a esses pesadelos, Ming deveria falar com Jesus, pedir perdão pelas coisas que tinha feito, ser batizado e receber o Espírito Santo.

Ming foi ter com o pastor e disse: “Quero ser batizado.” O pastor dedicou um tempo para partilhar a história de Jesus com Ming e perguntou-lhe se ele gostaria de receber Jesus como Salvador e Senhor. Ming tornou-se seguidor de Jesus em Maio de 1991 e foi batizado logo a seguir. Quando o conheci, uma década depois, Ming estava bem estabelecido na sua fé e com fome de crescer na sua caminhada com Jesus.

Orações durante a noite. Encontros coincidentes. Sonhos. Um desejo de ser mudado de dentro para fora. O Espírito estava a trabalhar maravilhosamente na vida de Ming. Felizmente, os amigos cristãos de Ming, Millie e Peter, e a Igreja do Nazareno em Walla Walla, estavam atentos à obra maravilhosa do Espírito na sua vida e souberam partilhar com ele a esperança de Jesus Cristo e o dom prometido do Espírito. A história de Ming lembra-me sempre de estar atento à obra maravilhosa do Espírito na vida das pessoas à minha volta.

Vivemos num mundo maravilhoso. Thomas Long recorda-nos que:

Em termos de experiência religiosa contemporânea, o mundo está cheio de (...) eventos na natureza, experiência pessoal e história que apontam para o mistério de Deus. (...) Um molho de narcisos abre-se em toda a sua beleza e glória da Primavera, um relacionamento conturbado é curado, uma criança nasce - todas estas experiências e inúmeras outras, chamam a nossa atenção para o mistério divino que permeia e impulsiona os eventos humanos.

Mas sem o testemunho de uma comunidade cheia do Espírito, as pessoas não reconheceriam estes momentos maravilhosos pelo

que são. O nosso testemunho das maravilhas deve incluir palavras de admiração capacitadas pelo Espírito quando humildemente, mas com confiança, viramos a nossa atenção para a vida e obra do Espírito de Deus no mundo à nossa volta.

Em 1 Pedro 3:15-16b, Pedro escreve: “Estejam sempre preparados para responder a todos os que vos interrogarem acerca da esperança que têm. Mas façam-no com gentileza e respeito”. Testemunhamos com os nossos lábios a maravilhosa obra do Espírito. Através de palavras de admiração, partilhamos uma esperança maravilhosa que inclui:

- o Reino vindouro de Deus que está a restaurar o mundo;
- a vida eterna dada como um dom do Espírito de Deus à medida que vamos sendo atraídos para a comunhão amorosa do Pai, Filho e Espírito Santo, de quem nem mesmo a morte pode nos separar;
- o perdão do pecado que nos torna justos perante Deus e a transformação contínua da vida, de dentro para fora, renovando-nos à maravilhosa imagem e semelhança de Cristo;
- a cura para aqueles que sofrem, a restauração de relacionamentos destruídos e a renovação de todas as coisas;
- encontrar significado e propósito na vida através da participação activa na vida e missão de Deus para a vida do mundo;
- uma comunidade capacitada para viver a vida cheia de alegria do Espírito, em amor mútuo e serviço comum uns aos outros.

No entanto, o nosso testemunho nem sempre é cheio de admiração. Precisamos de lidar com o facto de que a maneira como muitas vezes imaginamos testemunhar na igreja é usando palavras voltadas para o intelecto, baseadas em argumentos racionais



Consegue identificar uma altura na sua vida em que um encontro aparentemente casual acabou por ser a obra maravilhosa do Espírito Santo?

e técnicas de persuasão de vendedor ambulante, usando a lógica para convencer as pessoas a dar o seu consentimento a um conjunto de factos - em vez de abrir uma janela para a maravilhosa obra de Deus no mundo, através do Filho, pelo Espírito.

Na minha experiência, não acho a abordagem lógica e racional para testemunhar muito útil hoje em dia. Técnicas de pressão, habilidade de vendas e lógica não são eficazes. Esses métodos afastam as pessoas. Mas elas estão famintas por uma conexão com o divino. E estão abertas a conversas espirituais, se dedicar tempo para construir confiança e mostrar interesse genuíno nas pessoas enquanto indivíduos, não simplesmente como objectos a serem alcançados.

As cidades do noroeste dos Estados Unidos têm uma baixa percentagem de cristãos, mas uma elevada percentagem de pessoas que buscam a espiritualidade autêntica. As pessoas têm questões sobre a vida espiritual e como superar as barreiras que impedem a sua realização pessoal e alegria nas suas vidas. As pessoas questionam-se sobre a vida e a morte e se existirá um poder maior do que elas no mundo.



Descreveria os métodos que aprendeu para partilhar o Evangelho como “cheios de admiração” ou “cheios de lógica”? Porquê?

Mas as pessoas querem ser ouvidas, não apenas ouvir. Estão em sofrimento e à procura de cura. Quem as irá ouvir? Quem irá orar? Quem irá trazer cura? Estas são as coisas que uma igreja que vive pelas maravilhas do Espírito tem para oferecer. A igreja cristã não oferece um convite de entrada num clube religioso, nem ajuda as pessoas a “picar o ponto” para o céu. Oferecemos um encontro com o Cristo ressuscitado e ascendido, que nos transforma e que um dia transformará toda a criação. O Rei que reina está aqui e traz cura nas Suas asas! Somos agentes daquele que dá generosamente do Espírito Santo a todos os que pedem, procuram e batem à porta.

O nosso testemunho sobre as maravilhas deve incluir palavras de admiração que falam deste Rei vindouro e da vida do Espírito. Em 2 Coríntios 4:2, Paulo relembra aos coríntios que não usa

“linguagem astuta” quando partilha o Evangelho, nem distorce a palavra de Deus, mas expõe a verdade claramente. Paulo entende que, se o véu da incredulidade for levantado dos olhos dos incrédulos, será como um dom maravilhoso de Deus, cuja luz brilha nas trevas. Paulo fala com uma fé simples e uma humilde confiança de que Deus está maravilhosamente a operar no mundo, e “a fim de que, sendo muitos a experimentar a graça de Deus, sejam muitos também a agradecer a Sua bondade e a dar-Lhe glória” (2 Coríntios 4:15).

Talvez precisemos de ser encorajados, formados e equipados em como partilhar Jesus partindo do nosso próprio sentido de admiração, de quão maravilhosa é a nossa própria participação conjunta na vida e no amor de Deus, infundida com as maravilhosas histórias de Jesus na Bíblia, com a confiança de que a graça de Deus está a ser derramada à nossa volta. Preparamo-nos para contar sobre a maravilhosa esperança que temos em Jesus Cristo, familiarizando-nos com o amplo quadro geral do Evangelho, conforme resumido na pregação apostólica em Actos e nos próprios evangelhos. Estas passagens contam a maravilhosa história de Jesus, que viveu, morreu, ressuscitou de entre os mortos e vai voltar para renovar toda a criação. Com base nestas histórias, partilhamos a maravilhosa história de como Jesus renovou e transformou as nossas vidas e comunidades. O nosso testemunho das maravilhas de Deus está, portanto, intimamente ligado à nossa própria formação espiritual.

No Novo Testamento, os sinais e maravilhas do Reino e palavras de admiração são sempre acompanhadas, infundidas e cercadas pela oração. A oração é, portanto, uma parte essencial do testemunho de admiração da igreja cristã. Um dos primeiros pais da igreja, Clemente de Alexandria, disse uma vez que “a oração é estar na companhia de Deus.” Este conceito ajudou o ex-presidente do Regent College,



Como experimentou a ajuda e a presença do Espírito Santo na sua vida nos últimos dias? Que disciplinas espirituais ou meios de graça o ajudam a cultivar um sentimento de admiração?

James Houston, a entender a oração como uma amizade transformadora com Deus. “A oração cristã é a oração ao Pai, em nome do Filho, através do Espírito Santo”, escreve Houston. É a oração ao Pai, por meio do Filho, pelo Espírito Santo que nos molda para sermos um povo que dá testemunho da maravilhosa presença de Deus no mundo. Uma comunidade que ora testifica da maravilhosa presença de Deus.

As crianças amadas da igreja precisam do nosso testemunho de admiração a Deus. As crianças são naturalmente propensas a viver maravilhadadas, pois vêm a este mundo admirável e estão atentas à realidade de um Deus que deseja partilhar a vida com elas. Precisamos de nutrir esse sentimento de admiração nas nossas crianças e jovens através das nossas vidas em comunhão, nas nossas casas e igrejas. Ensinar as nossas crianças e jovens a orar e a estar atentos à voz e à presença do Espírito é uma forma de nutrir neles um testemunho de admiração por Deus.

Os adultos cristãos têm de conservar e proteger a admiração da fé infantil. Reserve um tempo para testemunhar uns aos outros, em grupos de formação espiritual para adultos e estudos bíblicos, sobre a maravilhosa presença de Deus a agir nas vossas vidas. Quando se reunirem em pequenos grupos ou classes da escola dominical, encorajem e sejam encorajados a partilhar onde e como têm sentido a obra do Espírito nas vossas vidas desde a última reunião. Ao partilharem as vossas histórias de como o Espírito está a trabalhar nas vossas vidas e de como estão atentos ao Espírito no mundo em geral, estão a envolver-se num testemunho de admiração uns para com os outros.

Quando os adultos perdem o sentido de admiração, facilmente se tornam esquecidos. Os esquecidos precisam de ser lembrados da maravilha que talvez tenha tocado as suas vidas, mas que já não caracteriza o seu relacionamento com Deus. Em Apocalipse 3:20, Jesus é retratado a bater à porta de uma casa que O excluiu. Este texto foi escrito para a igreja de Laodiceia, uma igreja que se tornou morna por causa do seu conforto e prosperidade. É uma igreja que corre o risco de esquecer a maravilha do primeiro amor. Os esquecidos precisam de ser lembrados da promessa, da maravilha

e da esperança da vida cheia do Espírito Santo. Às vezes, como no livro de Apocalipse, isso inclui advertências, sinais e maravilhas que se destinam a chamar a atenção daqueles que estão a dormir na sua fé. O temor do Senhor faz parte do nosso testemunho de admiração, em particular entre os esquecidos, que outrora conservaram o Senhor em reverência.

Milagres, orações e palavras de admiração também testemunham às pessoas de fora que Deus deseja incluir e envolver na Sua vida divina. O nosso testemunho inclui as maravilhosas Boas Novas de que aqueles que antes eram estranhos ao povo da aliança de Deus estão, agora, incluídos no mesmo. Através do novo nascimento pelo Espírito de Deus, as pessoas que estão de fora passam a estar dentro do Reino de Deus.

Não seria maravilhoso encontrar no nosso mundo dividido, fracturado e religiosamente violento, uma comunidade na qual todos - os filhos amados da igreja, os esquecidos e os estranhos - fossem bem-vindos, amados e incluídos? Uma comunidade que fosse inclusiva para todos, não importa quão velhos ou jovens, sem divisões de status social ou rendimentos? Uma comunidade onde africanos, norte e sul-americanos, europeus, asiáticos, insulanos, israelitas, árabes e povos indígenas levantassem as suas vozes em uníssono em admiração, amor e louvor? Não seria essa comunidade cheia de admiração por Deus? Não seria maravilhoso (por ser cheio de admiração por Deus) a quebra de barreiras étnicas, a honra aos idosos, o fortalecimento dos jovens, o abraço aos pobres, a comunhão de pessoas de diferentes aptidões, rendimentos e pontos de vista políticos? Uma comunidade de inclusão e hospitalidade trinitária, onde há lugar à mesa para todos? Não é isso que Deus procura fazer no mundo hoje? Criar novas comunidades em todas as cidades, subúrbios e vilas rurais do nosso mundo como embaixadas da vida e do amor maravilhosos e inclusivos de Deus?

Esta é uma visão da igreja cheia de admiração. A admiração, que vivenciamos, flui da igreja ser uma comunidade inclusiva e cheia do Espírito, que vive a vida em conjunto, neste mundo, como

testemunho do maravilhoso Reino de Deus em Cristo, pelo Espírito. Este é o nosso testemunho de admiração.



## O nosso testemunho do modo de vida de Jesus<sup>1</sup>

---

*Actos 2:44-45: Os crentes viviam unidos e punham em comum tudo o que possuíam. Vendiam as suas propriedades assim como outros bens e dividiam o dinheiro entre todos, de acordo com as necessidades de cada um.*

---

Quando jovem, Jesse recebeu uma oferta de musicoterapia do Variety Club, que se reunia na Academy of Music, um instituto de prestígio em Vancouver. O Variety Club contribuiu com uma quantia substancial de dinheiro para a compra e construção das instalações, com o acordo de que a academia forneceria espaço para musicoterapia durante, pelo menos, dez anos, para estudantes que, como Jesse, têm uma deficiência intelectual. Pouco depois de levar Jesse para assistir às aulas, a sua mãe foi convidada a levá-lo pela porta traseira e esperar no corredor, em vez de entrar pela porta principal e esperar na área da recepção. Aparentemente, a presença de Jesse deixou outras pessoas desconfortáveis. A mãe dele recusou.

Ao longo dos anos, as atitudes em relação às pessoas com deficiência mudaram. A mãe de Jesse experimentou mais tolerância e, às vezes, aceitação, mas nunca entusiasmo com a presença de Jesse. As pessoas agradecem-lhe frequentemente por remover Jes-

---

<sup>1</sup> NOTA DE TRADUÇÃO: Através do livro, e conforme o sentido pretendido, a mesma palavra em inglês (way) é traduzida como “caminho” ou “modo de vida”, relacionados com Jesus.

se quando solicitado, por ser muito pequeno, muito grande, muito jovem, muito velho, pouco funcional, pouco cooperativo. Quando Jesse pediu para frequentar a igreja que o seu amigo autista, Geoffrey, frequentava, a sua mãe, que não frequentava a igreja, ficou relutante e apreensiva, mas sentiu que tinha a obrigação de honrar o pedido.

Desde o seu primeiro domingo, a congregação recebeu Jesse com calor, amor e encorajamento. A sua mãe mais tarde me disse: “Nunca esperei que Jesse fosse recebido com tanto respeito e valor; que fosse abraçado e encorajado a tornar-se parte da família da igreja. Isso é algo que pode ver apenas como a sua maneira de ser, ou a cultura da sua igreja, mas não se engane: este não é o modo do mundo lá fora. Nunca me agradeceram por trazer Jesse, nem me disseram que ele enriqueceu uma comunidade, como você e outros em sua igreja me disseram.” Por causa da maneira como a igreja acolheu Jesse, a mãe dele frequenta agora os cultos de adoração, mesmo quando Jesse não consegue. Como ela me explicou:

“Não sei por que quero continuar a vir aqui. Mas há algo a acontecer na vossa igreja e nos cultos de adoração, algo na forma como a vossa congregação vive a vossa fé, que se tornou significativo para mim.”

Antes de se chamarem cristãos, as primeiras comunidades instituídas por Cristo e constituídas pelo Espírito Santo, que se espalharam em Jerusalém, Judeia e Samaria, e até aos confins da Terra, após o Pentecostes, eram conhe-

cidas apenas como “aqueles que pertencem ao Caminho”. Lucas resume o seu modo de vida em Actos 2:42-47:

Todos participavam fielmente no ensino dos apóstolos, na união fraterna, no partir do pão e nas orações. Toda a gente andava impressionada com o que se estava a passar, porque Deus fazia muitos sinais milagrosos e maravilhas por meio dos apóstolos. Os crentes viviam unidos e punham em co-



Alguém já expressou apreço pela forma como a sua igreja vive a vida em comunhão neste mundo? Se sim, o que foi destacado ou apreciado como diferente?

num tudo o que possuíam. Vendiam as suas propriedades assim como outros bens e dividiam o dinheiro entre todos, de acordo com as necessidades de cada um. Reuniam-se diariamente no templo. Partiam o pão ora numa casa ora noutra, comendo juntos com alegria e simplicidade de coração. Davam louvores a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. Cada dia que passava, o Senhor aumentava o número dos que recebiam a salvação.

O seu modo de vida incluía um testemunho de adoração e de admiração, mas também incluía a comunhão, o serviço mútuo e a partilha económica: a distribuição de bens materiais a qualquer pessoa com necessidade.

Esta emergente comunidade de Jesus está cheia de pessoas generosas e alegres, cuja comunhão é caracterizada por alegria e sinceridade. A forma pública como vivem a vida em comunhão traz-lhes benevolência na sua cidade. E o resultado do seu testemunho público diante de um mundo atento, é que o Senhor aumenta diariamente o número daqueles que estão a ser salvos.

O próprio Jesus estabeleceu o padrão para aquele modo de vida. O modo de vida da igreja primitiva flui da sua devoção ao Jesus ressuscitado e ascendido e da sua obediência amorosa aos Seus ensinamentos recentes. Todas as semanas eles reúnem-se para adorar o seu Senhor ascendido. E através da narração dos ensinamentos de Jesus na sua adoração pública e nas suas casas em reuniões particulares, eles continuamente ensaiam a história generosa de Deus e encorajam-se uns aos outros a viver os ensinamentos de Jesus na sua vida quotidiana no mundo: o caminho do perdão, da misericórdia, da reconciliação e do amor ao inimigo. Deus demonstrou a Sua forma de estar no mundo através do Seu Filho, Jesus Cristo, e agora está a convidar a comunidade cristã a abraçar essa forma de estar no mundo através do poder e da presença do Espírito Santo. Esta é, então, uma forma de viver que flui da maravilhosa esperança do Evangelho: as Boas Novas de que o Reino de Deus se aproximou de nós, em Jesus Cristo; que, pelo poder do Espírito Santo, a nova criação de Deus está a invadir a

antiga; e que podemos agora, nesta vida, pelo poder do Espírito Santo, começar a viver a vida do Reino que está a chegar.

Os primeiros seguidores de Jesus entenderam que a igreja cristã deve produzir os primeiros frutos do Reino de Deus vindouro, nas suas casas, aldeias, vilas e cidades. Devem apontar, sinalizar, ser um jardim de demonstração, por mais pequeno, humilde e aparentemente imperfeito que seja, desenhado especificamente para demonstrar a forma de estar de Deus no mundo. São as sementes de mostarda e um pouco de fermento, aparentemente insignificantes, mas repletas de potencial do Reino.

Christopher Wright diz:

[Os cristãos] são um povo representativo. A nossa tarefa é representar o Deus vivo no mundo e levá-lo a reconhecer o Deus vivo. (...) Uma parte essencial da missão do povo de Deus é nada mais do que ser o que é - vivendo a santidade de Deus na vida prática do dia a dia.

Bryan Stone escreve:

A coisa mais evangelística que a igreja pode fazer hoje é ser a igreja: ser transformada imaginativamente pelo Espírito Santo, através de práticas fundamentais como a adoração, o perdão, a hospitalidade e a partilha económica, num povo distinto no mundo, numa nova opção social, o corpo de Cristo. É a própria forma e carácter da igreja como “nova criação” do Espírito que é o testemunho do Reino de Deus no mundo e, portanto, tanto a fonte quanto o objectivo do evangelismo cristão.

Por outras palavras, a nossa eclesiologia (quem somos enquanto Igreja) está ligada à nossa missiologia (o que fazemos enquanto Igreja). Fazemos o que somos e somos o que fazemos.

O caminho tomado pela igreja primitiva muda a trajectória do mundo. “Não pode haver dúvida de que foi a mudança de estilo de vida dos primeiros cristãos que causou um impacto tão profundo na antiguidade clássica”, escreve Michael Green.

Rodney Stark descreve o mundo em que a igreja nasce como um lugar de “sordidez, miséria, doença e anonimato”. No mundo

pagão daquela época, a misericórdia era considerada um defeito de carácter porque fornecia ajuda imerecida aos necessitados. Em contraste, os primeiros cristãos ensinam que Deus é misericordioso e que, portanto, o povo de Deus deve ser misericordioso. A primeira comissão da igreja já formada foi criada para garantir que as viúvas da comunidade fossem alimentadas e devidamente cuidadas. Mas os cristãos não cuidavam e amavam apenas uns aos outros. O seu cuidado e amor estendiam-se para fora da comunidade cristã.

John Dickson argumenta que são as boas obras da comunidade cristã que conquistam o império romano. Em todo o Mediterrâneo, as igrejas montaram programas de alimentação, hospitais e orfanatos que estavam disponíveis tanto para crentes como para incrédulos. É inovador. Os historiadores costumam apontar para a antiga Israel como a primeira sociedade a introduzir um sistema de bem-estar abrangente que cuida dos pobres e dos marginalizados da sociedade. Os cristãos herdaram esta tradição, mas abrem-na tanto a judeus como a gentios, crentes e incrédulos. O resultado desse cuidado e compaixão radicais é que, em dois séculos e meio, “os cristãos passaram de um pequeno grupo de várias centenas de judeus palestinos para a maior força social da história mundial”.

Mas nem toda a atenção que aquele modo de vida atraía era boa. Na verdade, no século IV, o imperador romano Juliano ficou com medo de que o cristianismo “viesse a dominar o mundo para sempre pela discrição das suas boas obras”. O império estava ameaçado pela crescente influência da igreja, o que levou à perseguição. Mas a forma como os cristãos enfrentaram provações, dificuldades e perseguições, também contribuiu para o crescimento e disseminação da igreja primitiva. Nas palavras de Michael Green:

A capacidade dos cristãos de enfrentar críticas, ódio, perseguição e morte, não apenas com serenidade, mas com alegria, deve ter tido um impacto tremendo. Sabemos que sim. Podiam desmembrar os cristãos, jogá-los aos leões, mas não os podiam fazer negar o seu Senhor ou odiar os seus perseguidores. (...) Uma coragem resoluta que pode perdurar, “como ver aquele que é invisível”, confiante na vida após

a morte, tem um efeito estranho. Desarma a violência dos opressores.

Este é, naturalmente, o caminho da cruz. Quando os cristãos vivem o caminho da cruz - oferecendo a outra face, indo além do expectável, orando por aqueles que os perseguem, respondendo a maldições com bênçãos - testemunham a realidade e a possibilidade do governo pacífico e do Reino de Deus em Cristo se aproximarem de nós. O modo de vida da cruz é o caminho de Jesus. O nosso testemunho do caminho é o testemunho do modo de vida de Jesus.



Se um recém-chegado frequentasse a sua igreja durante um mês, caracterizaria a sua congregação como pacífica? Porque sim ou porque não?

Foi o modo de vida de Jesus que inspirou Phineas Bresee a dar início a uma nova igreja há mais de cem anos. No final do século XIX, Bresee foi designado para ser o pastor de uma Igreja Metodista em Los Angeles, uma das melhores nomeações possíveis na denominação. A partir dessa posição privilegiada, Bresee percebeu que Los Angeles estava a passar por uma transformação urbana. Novos imigrantes do Japão e da China viviam e trabalhavam entre hispânicos, afro-americanos e brancos. Com a urbanização veio “uma subclasse crescente de pobres urbanos, presos em ciclos de desespero, álcool e dependência”. Como seguidor de Jesus, Bresee sentiu-se compelido a responder à necessidade. Mas, como seguidor de Jesus, ele também entendeu que não poderia precipitar-se, distanciar-se da pobreza da cidade e magicamente salvar almas. Esse não seria o caminho de Jesus. Esse não seria o caminho da cruz. O caminho de Jesus era que a igreja se tornasse encarnada, que passasse a habitar no meio do sofrimento, comendo e bebendo e partilhando a vida com os pecadores e os excluídos da sociedade, demonstrando aos novos amigos uma maneira de viver em comunhão, moldada pela sua visão do Reino de Deus e convidando-os para esse caminho. Esta é uma forma de estar que é para o benefício do mundo. Então, Bresee renunciou à sua confortável nomeação e começou uma igreja numa das piores partes

da cidade, a Igreja do Nazareno. “Que os pobres sejam alimentados e vestidos”, escreveu Bresee, “derramemos a nossa substância para esse fim; mas mantenhamos o céu aberto, para que possam receber o dom indescritível do Seu amor, no poder transformador do Espírito Santo”.

As cidades e aldeias em que a igreja se encontra hoje são lugares que precisam de pessoas cujas vidas em comunhão testemunham o modo de vida de Jesus no mundo, um povo que vive no poder do Espírito Santo, demonstrando ao mundo, através da sua vida partilhada, como é a vida do Reino de Deus.

Tragicamente, não tenho conhecido muitas pessoas ultimamente que vêem a igreja cristã como um povo que vive no mundo segundo o modo de vida de Jesus. Na verdade, uma das primeiras coisas que notei quando me mudei para Vancouver, foi o desdém e a desconfiança que existia pela igreja cristã entre os meus amigos e vizinhos canadenses. Eu tinha vizinhos que, sabendo que eu era pastor, olhavam para mim com desconfiança sempre que me viam. Muitos dos meus amigos e vizinhos canadenses vêem os cristãos como tacanhos, intolerantes, míopes, coloniais, egoístas e críticos. Mas essas não são as características que vemos em Jesus, pois não? Este não é o fruto do Espírito. Como é que a igreja passou a ser vista desta forma?

É, em parte, por causa dos fracassos da igreja em viver segundo o modo de vida de Jesus. No Canadá, os escândalos de abuso do clero e a experiência de ensino em regime de internato para crianças indígenas, implementada por várias organizações religiosas, deixaram um travo azedo na população em relação à igreja como um todo. Também há os casos de pessoas que tiveram experiências pessoais negativas com a igreja. Como pastor, ouvi histórias de pessoas que foram prejudicadas pela divisão na igreja, pelas intrigas e bisbilhotices, por abusos, disputas de poder e outras posturas políticas que as afastaram. Não acho que o desprezo acumulado de hoje seja justificado, mas precisamos de ser humildes para admitir os momentos em que a nossa vida comunitária não testemunhou dos caminhos do Reino de Deus e se conformou aos caminhos corruptos e violentos deste mundo. “Uma igreja frag-



Porque é que tantas pessoas hoje vêem a igreja como tacanha, intolerante, míope, colonial, egoísta e crítica? O que é que a sua igreja está a fazer para mudar a percepção pública sobre os cristãos?

mentada, dividida e em conflito, não tem nada a dizer ou a oferecer a um mundo dividido, quebrado e violento”, sugere Christopher Wright. E onde falhamos, precisamos de confessar as nossas falhas humildemente e buscar a prometida renovação e correção do Espírito Santo. Uma igreja reaccionária e defensiva, que não está disposta a admitir as suas deficiências e não está disposta a mudar os seus caminhos, não é uma testemunha do modo de vida do

Reino. O caminho do Reino implica fazer a oração que Jesus ensinou aos Seus discípulos, implica estar disposto a dizer ao mundo que nos observa: “perdoa-nos os nossos pecados, assim como perdoamos aqueles que pecam contra nós”.

A forma como vivemos a nossa vida comunitária, enquanto igreja, importa. Como vivemos as nossas vidas perante um mundo que nos observa importa. E a forma como respondemos ao contexto em mudança, em que muitos são desconfiados e hostis em relação à igreja - também importa. Pense por um momento em como o modo de vida de uma congregação testemunha junto dos três grupos beneficiários do testemunho da igreja: os filhos amados da igreja, os esquecidos e os estranhos.

As amadas crianças da nossa comunidade observam como vivemos juntos. As nossas crianças e jovens recolhem pistas da forma como vivemos em comunidade na igreja, sobre o que é ser um seguidor de Jesus e isso influencia se querem fazer parte de uma comunidade como esta. O modo de vida de Jesus, que é testemunho para as amadas crianças da igreja, implica a obediência a todas as grandes passagens que nos exortam “uns aos outros” no Novo Testamento, como por exemplo:

Marcos 9:50 – *Vivam todos em paz uns com os outros;*

Romanos 12:10 – *Amem-se como irmãos;*

Romanos 14:13 – *Deixemos de nos criticar uns aos outros;*

Romanos 15:7 – *Aceitem-se uns aos outros;*

Romanos 15:14 – *Aconselhem[-se] uns aos outros;*

Gálatas 5:13 – *Ponham-se ao serviço uns dos outros;*

Gálatas 5:26 – *Não nos irriteemos uns aos outros, nem haja invejas entre nós;*

Gálatas 6: 2 – *Ajudem-se uns aos outros a suportar as dificuldades;*

Efésios 4:32 – *Sejam delicados e prestáveis e perdoem-se uns aos outros;*

Efésios 5:21 – *Sejam submissos uns para com os outros;*

Colossenses 3:9 – *Não mintam uns aos outros;*

1 Tessalonicenses 4:18 – *Confortem-se uns aos outros;*

Tiago 4:11 – *Não falem mal uns dos outros;*

Tiago 5: 9 – *Não murmurem uns contra os outros;*

Tiago 5:16 – *Orem uns pelos outros e confessem-se uns aos outros;*

1 Pedro 4: 9 – *Ofereçam hospitalidade uns aos outros;*

O mandamento de Jesus aos Seus discípulos em João 13:34 resume tudo isto: “Deixo-vos agora um mandamento novo: amem-se uns aos outros. Assim como eu vos amei, é preciso que se amem também uns aos outros”. O próprio Jesus fala do testemunho público do caminho do amor quando diz, no versículo seguinte: “Se tiverem amor uns aos outros, toda a gente reconhecerá que são meus discípulos”. O modo de vida do amor é o nosso primeiro testemunho às crianças amadas da Igreja.

O nosso amor também é testemunho para os esquecidos, para aqueles que se afastaram da Igreja. Quando o Espírito Santo atrair filhos e filhas que estão perdidos de volta a casa, será que eles irão encontrar uma Igreja que encarna o acolhimento amoroso do Pai, como na história do filho pródigo, ou irão encontrar o juízo do irmão mais velho?

Kassy fazia parte do grupo de esquecidos, até que o Espírito Santo a atraiu de novo a casa através do testemunho da nossa igreja há vários anos. Kassy cresceu num lar cristão e estava activa na igreja até que, quando jovem, se afastou de Deus, casou-se com um homem com uma visão negativa do cristianismo com quem teve um filho, e acabou por ir viver no bairro da nossa igreja. A minha esposa, Aisling, conheceu a Kassy através do centro comunitário local logo depois de nos mudarmos para Vancouver, e encontrá-

vamos frequentemente a sua família em eventos comunitários. A nossa amizade floresceu no campo desportivo de um parque local, onde o nosso filho Graiden jogava na mesma equipa do filho dela, Wyatt. Através de conversas junto ao campo, Kassy soube que pastoreávamos uma Igreja do Nazareno perto de onde ela morava.

Em 2007, o casamento de Kassy terminou e ela viu-se numa situação desesperante. Enquanto estava sentada à mesa da cozinha, lembrou-se do Deus da sua juventude e deu por si a dizer: “ok, Deus, está na hora. Eu vou voltar. Vou conhecer-Te novamente. Vou parar de tentar não pensar em Ti. Vou parar de pensar que não preciso de Ti”. Por causa da sua amizade com a minha esposa, Kassy soube, naquele dia, que seria na Igreja do Nazareno que iria encontrar Deus. No dia 9 de Setembro de 2007, Kassy entrou pelas portas da frente da nossa igreja e encontrou uma recepção calorosa. Ainda me lembro das lágrimas que vertemos quando os nossos olhos se encontraram na entrada. Ela começou a frequentar os cultos, inscreveu-se numa aula de estudo bíblico, voluntariou-se na igreja infantil e até subiu ao palco naquele primeiro ano para a peça de Natal.

Reflectindo sobre aquela época, Kassy disse-me: “A cada momento estava a construir relacionamentos com mulheres e homens de fé que até hoje me encorajam e me ajudam a aprender a ouvir a voz de Deus e a acreditar nos planos d’Ele para mim. Sou muito grata a cada um de vós.” Em Abril de 2008, Kassy viu uma mulher na nossa igreja a ser baptizada. “Lembro-me de pensar o quão extraordinário foi ela ter decidido fazer aquilo”, diz ela. Este baptismo foi um testemunho para Kassy, que decidiu baptizar-se na semana seguinte!

Kassy continuou a frequentar e a crescer e a aprender e a amar e a ser amada e notou como o seu filho, Wyatt, prosperava. Todas as perguntas que ele lhe fazia sobre o significado da vida quando era criança tornaram-se muito mais fáceis de responder. Ao envolver-se na vida cristã em adulta, Kassy procurou oportunidades para aprender mais sobre seguir o caminho de Jesus através do poder do Espírito Santo. “Decidi fazer o curso Alpha [curso básico sobre crenças cristãs], num esforço para obter maior clareza sobre

a vida cristã na minha perspectiva de adulta”, lembra Kassy. Durante o curso Alpha, Kassy experimentou o maravilhoso poder de cura do Espírito Santo. “A noite da cura foi especial. Três senhoras da igreja - Regina, Sandra e Jessie - impuseram as mãos sobre mim enquanto eu orava para que o meu coração partido parasse de me causar dor física. Quando senti o calor passar pelo meu peito, descartei-o como constrangimento, mas quando acordei na manhã seguinte não havia mais dor.” Kassy escreveu que ficou na nossa igreja porque nunca a julgámos ou recusámos; em vez disso, acolhemo-la e ao seu filho nas nossas casas e nas nossas vidas.

Foi o modo de vida da congregação, seguindo o caminho de Jesus, que testemunhou a uma esquecida chamada Kassy e ao seu filho, Wyatt. O amor por Kassy e Wyatt expresso através do povo da igreja abriu o caminho para que ela voltasse para casa, para o seu Pai celestial. Este é o nosso testemunho do modo de vida do Reino, e os esquecidos precisam dele.

Mas este modo de vida também é uma testemunha para os estranhos. Pessoas de fora que entram em contacto com a igreja perguntam-se se esta comunidade é diferente de outras comunidades em que vivem, onde se movem e de onde vieram. As pessoas que estão do lado de fora vivem num mundo quebrado e dividido. Num mundo onde os poderosos dominam os impotentes, onde as pessoas gastam enormes quantidades de tempo e dinheiro divertindo-se, e onde a solidão e o isolamento são uma experiência comum. Eles tendem a perguntar-se se haverá outra maneira de viver? Os cristãos que se amam e amam o próximo; que se estendem além do seu “grupinho”; que trabalham pela justiça e servem com compaixão; que comem e bebem com os pecadores; que se derramam para o bem do mundo; que amam a misericórdia, praticam a justiça e andam humildemente com Deus - esses cristãos vivem como testemunhas de Jesus.



De que forma é que as atitudes, acções, valores económicos e estilos de vida das pessoas da sua igreja são semelhantes ou diferentes da cultura que a envolve?

Visitei o Quénia em Novembro de 2011. Em Nairóbi, vi o testemunho do modo de vida de Jesus das igrejas locais nas comunidades segregadas de Kabete e Kawangware, onde as congregações abriram sacrificialmente escolas para atender crianças em risco daquela comunidade. Vi o testemunho da igreja em Entoronto, onde os Ministérios Nazarenos de Compaixão estão a transformar uma terra seca e árida numa terra verde para que as famílias possam aprender agricultura. Mais tarde, regresssei a Nairóbi como parte de uma equipa cuja missão era construir uma sala de aula na Igreja do Nazareno em Kawangware para que pudessem expandir a sua escola. Amigos nossos em Vancouver, que não são cristãos e não frequentam a nossa igreja, ouviram falar do nosso projecto no Quénia e quiseram fazer parte dele, e muitos deles doaram para a causa. O nosso envolvimento neste projecto foi testemunho para os nossos vizinhos que não frequentavam nenhuma igreja em Vancouver. As nossas boas obras são testemunho para os que estão de fora. As nossas boas obras glorificam a Deus no meio dos incrédulos.

Em 1 Pedro 2:12, Pedro encoraja os cristãos a terem “bom comportamento no meio dos que não conhecem a Deus. Desse modo, se eles agora vos acusam como malfeitores, não de ver o bem que fazem e não de louvar a Deus no dia do juízo.” Igrejas em todo o mundo procuram humildemente viver a sua vida comunitária de forma a que testemunhe aos filhos amados da Igreja, aos esquecidos e aos estranhos. Este é o nosso testemunho do modo de vida de Jesus!



## Evangelismo: o coração do nosso testemunho

---

*Actos 2:36: Portanto, que todo o povo de Israel fique bem consciente que a esse mesmo Jesus, que vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Messias.*

---

O que lhe vem à mente quando ouve a palavra evangelismo? Tem uma reacção positiva? Negativa? Indiferente? É uma palavra esperançosa e útil para si, ou uma palavra que suscita medo e ansiedade? Quando perguntei a um grupo de pessoas da minha congregação o que a palavra evangelismo lhes trazia à mente, recebi as seguintes respostas:

Evangelismo é pregar, como Billy Graham, em tendas e arenas, às multidões.

Evangelismo é andar na rua a distribuir folhetos.

O evangelismo é intrusivo.

Evangelismo é falar com as pessoas individualmente ou interpelar as pessoas no centro comercial.

Evangelismo é tentar resgatar pessoas; como naquelas máquinas de feira onde tentamos apanhar um prémio, com o braço mecânico, de um amontoado de presentes que parece não ter fim.

Finalmente, alguém admitiu que, “desde muito novo senti um forte sentido de obrigação de evangelizar pessoalmente. Como resultado, o evangelismo para mim é algo repleto de

ansiedade.”

Ao entrevistar as pessoas da igreja, comecei a perceber que a palavra evangelismo carrega alguma “bagagem”. Alguém me disse recentemente: “Quando ouvi que ia pregar uma série sobre testemunho e evangelismo, a minha primeira reacção foi medo. Ele vai pedir-nos para ir de porta em porta, para interagir com estranhos e falar-lhes sobre Jesus.” Ela ficou aliviada por não lhe ter pedido para fazer isso - e ela ama Jesus!

O negativismo em torno da palavra “evangelismo” é ainda maior fora da igreja. Uma amiga do meu bairro perguntou-me sobre o que era a minha tese de doutoramento. Eu respondi “é sobre evangelismo”, apenas para ver que tipo de reacção receberia. Houve uma reacção. Não foi positiva. É triste que o evangelismo se tenha tornado numa palavra ofensiva, numa palavra que provoca ansiedade e constrangimento na igreja, e é uma afronta ao mundo. Esta descoberta inspirou a minha investigação sobre o problema e o meu desejo de regenerar o evangelismo como uma prática missional da nossa igreja. Quero reivindicar o evangelismo como uma prática significativa da igreja e cheia de esperança. Na Bíblia, evangelizar significa, literalmente, anunciar Boas Novas ou uma mensagem de boas-vindas. Esta é a palavra que muitas vezes traduzimos como “Evangelho”. No Novo Testamento, o Evangelho é a boa notícia sobre a vitória de Jesus Cristo sobre os poderes do mal, do pecado e da morte. São as implicações salvíficas para o mundo inteiro da Sua vida, morte, ressurreição, ascensão e regresso vindouro. No sermão de Pedro, no dia do Pentecostes, estas Boas Novas estão centradas na exaltação de Jesus Cristo à direita de Deus, e no derramamento gracioso do Espírito Santo sobre todos os que reconhecem Jesus como Senhor e Cristo. A boa notícia que Pedro anuncia é que Jesus é o tão esperado Messias de Israel e o verdadeiro Senhor do mundo. Aquele que traz a salvação de Deus para todos os que voltarem para Ele e O receberem.

O uso da palavra “evangelizar” no Novo Testamento está enraizado no seu uso no Antigo Testamento. Isaías 52:7 celebra o portador de tais Boas Novas:

Como são formosos sobre os montes  
os pés do mensageiro que anuncia a paz,  
que anuncia a paz,  
que traz a boa nova,  
que anuncia a salvação,  
que diz a Sião: «O teu Deus reina!»

O dia 8 de Maio de 1945, conhecido como o Dia da Vitória da Europa, foi o dia celebrado em todo o mundo em homenagem à rendição da Alemanha nazi às forças aliadas. Quando a notícia da rendição da Alemanha foi anunciada, o alívio e as celebrações ocorreram em todo o mundo ocidental. No Reino Unido, o rei George VI e a rainha Elizabeth fizeram aparições públicas na varanda do Palácio de Buckingham, juntamente com o primeiro-ministro Churchill. Nos Estados Unidos, era o aniversário do presidente Truman, que o considerou o melhor aniversário de sempre. A notícia da vitória dos Aliados, a notícia da derrota do inimigo e da paz vindoura eram boas notícias.

O evangelismo está enraizado no anúncio das Boas Novas de que a vitória cósmica conquistada por Jesus na cruz foi confirmada através da Sua ressurreição de entre os mortos. A ressurreição e a ascensão de Jesus, e o conseqüente derramamento do Espírito Santo, asseguram-nos que o Reino de Deus começou em Cristo Jesus e o Reino do mal, do pecado e da morte está a terminar. Esta é uma boa notícia para um mundo preso às garras do mal, do pecado, do abuso, da corrupção e da morte.

Scott Jones lembra-nos diligentemente que estas Boas Novas são notícias que revelam e confirmam o amor de Deus por toda a raça humana e por toda a criação.

Porque é que Deus anuncia a vinda do Reino [de Deus] na pessoa de Jesus? Porque é que Cristo morreu pela redenção do mundo? Porque é que Deus garante o cumprimento de todas estas promessas num novo céu e numa nova terra? A resposta a estas e outras perguntas fundamentais está na essência de Deus, que é o amor. Deus cria, redime e salva o mundo, porque Deus é amor. Deus ama o mundo.

A expressão mais conhecida desse amor encontra-se em João 3:16, que encapsula lindamente esta boa notícia amorosa: “Deus amou de tal modo o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crer não se perca, mas tenha a vida eterna.”

Para restaurar o evangelismo como uma prática significativa da nossa igreja, precisamos de redescobrir e abraçar o Evangelho pelo que ele realmente é: as Boas Novas do amor redentor, reconciliador e resgatador de Deus por toda a criação. A igreja cristã é chamada, capacitada e dotada para dar testemunho do Reino amoroso de Deus de muitas e várias maneiras. Testemunhamos do Reino de Deus em Cristo através do nosso testemunho de adoração, do nosso testemunho de admiração e do nosso testemunho do modo de vida, que encontramos em Jesus.

Muitas vezes usamos a palavra *evangelismo* para nos referirmos a essa missão mais ampla de anunciar e encarnar as Boas Novas no mundo. Mas, a fim de restaurar o evangelismo como uma prática missional da igreja, quero sugerir que a usemos de uma forma mais clara. *O evangelismo* está no centro da nossa missão de testemunho, na qual toda a congregação está envolvida. Esta missão mais focada do evangelismo está em Mateus 28:18-20, onde Jesus, ressurrecto, diz aos Seus



Qual é o objectivo ou o propósito do nosso testemunho no mundo? Qual é o objectivo ou o propósito do evangelismo? São iguais? São diferentes? São parecidos?

discípulos:

Então Jesus aproximou-se deles e declarou: «Foi-me dado todo o poder no Céu e na Terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos. Batizem-nos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo quanto eu tenho mandado. E saibam que estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.»

Esta passagem é muitas vezes referida como a Grande Comissão. À medida que nós - uma comunidade de discípulos - estamos no processo de caminhar juntos, testemunhando da realidade do Reino de Deus no mundo, através da nossa adoração, admiração

e modo de vida, somos comissionados a fazê-lo na autoridade do Rei Jesus. Ele envia-nos em Seu nome para fazer discípulos, convidando outros a entrar na maravilhosa vida do Reino de Deus, para se juntarem a nós na adoração do nosso Rei ressurrecto, e participem connosco no modo de vida com Jesus. Se pensarmos sobre a nossa missão desta forma, veremos que o evangelismo está na linha da frente da missão da igreja de ir e fazer discípulos. O evangelismo engloba o trabalho de toda a igreja ao iniciar no discipulado cristão os filhos amados da igreja, os esquecidos e os que estão de fora, em resposta ao Reino de Deus em Cristo. A nossa missão maior de testemunho está, portanto, intimamente ligada à nossa missão mais focada de evangelismo. Através da nossa adoração, admiração e modo de vida, anunciamos e encarnamos as mesmas Boas Novas do Reino de Deus em Cristo, nas quais procuramos iniciar as pessoas nas nossas práticas de evangelismo.

Na verdade, não estou a sugerir nada particularmente novo ou inovador. Iniciar as pessoas no discipulado cristão em resposta ao Reino de Deus sempre esteve no centro da missão da igreja, mesmo que não tenha sido explicitamente descrito dessa forma. Mas, para restaurar o evangelismo como uma prática missional da igreja, precisamos de fazer uma conexão mais explícita entre a nossa missão mais ampla de testemunho e a missão mais estreita do evangelismo, em particular, ao considerarmos os três grupos beneficiários do nosso testemunho: os estranhos, os esquecidos e os filhos amados.

Permita-me contar uma história de como uma mulher esquecida e a sua filha amada foram iniciadas no discipulado cristão através do testemunho de toda a igreja, para ilustrar a conexão que quero que façamos. É a história da minha sogra, Sandy, e da filha, a minha esposa, Aisling.

Quando era criança, na década de 1950, os pais de Sandy levaram-na à igreja baptista local, onde ela se lembra de se sentar no culto de adoração e olhar admirada para as colunas grandes e brilhantes que fluíam pelo santuário. A avó de Sandy era uma cristã convicta, que lia a sua Bíblia diariamente e mostrava amor, carinho e aceitação a Sandy. Os pais de Sandy mudavam-se muito,

e nem sempre frequentavam a igreja de forma consistente. Mas quando se estabeleceram numa cidade grande, um pastor chamado Cephas Centers convidou os pais dela para uma nova igreja que ele estava a começar. A mãe de Sandy envolveu-se na igreja, dirigindo o coro, e Sandy foi para a escola dominical, onde aprendeu as histórias da Bíblia. Ela foi ao acampamento de verão da igreja e lembra-se de aprender a cantar a Doxologia. Os modos amorosos, receptivos e sábios de uma conselheira do acampamento tiveram uma influência significativa em Sandy, e essa conselheira nutria nela um sentimento de admiração por estar na maravilhosa criação de Deus.

Na pré-adolescência, Sandy lembra-se de ir ao altar daquela igreja e entregar a sua vida a Deus enquanto a congregação cantava uma canção gospel chamada “Just as I Am” [Tal Como Estás]. No momento em que ela se levantou do altar, sentiu como se um fardo tivesse desaparecido. Logo depois, a avó de Sandy morreu e o seu pai foi transferido para outra cidade distante. Após a mudança, a família não encontrou uma nova igreja e Sandy deixou de fazer parte da comunidade de testemunhas. Com o tempo, a família, que antes fazia parte da igreja, tornou-se uma família de esquecidos. No entanto, Sandy manteve um sentido da presença de Deus e permaneceu interessada nas coisas espirituais. Depois de se formar na faculdade, mudou-se para a Irlanda, onde conheceu e se casou com Martin, com quem teve duas filhas gêmeas, Aisling e Caoilfhionn. Logo após o nascimento das meninas, Sandy e Martin divorciaram-se.

Sandy e as meninas voltaram para os Estados Unidos. Ela casou-se novamente e, em 1980, mudou-se para um complexo de apartamentos perto do Seminário Teológico Nazareno. Ali conheceu Daryll e Verna Stanton, que eram alunos do seminário. Sandy lembra-se do casal Stanton como vizinhos amigáveis e humildes; eles convidavam Sandy e a família para jantar em sua casa; partilhavam a sua vida com eles. Ela não se lembra deles como agressivos ou insistentes, apenas pessoas reais. O casal convidou Sandy para ir à sua igreja muitas vezes e recebeu muitas recusas. Sandy convivia bem com a ideia de Deus, mas não estava interessada na

igreja. Sentia-se desencorajada pela religião organizada e tinha medo de seitas. Por esta altura, Sandy era considerada uma esquecida, na medida em que não estava a nutrir a sua caminhada com Jesus ou a participar da vida e da missão de Deus no mundo com uma comunidade de fé constituída pelo Espírito.

Um dia, Verna Stanton convidou-a para um programa de teatro de sábado para mulheres. Sandy foi e ficou surpreendida com a quantidade de amor e aceitação que havia no elenco, mesmo quando alguém se enganava nas falas. Tendo alguma experiência em teatro, Sandy esperava críticas quando o elenco cometesse erros, mas, em vez disso, ela experimentou gargalhadas, naturalidade e alegria. A forma como os membros do elenco se relacionavam uns com os outros foi um testemunho para ela. Ela lembra-se daquele dia como a razão de finalmente ter aceite o convite para estar num culto de alvorada de Páscoa. Sandy sentiu uma conexão espiritual através do testemunho de adoração da congregação. Ela sentiu que o que estava a acontecer ali era real para o casal Stanton, para o pastor e para a congregação, mesmo que ainda não o fosse completamente para ela. Logo depois, Sandy começou a frequentar os cultos de domingo.

O pastor era um homem canadiano chamado Gordon Wetmore. Ele tinha um braço enfraquecido como resultado de poliomielite. Vê-lo pregar com uma deficiência foi um testemunho para Sandy. O carinho e as boas-vindas da congregação também foram um testemunho e criaram um espaço seguro onde Sandy pôde observar a forma como eram igreja juntos. Ela ficou aliviada, depois de algumas visitas, por perceber que a Igreja do Nazareno não era uma seita. Sandy começou a frequentar a escola dominical e conheceu um dos pastores da equipa, Chic Shaver. Certo Domingo, depois de frequentar a igreja há um tempo, Chic ofereceu-se para visitá-la em sua casa e conversar com ela sobre as coisas espirituais. Sandy considerou a oferta como uma expressão de cuidado. O seu casamento não estava bem, a sua casa tinha-se tornado um lugar sombrio e o marido mostrava tendências violentas e perigosas em relação a ela e às duas filhas.

Chic e duas outras pessoas da igreja foram a casa dela. Seguindo o guião do Evangelismo Explosivo, eles partilharam o plano da salvação com Sandy. Quando Chic perguntou a Sandy se ela gostaria de aceitar Jesus como seu Salvador, Sandy sentiu que era uma oportunidade para renovar o compromisso com Cristo que já tinha feito em criança. Uma pessoa esquecida foi recebida em casa. Como o seu marido não era receptivo, Sandy orou em particular, mas lembra-se de que, ao orar, teve o que descreve como “uma visão de Jesus” sobre o Pastor Shaver. Foi um testemunho de uma admiração que Sandy aceitou como um sinal de que poderia confiar no que Chic Shaver estava a dizer. Daquele momento em diante, Sandy tornou-se um membro regular da comunidade de adoração na Igreja do Nazareno. O seu casamento terminou pouco depois, e a igreja tornou-se uma parte importante da cura que ela e as suas filhas precisavam. Ela envolveu-se nos ministérios da igreja e, agora adulta, envolveu-se novamente na jornada com Jesus que tinha deixado há tantos anos.

A filha de Sandy, Aisling, tornou-se imediatamente uma filha amada da igreja. Embora não tivesse pai, ganhou muitos pais espirituais amorosos que garantiram que ela, a mãe e a irmã recebessem o cuidado de que precisavam. Aisling não se lembra de ter tido um momento como o da mãe, em que alguém veio à sua casa para convidá-la a aceitar Jesus. Mas lembra-se do seu lar ser mudado pelo poder do Evangelho. A sua mãe encontrou coragem para deixar o relacionamento abusivo e a luz de Cristo começou a brilhar em sua casa. Aisling começou a fazer discipulado cristão através das aulas da escola dominical, cultos, grupos de jovens, acampamentos de verão e através da orientação de adultos espiritualmente sensíveis e maduros da igreja. Ao longo da sua infância, adolescência e juventude, ela foi várias vezes ao altar, pediu e recebeu perdão e consagrou-se ao Senhor. Ela não sabe dizer a data e hora específicas em que aceitou Cristo; mas lembra-se de ter sido sempre aceite por Cristo. Ela foi publicamente iniciada na igreja cristã através do baptismo e da sua profissão de fé. A igreja não tratou Aisling como uma pessoa de fora ou como uma esquecida; mas envolveu-a nos seus braços amorosos como uma filha amada.

Através da nutrição intencional da igreja e do seu testemunho de adoração, de admiração e do caminho, a Aisling vive agora como uma fiel seguidora de Jesus.

Partilho esta história de Sandy e Aisling para ilustrar como as práticas de evangelismo que estão no centro da nossa missão de testemunho não precisam de ser intrusivas, negativas, coercivas ou agressivas, mas sim fluir do nosso testemunho partilhado de adoração, admiração e forma de estar no mundo. Os Stanton eram apenas vizinhos amorosos. Não forçaram um plano ou um objectivo, mas partilharam abertamente o seu modo de vida. “As pessoas precisam de ver como vive a sua vida antes de serem receptivas. Os Stanton deram-me essa possibilidade”, lembra Sandy. A forma como as pessoas da igreja se amavam umas às outras e como envolveram Sandy e as suas filhas nesse amor, foi o seu testemunho. Os cultos regulares e semanais na Primeira Igreja de Kansas City também testemunharam a Sandy. Nas manhãs de Domingo, ela observava pessoas que autêntica e genuinamente adoravam Jesus, ressurrecto e ascendido, e o seu testemunho de adoração teve um impacto nela. Enquanto ouvia os sermões e cantava as músicas, a fé da sua infância foi reavivada. O Espírito Santo estava a trabalhar maravilhosamente na vida de Sandy. O deslumbramento que ela experimentou na igreja da sua infância e admiração pela boa criação de Deus que foi cultivada no acampamento de jovens de verão ajudaram-na a estar atenta ao Espírito Santo quando Chic a visitou. Como ela era uma esquecida que tinha memórias positivas da igreja, ela acolheu o interesse de Chic na sua condição espiritual quando ele se ofereceu para ir à sua casa.

A jornada de Aisling para o discipulado foi diferente da da sua mãe. Por causa da forma como a igreja envolveu a sua família, Aisling sempre conheceu a vida e o amor de Cristo na igreja. Os seus



Quão importante foi o método específico de evangelismo pessoal usado nesta história (*Evangelismo Explosivo*) para ajudar Sandy e Aisling a tornarem-se discípulas de Jesus? Que outros factores foram significativos?

professores da escola dominical, pastores, amigos e mentores espirituais ajudaram a iniciá-la no discipulado cristão. Através do baptismo, a igreja assinalou e celebrou a obra regeneradora do Espírito na vida de Aisling e a sua inclusão como participante plena da vida e da missão da igreja. Ela foi uma filha amada da igreja durante toda a sua vida.

Para as amadas crianças da igreja, o evangelismo é um ministério de toda a congregação. Somos todos nós, juntos, o tempo todo, ajudando as nossas crianças, jovens e idosos amados, a descobrir e entrar no caminho do discipulado cristão. Num workshop de evangelismo, afirmei que o evangelismo é um ministério de toda a congregação e que parte desse ministério inclui ajudar os filhos amados da igreja a amadurecer como discípulos de Jesus. Depois do workshop, uma senhora mais velha veio ter comigo e disse algo como: “Obrigado! Isto foi muito útil. Passei toda a minha vida a ministrar a crianças e jovens na igreja, mas como nunca dirigi ninguém na oração do pecador, nunca senti que estivesse a fazer evangelismo. Mas estive! Ensinei muitas crianças e jovens sobre Jesus; orei com elas e por elas e encorajei-as a segui-Lo. Muitas dessas crianças são fiéis seguidoras de Jesus hoje.” Precisamos de encorajar os nossos professores da escola dominical, os ministros de jovens e todos os que trabalham com as nossas crianças e jovens a ver o quão vital é o seu ministério. Eles estão a evangelizar os nossos filhos através dos seus ministérios fiéis e muitas vezes ingratos como educadores de infância, líderes de igrejas infantis, professores de escola dominical, conselheiros de acampamentos de Verão, ministros de jovens (remunerados e voluntários), padrinhos, mentores e amigos espirituais.

As pessoas de fora provavelmente percorrerão um caminho diferente para o discipulado cristão do que os esquecidos ou os nossos amados filhos. Para regenerar o evangelismo como uma prática missional da igreja local, as congregações devem estar atentas ao seu contexto único. Vancouver não é Kansas City. Esquecidos, como a minha sogra, que cresceu numa cultura de igreja e carrega lembranças calorosas e positivas das suas experiências anteriores na igreja, são raros em Vancouver e em muitas outras

idades globais. Muitos dos métodos de evangelismo desenvolvidos no passado, como o *Evangelismo Explosivo*, as *Quatro Leis Espirituais* e a *Estrada Romana*, foram projectados para esquecer, pessoas que já tiveram alguma experiência positiva com a igreja. Esses métodos de evangelismo, na verdade, diziam-lhes “voltem para casa”, e ofereciam a garantia da salvação àqueles que o viam como uma necessidade espiritual.

Na minha experiência com as pessoas de fora, hoje, estes métodos de evangelismo (guiões preparados, ir de porta em porta, e outros métodos que exortam a “voltar para casa”) caem por terra. Quando pensamos em evangelizar estranhos, precisamos de considerar práticas de evangelismo que tenham em mente uma visão a longo prazo. Evangelizar pessoas de fora implica recebê-las para pertencerem à nossa comunidade de fé e envolverem-se na nossa vida familiar e comunitária muito antes de acreditarem e, certamente, antes de se comportarem da forma que esperamos que os discípulos cristãos se comportem. Ao abrir espaço para que os de fora pertençam antes de crerem, oferecemos-lhes graciosamente a oportunidade de vislumbrar a vida de discipulado cristão para a qual os estamos a chamar, e permitimos que haja espaço para a obra do Espírito Santo abrir os seus olhos e ouvidos. Isto chama-nos a ser fiéis no nosso testemunho de adoração, admiração e modo de vida a longo prazo.



As pessoas que acreditam ou se comportam de forma diferente de si são bem-vindas e encorajadas a frequentar a sua igreja?

Em conversa com os meus colegas pastores em Vancouver, estimamos que pode levar cerca de sete anos para que estranhos, que formaram conexões positivas com uma igreja, sejam iniciados no discipulado cristão. Mas numa cidade como Vancouver, com uma alta taxa de mobilidade, muitas das pessoas de fora que entram em contacto com a igreja por meio de ministérios, como aulas de inglês ou serviços para refugiados, não vão permanecer durante sete anos. Neste contexto, evangelizar estranhos inclui o trabalho de semear o Evangelho, confiando que a semente que é

plantada crescerá até à maturidade, mesmo depois das pessoas se afastarem.

Fiona era uma investigadora chinesa visitante na University of British Columbia que, com a sua família, se tornou parte da nossa comunidade durante os meses em que viveu perto da nossa igreja. Ela fez amizade com a anfitriã do nosso Clube de Conversação em Inglês, uma mulher chamada Brenda. Brenda convidou Fiona para participar na reunião de estudo bíblico feminino em sua casa. Ao longo do estudo, Fiona expressou admiração pelos ensinamentos de Jesus e disse às senhoras do estudo bíblico que estava a tentar colocar os ensinamentos de Jesus em prática na sua vida doméstica e profissional. Além disso, ela lia a Bíblia com a família e sua filha pré-adolescente começou a orar. Uma noite, durante o estudo bíblico, Fiona começou a falar aberta e positivamente sobre Jesus. Uma das senhoras aproveitou a oportunidade para perguntar a Fiona se ela queria aceitar Jesus no seu coração. Fiona recusou.

Fiona não conseguiu ou não quis responder ao convite directo para pedir a Jesus que entrasse no seu coração. Ela não estava interessada em aderir à religião cristã, que era o que entendia pelo convite. No entanto, ao mesmo tempo, porque tinha sido convidada para fazer parte do estudo bíblico feminino, estava a aprender a colocar os ensinamentos de Jesus em prática na sua vida quotidiana e, como resultado, a sua vida e toda a sua família estavam a ser transformadas. Mesmo que ela não orasse para aceitar Jesus, as senhoras do estudo bíblico estavam a evangelizá-la na medida em que a estavam a iniciar no discipulado cristão. Através do seu envolvimento com a nossa igreja de várias formas diferentes, ela estava a descobrir o que significava ser uma seguidora de Jesus e colocar os Seus ensinamentos em prática. Esperamos que, com o tempo, Fiona chegue à fé pessoal em Jesus Cristo como participante plena da vida e da missão de Deus no mundo. Mas sou grato por termos tido a oportunidade de ajudá-la a começar a jornada. Para Fiona, e muitos dos que estão de fora, como ela, a jornada até Jesus levará tempo. Os nossos ministérios de evangelismo para as pessoas de fora precisam de ser flexíveis, criativos, pacientes e atentos à obra do Espírito.

É claro que o arrependimento e a fé são necessários para a plena iniciação no discipulado cristão. As Boas Novas do Reino de Deus exigem uma resposta. Em Actos 2, seguindo a admiração pelo evento de Pentecostes e as palavras maravilhosas de Pedro, os observadores “ficaram muito comovidos” (Actos 2:37) e perguntam a Pedro o que deveriam fazer.

Pedro respondeu: “arrependam-se e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo, para que Deus vos perdoe os pecados. E receberão o dom do Espírito Santo. Pois a promessa de Deus é para vós e para os vossos filhos, e para todos os que estão longe: para todos os que o Senhor, nosso Deus, quiser chamar. (...) Muitos aceitaram as palavras de Pedro e foram batizados. Só naquele dia juntaram-se aos crentes cerca de três mil pessoas.” Actos 2:38-39, 41

É esta chamada ao arrependimento e fé em Jesus que muitas vezes causa conflito entre a igreja e o mundo. Não podemos ignorar ou ser ingênuos quanto ao desafio que o testemunho e a evangelização da igreja trazem ao mundo. As pessoas podem apreciar o nosso testemunho de adoração, admiração e modo de vida e, ainda assim, não quererem ser iniciadas no discipulado cristão em resposta ao Reino de Deus. Regenerar o evangelismo como uma prática missional da igreja significa que levamos a sério a verdade bíblica de que o evangelismo implica uma convocação para uma nova aliança e incorporação na nova comunidade do Espírito Santo, que busca viver como testemunho do Reino de Deus através da sua adoração, admiração e modo de vida. Os filhos amados, os esquecidos e os de fora precisam de ser convidados a receber Jesus e tornarem-se Seus discípulos. Podem precisar de orientação sobre como expressar o arrependimento e em que acreditar. O evangelismo destina-



Já ajudou um filho amado, um esquecido ou um estranho a receber Jesus? O que fez para ajudar a pessoa a entender o que significa arrependimento e crer? Como é que a situação da pessoa moldou a sua orientação?

-se a iniciar as pessoas no discipulado cristão e, sem a intencionalidade da comunidade cristã, o evangelismo não acontecerá.

Usamos a palavra *conversão* para descrever a mudança de coração, mente, vontade e atitude que é uma parte central do que significa receber Jesus como Salvador e Senhor. Conversão é uma palavra bíblica usada para descrever o que acontece quando as pessoas são iniciadas no discipulado em resposta ao Reino de Deus em Cristo. Independentemente se a conversão de uma pessoa ocorre num momento de crise ou como um processo mais longo, a dupla resposta exigida por Pedro no seu sermão em Actos 2 permanece no centro da experiência de conversão, que significa que uma pessoa se afasta dos reinos deste mundo e se volta para o Reino de Deus.

Esta dupla resposta é o arrependimento e o baptismo: “Arrependam-se e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo, para que Deus vos perdoe os pecados. E receberão o dom do Espírito Santo. Pois a promessa de Deus é para vós e para os vossos filhos, e para todos os que estão longe: para todos os que o Senhor, nosso Deus, quiser chamar” (Actos 2:38-39). No livro de Actos, o arrependimento e o baptismo são inseparáveis da participação na vida e na missão da igreja cristã.

Através do baptismo, somos comissionados na missão de Deus para trazer vida ao mundo. Ser baptizado é passar a ser um membro da comunidade de testemunho capacitada pelo Espírito. Todos os que são baptizados em comunhão com Cristo e com a Sua Igreja são agora testemunhas e, juntos, têm a grande alegria e privilégio de ajudar a iniciar filhos amados, os esquecidos e os estranhos no discipulado cristão em resposta ao Reino de Deus. Damos testemunho deste Reino através da nossa adoração, admiração e modo de vida. E amorosamente procuramos iniciar todos os que invocam o nome do Senhor no discipulado, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a obedecer a tudo o que Jesus ordenou. Jesus prometeu estar sempre connosco enquanto cumprimos esta missão, até ao fim dos tempos.

O evangelismo é o coração da nossa missão de testemunho. Ao envolver-se nesta missão com a sua congregação nos lugares em

que vive, se move, trabalha, ora e se diverte, nestes dias, oro para que o faça com confiança capacitada pelo Espírito e alegria cheia do Espírito, em amor, pela vida do mundo.



## Evangelismo pessoal: oração

---

*Actos 4:31: Mal acabaram de orar, tremeu o lugar onde estavam reunidos. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a pregar a mensagem de Deus com ousadia.*

---

Um estudo recente de pessoas que se identificam como cristãos nascidos de novo, na América do Norte, fez a seguinte pergunta: o evangelismo já não está na moda? De acordo com os resultados, 73% das pessoas concordam que têm a responsabilidade pessoal de partilhar a sua fé cristã com os outros. No entanto, na prática, o estudo mostra que o evangelismo está em declínio em quase dois em cada três cristãos activos hoje. A conclusão é que milhões de cristãos permanecem comprometidos com a ideia de evangelismo, mas não agem com base nessa convicção.<sup>1</sup>

Esta pesquisa confirma a experiência de muitos pastores e igrejas em áreas do mundo onde o cristianismo existe há gerações. A maioria das pessoas que frequenta a igreja sente que deveria fazer evangelismo pessoal, mas poucos realmente fazem o que acham que deveriam fazer. A lacuna perceptível entre a convicção e a acção faz com que muitas pessoas se sintam mal.

Estou muito interessado em saber por que razão as pessoas não agem com base na sua convicção. E o que percebi é que uma

---

<sup>1</sup> Barna Group, “Is Evangelism Going Out of Style?,” consultado a 19 de Dezembro de 2013, <https://www.barna.org/barna-update/faith-spirituality/648-is-evangelism-going-out-of-style#.UrJtuLhFnk>.

das razões pelas quais muitos cristãos hoje não se envolvem realmente no evangelismo é por associarem o evangelismo a um conjunto de práticas, comportamentos ou abordagens com os quais eles próprios não se sentem à vontade e com os quais não querem ser associados. Para muitas pessoas, o evangelismo pessoal não parece muito pessoal.

Por exemplo, algumas pessoas pensam que o evangelismo pessoal é bater à porta de estranhos para falar sobre Jesus, o que não é muito pessoal. Quando um estranho bate à minha porta para me vender um produto ou promover uma religião, eu não fico particularmente satisfeito. Considero esta prática uma invasão da minha privacidade e pouco respeitoso para comigo enquanto pessoa. Já vi evangelismo pessoal a ser praticado nos moldes de uma reunião com a pessoa, numa conversa com um guião pré-definido no qual o objectivo é fazer com que a pessoa concorde com as suas crenças religiosas através de argumentação lógica, perguntas e técnicas de pressão. Essas práticas também não são muito pessoais. Não gosto de conversas em que sinto que alguém está a querer convencer-me de algo. Já vi o evangelismo pessoal ser praticado como uma tentativa de construir um relacionamento com alguém que é considerado não salvo. Não porque se esteja realmente interessado em conhecer esse alguém, ou aprender sobre o passado e as experiências de vida da pessoa, mas apenas com o objectivo de partilhar com ela as suas crenças religiosas. Se a pessoa não é receptiva, o relacionamento é rapidamente abandonado. O que também não é pessoal. Não gosto de sentir que sou o projecto de alguém e que o único interesse de uma pessoa em mim é fazer com que eu me conforme à sua crença ou opinião. As nossas práticas de evangelismo têm de ser pessoais.

O evangelismo é pessoal porque a própria essência de Deus é pessoal: Pai, Filho e Espírito Santo. E o nosso Deus pessoal deseja, acima de tudo, atrair pessoas para a vida trinitária de Deus, libertando-as dos efeitos despersonalizantes do pecado e da morte; iniciando pessoas na vida e no amor de Deus por meio do arrependimento e da fé em Jesus Cristo; restaurando a imagem de Deus nas pessoas; e acolhendo pessoas na nova comunidade do Espírito,

onde nos tornamos parte da família de Deus. O Deus trino criou as pessoas para habitar este mundo porque a Sua essência é pessoal e Deus ama as pessoas! Os ministérios de evangelismo da igreja devem reflectir a natureza pessoal de Deus.

Numa publicação no *Facebook*, o meu amigo Daron partilhou como uma igreja demonstrou um interesse pessoal na sua família, que transformou a sua vida:

Tudo começou quando eu tinha dez anos; o mais velho de três filhos de uma mãe solteira. Estávamos mais quebrados do que imaginávamos. Uma Igreja do Nazareno procurou-nos, acolheu-nos e amou-nos em direcção à integridade e à cura.

Que belo testemunho do poder redentor de uma congregação amorosa. Este é o evangelismo que é pessoal.

Esta era a maneira de Jesus evangelizar. O evangelismo de Jesus era pessoal porque o objectivo do Seu evangelismo era convidar as pessoas a tornarem-se pessoalmente Seus seguidores; juntar-se pessoalmente à Sua companhia de discípulos. Jesus não pediu às pessoas que aderissem à Sua religião, mas, em vez disso, que se unissem pessoalmente a Ele. Nunca percamos de vista o facto de que o objectivo de Jesus, durante o Seu ministério de três anos na terra, era reunir mulheres e homens para Si mesmo; con-

vidá-los para um relacionamento pessoal com Ele enquanto Seus discípulos. Em todos os lugares onde ia, Jesus convidava as pessoas a segui-Lo. Fazia-o sabendo que, através da Sua morte sacrificial na cruz, Ele resgataria as suas próprias vidas, reivindicando-as como Suas, libertando-as do flagelo do pecado e da catástrofe da morte que destrói a pessoa. Depois da Sua ressurreição e ascensão, Jesus deu aos Seus discípulos o dom da pessoa do Espírito Santo, que os uniria como uma nova comunidade de pessoas; homens e mulheres de todas as



Com base na sua compreensão de Jesus, considera-O um amigo ou inimigo da religião? Como Jesus Se sentiria em relação a práticas de evangelismo focadas em convencer as pessoas da verdade de um determinado ponto de vista religioso?

esferas da vida que agora viajariam juntos neste mundo como testemunhas de Jesus, atraindo outras pessoas para a comunhão com Jesus através da comunhão da igreja, através da Sua vida no mundo.

O evangelismo que é pessoal é o evangelismo que é caracterizado por uma preocupação amorosa e semelhante à de Jesus, para que as pessoas pertençam à nova comunidade de discípulos, e se tornem discípulos de Jesus que são:

- curados do flagelo e perdoados da culpa do pecado;
- destinatários da vida eterna, filhos e filhas de Deus; pessoas sobre as quais a morte não domina mais;
- seguidores de Jesus que adoram o Pai através d'Ele; experimentam o maravilhoso poder e a presença do Espírito Santo na sua vida em conjunto; e andam nos caminhos de Jesus, fazendo justiça, amando a misericórdia e andando humildemente com Jesus e os seus companheiros no mundo;
- unidos a Cristo pela fé; participantes da natureza divina vivendo em alegre união com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

O evangelismo pessoal envolve que práticas? Todos podem participar no evangelismo pessoal, envolvendo-se pessoalmente em três práticas pessoais. Estas incluem:

1. Oração pessoal pelas pessoas (Capítulo 6)
2. Partilhar histórias pessoais com as pessoas (Capítulo 7)
3. Caminhar nas jornadas pessoais com as pessoas (Capítulo 8)

O evangelismo na igreja primitiva é caracterizado pela oração pessoal e apaixonada. Em Atos 4:23-31, vislumbramos uma reunião de oração na igreja primitiva. Esta passagem segue imediatamente a história de Pedro e João, dois dos discípulos de Jesus, que curam um homem que era paralítico desde o nascimento. A cura do homem em nome de Jesus cria uma grande agitação em Jerusalém (*testemunha de admiração*). A pregação dos discípulos logo após essa cura ameaça os poderes governantes, que recentemente

conspiraram com o rei Herodes e o governador romano, Pôncio Pilatos, para matar Jesus! Mas, como sabemos pela história, Jesus não está morto. Deus ressuscitou-O dentre os mortos; Jesus ascendeu à direita de Deus Pai e derramou o Espírito Santo sobre os discípulos, capacitando-os para a Sua missão de testemunhar ao mundo. Os governantes e autoridades em Jerusalém não querem que esse testemunho continue. E arrastam Pedro e João para o tribunal e ordenam que parem de curar e ensinar em nome de Jesus. Estas ameaças contra Pedro, João e os outros discípulos são reais. Ao longo da história, os poderes deste mundo opuseram-se ao poder curador e libertador do Reino de Deus. Em muitas partes do nosso mundo hoje, há muita hostilidade contra qualquer igreja cristã ou qualquer pessoa cristã que publicamente torne Cristo conhecido ou procure ajudar mulheres e homens, jovens e idosos a tornarem-se seguidores de Jesus.

Um editorialista do jornal *Vancouver Courier* acusou recentemente uma igreja da cidade de manter valores antiéticos ao multiculturalismo canadiano, pois buscam ajudar as pessoas a tornarem-se seguidores de Jesus. Não se engane; vivemos num mundo que não é amigável para com o ministério e a mensagem de Jesus. Vivemos num mundo que resiste à reivindicação de Deus sobre a vida das pessoas e é indiferente ou hostil à chamada de Jesus para O seguir. Podemos ser tentados a reunirmo-nos como um amontoado sagrado, a circular as carroças, a encher as nossas contas de poupança e a tentar aguentar o maior tempo possível até que Jesus volte. Mas esta não é a nossa missão. A nossa missão é dar testemunho público do Reino de Deus através da nossa adoração, admiração e modo de viver no mundo e envolver-nos em actividades amorosas e intencionais governadas pelo objectivo de iniciar as pessoas no discipulado de Jesus. Não o podemos fazer sozinhos ou sob o nosso próprio poder. Nunca foi o nosso objectivo. Os discípulos em Actos 4 sabem que não o podem fazer sozinhos. Sabem que precisam da ajuda de Deus. Então levantam as suas vozes a Deus em oração.

O evangelismo que é pessoal começa com a oração pessoal a um Deus muito pessoal, pelas pessoas com quem estamos em rela-

cionamentos pessoais. Deve ser a nossa prática normal orar pelas pessoas com quem estamos pessoalmente envolvidos, pois elas estão nas suas jornadas para se tornarem discípulos de Jesus. Esta é a primeira prática do evangelismo que é pessoal: ore por cinco pessoas com quem está em relacionamentos pessoais e que espera que se tornem discípulos de Jesus. Alguns chamam-lhe a lista do “top cinco”. Considere uma mistura de cinco pessoas que inclui os filhos amados, os esquecidos e os estranhos.

Como pai, os dois primeiros nomes da minha lista são os meus filhos. Os meus filhos já estão avançados na jornada do discipulado cristão. Ambos professaram fé em Jesus Cristo e foram iniciados no discipulado cristão através do baptismo. Mas sei por experiência própria, crescendo num lar cristão, que a jornada de fé dos filhos amados passa por muitas etapas. Fazer uma oração para aceitar Jesus e ser baptizado é apenas o começo do discipulado cristão; não é o fim. Quero persistir na oração pessoal pelos meus filhos biológicos e amados para que se tornem seguidores maduros de Jesus; unidos a Cristo na fé, esperança e amor; e para que partilhem da missão de Deus no mundo dentro do contexto de uma vibrante comunidade de fé.

Ore pessoalmente pelos esquecidos. Nos meus anos como pastor, estava ciente das pessoas que passavam pela congregação com quem perdíamos contacto. Alguns são os nossos amados filhos que se desconectaram da vida de adoração da nossa congregação e não encontraram outra igreja à qual chamar de lar. Alguns são homens e mulheres que estavam a caminhar em direcção a Cristo, mas cuja jornada foi frustrada ou descarrilada por uma ou outra razão. Conhece esquecidos? Faça orações pessoais pelos homens e mulheres que conhece cujas jornadas de fé definharam, descarrilaram ou foram frustradas.

É amigo de pessoas de fora? Se não, talvez seja necessário orar primeiro para que o Espírito Santo o tire da sua zona de conforto e o leve para um relacionamento com aqueles que actualmente não são discípulos de Jesus. Não havia escassez de estranhos em Vancouver e, como igreja, fomos abençoados por estar em relacionamentos pessoais regulares com pessoas de fora que eram novas

no Canadá, através do nosso programa de ESL, e do nosso Clube de Conversação em Inglês. No meu bairro, a maioria dos meus amigos canadenses desconheciam o discipulado cristão. Jesus demonstrou um interesse pessoal pelas pessoas de fora, e o mesmo devem mostrar os Seus discípulos de hoje.

Primeiro, ore para que o Espírito Santo ilumine a pessoa. Se está à procura de palavras específicas para usar, um bom exemplo de oração pelas pessoas da sua lista é a oração de Paulo em Efésios 1:17-19a:

Peço a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e digno de todo o louvor, que vos dê o Espírito de sabedoria e revelação para melhor o conhecerem. Que ele ilumine o vosso entendimento para poderem descobrir a grande esperança que o seu chamamento nos traz, a riqueza maravilhosa da herança que destinou aos seus escolhidos e o poder extraordinário que ele nos dá, a nós os crentes.

John Dickson chama a este tipo de oração “a missão oculta” do evangelismo. Orar para que o Espírito ilumine as pessoas da sua lista é evangelismo pessoal. “Nem todos nos sentiremos confiantes em falar com os outros sobre a salvação, mas todos nós podemos estar confiantes em falar sobre os outros com o próprio Salvador”, escreve Dickson.<sup>2</sup> Em segundo lugar, ore para que as portas se abram nos seus relacionamentos com as pessoas da sua lista para que tenha oportunidades de partilhar a esperança que tem em Jesus. É assim que o apóstolo Paulo pede à igreja em Colossos que ore por ele em Colossenses 4:3: “Orem também por mim, para que o Senhor me dê uma boa oportunidade para pregar a sua mensagem e transmitir o plano que se realiza em Cristo. É por isso que eu estou preso.” Uma das formas pelas quais Deus abre portas na vida das pessoas para a mensagem de Jesus no livro de Actos é através de sinais e maravilhas. Em Actos 4:29-30, os discípulos clamam a Deus, pedindo “Agora, Senhor, repara nas ameaças deles e dá confiança aos teus servos para pregarem a tua mensagem com toda a ousadia, para mostrarem o teu poder na cura de doentes e fazerem sinais milagrosos e maravilhas, pelo nome do teu

2 Dickson, *The Best Kept Secret of Christian Mission*, 75.

santo servo Jesus”. Pode ser que algumas das pessoas da sua lista estejam a enfrentar uma dificuldade ou um desafio na vida que é grande demais para lidarem sozinhas. Orar para que as portas se abram pode incluir orar pela cura; orar pela resolução de uma situação difícil; orar por para que a orientação, encorajamento ou poder de Deus seja revelado de tal forma que abra uma porta para partilhar sobre a esperança que tem em Jesus Cristo.

Estávamos a reflectir sobre Actos 4:23-31 num grupo de oração de quarta-feira. Uma das participantes partilhou como recentemente foi convidada para jantar na casa de uma amiga. A amiga podia ser considerada uma esquecida, porque foi criada num ambiente cristão nominal. Ela conhece os fundamentos da história cristã, mas não está a viver como uma discípula activa de Jesus. Durante a reunião de oração, essa pessoa partilhou que estava a orar por uma porta aberta para testemunhar de Jesus. Naquela noite, ela disse-nos que, para sua surpresa, a sua amiga lhe pediu para orar uma bênção de Ano Novo sobre ela. Ela ficou tão surpresa pela amiga lhe ter pedido para fazer aquela oração. Mas, depois, lembrou-se de que era precisamente por aquilo que tinha orado, a resposta era uma porta aberta. Ela orou para que o Senhor abençoasse a sua amiga no ano novo, e ela continua a orar para que essa amiga venha a ver que as bênçãos da sua vida são dons da graça de Deus e sinais do amor pessoal de Deus.

Terceiro, ore por coragem para falar quando for adequado. Em Actos 4:29, os discípulos pedem ao Senhor a capacidade de falar “com grande ousadia”. Às vezes cometemos o erro de acreditar que todos os discípulos de Jesus e os primeiros apóstolos, como Paulo e Barnabé, eram naturalmente corajosos e destemidos. Mas não é verdade. Paulo frequentemente pede às pessoas que orem por ele. Não tenho dúvidas de que há muitas vezes em que Paulo é tímido e temeroso. Ele ora por coragem. Também precisamos de pedir coragem para falar sobre Jesus, seja numa conversa à mesa de jantar com os seus filhos amados, um telefonema para um esquecido que não vê há algum tempo ou um café com um estranho por quem tem orado.

Lembro-me de um dos primeiros amigos com quem conversei de maneira pessoal sobre Jesus. O nome dele era Mike e ele estava numa aula de karatê comigo. O instrutor era cristão, e ainda havia outro colega da turma que era cristão, e nós orámos juntos para que Mike conhecesse Jesus. Na verdade, era meio estranho dar socos a um rapaz por quem eu estava a orar, mas ele era um cinto mais alto do que eu, então batia-me com mais frequência do que eu nele. Quando está a orar por ousadia e coragem para falar com alguém



Lembra-se de uma altura na sua vida em que se sentiu encorajado a falar sobre Jesus com alguém? Como foi a experiência?

sobre Jesus, isso afecta o seu relacionamento com essa pessoa. Começa a perguntar-se quando e como Deus vai responder à sua oração. Ouve coisas que podem revelar a abertura de uma pessoa a Jesus. Torna-se um pouco mais ousado na conversa com essa pessoa sobre a sua própria jornada espiritual. Um dia, Mike fez-me uma pergunta sobre a minha fé que abriu uma porta para uma conversa mais ampla sobre Jesus. No final dessa conversa, Mike expressou interesse em conhecer Jesus pessoalmente e tornar-se Seu seguidor. Tudo começou com a oração; três rapazes num estúdio de karatê, a orar pessoalmente pelo nosso amigo Mike.

Quarto, ore pela clareza das suas palavras. Muitos cristãos expressam preocupação por não saberem como falar sobre Jesus. Antes de se preocupar com o que dizer, encorajo-o a orar para que o Espírito lhe dê clareza de palavras quando a porta para falar se abrir. Os primeiros discípulos de Jesus encorajam os novos discípulos a estarem preparados para falar sobre Jesus. Em 1 Pedro 3:15, Pedro escreve: “Estejam sempre preparados para responder a todos os que vos interrogarem acerca da esperança que têm”. Mas estar preparado para falar não significa necessariamente memorizar um discurso. A primeira preparação para o evangelismo pessoal é a oração, pedindo a ajuda do Senhor no que dizer e como dizer.

Jesus promete ajudar os Seus discípulos a falar em Seu nome. Em Lucas 12:11-12, Jesus diz-lhes: “Quando vos levarem às casas de

oração, ou à presença dos chefes e das autoridades, não se preocupem como terão de se defender ou com aquilo que terão de dizer, porque o Espírito Santo vos ensinará, nessa altura, o que deverão dizer”. O Senhor cumpre esta promessa, e quando Pedro e João são levados perante os governantes e as autoridades em Actos 4, Pedro, cheio do Espírito Santo, encontra as palavras certas para falar. Não precisa de ser um pastor ordenado ou de receber um doutoramento em evangelismo para poder falar claramente sobre Jesus. Os primeiros discípulos são homens e mulheres comuns e sem instrução. Precisamos da preparação da oração, do poder do Espírito Santo e da nossa experiência pessoal de sermos seguidores de Jesus. Ore para que o Espírito lhe dê clareza quando chegar o momento de falar.

Em quinto lugar, ore por um aumento de amor, tanto pela pessoa por quem está a orar como pela sua consciência do quanto Deus a ama. O evangelismo que é pessoal começa na oração que está enraizada no amor. Um exemplo muito prático de oração pelos que estão na sua lista é a oração de Paulo em Efésios 3:16-19:

Que ele vos conceda, com a riqueza da sua glória, a força de se manterem interiormente firmes e seguros, pelo Espírito. Também peço a Deus que Cristo habite pela fé nos vossos corações e que estejam bem arraigados e alicerçados no amor, para poderem compreender, com todos os crentes, a grandeza, a largueza, a imensidão e a profundidade do amor de Cristo. Que sejam capazes de conhecer o amor de Cristo, ainda que ele ultrapasse qualquer possibilidade de conhecimento, para que Deus vos encha com toda a sua plenitude.

Ore pelo nome de alguém da sua lista nesta escritura: *“Oro para que \_\_\_ compreenda o quão amplo, longo, alto e profundo é o amor de Cristo”*.

Deus ama as pessoas que estão na sua lista. Deus quer que todos sejam trazidos para a comunhão amorosa do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Se quisermos que as nossas práticas de evangelismo sejam pessoais, também precisamos de ser atraídos para

a comunhão do amor divino, que é a única motivação adequada para o nosso testemunho evangelístico no mundo.

A maioria dos cristãos acredita que deve partilhar a sua fé com os outros, mas poucos são os cristãos que realmente o fazem. Não nos sentimos bem com essa discrepância porque amamos a nossa família e amigos, sabemos que Deus os ama e queremos que eles conheçam o amor de Deus. Podemos começar a fechar a lacuna entre a nossa aspiração e a nossa prática, através da oração. Fazer esta oração por cada pessoa da sua lista é evangelismo pessoal.



## Evangelismo pessoal: histórias

---

*Actos 5:20: “Vão ao templo e transmitam ao povo a palavra da vida.”*

---

Doug faz um serviço de transporte vaivém para o aeroporto de Vancouver. Recentemente, ele partilhou comigo sobre como tem orado pelo seu chefe, um homem de Singapura chamado Ray. “Eu pessoalmente não interajo muito com o meu chefe”, explicou Doug, “mas há cerca de uma semana, durante um tempo morto, Ray começou a falar comigo sobre algumas pressões do trabalho e as preocupações médicas a isso relacionadas.”

No contexto dessa conversa, Doug disse ao chefe: “Ray, quero que saiba que estou a orar por si e pela sua empresa”. Ray estava de costas, mas quando Doug lhe disse que estava a orar por ele, Ray virou-se lentamente e, após uma pausa reflexiva, olhou Doug nos olhos e disse: “Doug, quero que saiba o quanto agradeço por isso”.

Dois dias depois, Doug e Ray foram juntos tratar de assuntos da empresa. No decorrer da conversa, Doug partilhou com Ray o seu plano de usar as gorjetas que recebia a conduzir o autocarro para financiar um poço no Bangladesh, através dos Ministérios Nazarenos de Compaixão. Ray ficou intrigado e perguntou-lhe sobre a sua vida, o que abriu uma porta para Doug partilhar a sua história pessoal sobre a sua jornada com Jesus e a alegria que en-

controu ao participar das obras de misericórdia e compaixão de Deus em todo o mundo. Doug começou com uma oração pessoal; quando questionado, aproveitou a oportunidade para partilhar a sua história pessoal sobre a sua jornada com Jesus. O evangelismo que é pessoal inclui partilhar histórias pessoais com as pessoas pelas quais estamos a orar. O evangelismo está na linha da frente da jornada de vida do discipulado cristão. Evangelizar é ajudar amorosamente as pessoas a tornarem-se seguidoras de Jesus. A maioria das pessoas descobre quem é Jesus e o que Ele veio fazer através das palavras dos seguidores de Jesus.

Em Actos 5:42, aprendemos sobre o testemunho dos primeiros seguidores de Jesus em Jerusalém: “E não se cansavam de ensinar todos os dias no templo, e de casa em casa, e de pregar a boa nova de que Jesus é o Messias.” Este versículo deixa-me com a impressão de que falar sobre Jesus é uma parte tão natural da vida destes primeiros cristãos, quanto falar sobre a equipa de hóquei Vancouver Canuck é, para as pessoas que vivem em Vancouver. Nas suas casas, nos seus locais de culto, nas suas actividades normais do dia-a-dia, nunca param de partilhar histórias pessoais da sua experiência com o Senhor ressuscitado e vivo.

Quando se trata de falar sobre Jesus aos nossos filhos amados, esquecidos e estranhos, há pessoas, em cada congregação cristã, que parecem ser maravilhosamente dotadas pelo Espírito Santo, com a capacidade de falar sobre Jesus de tal maneira, que são eficazes em atrair outros à fé n’Ele. No Novo Testamento, estas são as pessoas que dizem ter “o dom do evangelista”. O estudioso do Novo Testamento John Dickson, descobre que a palavra evangelista foi realmente criada pelos primeiros cristãos “como uma forma abreviada de se referir àqueles, na igreja, que assumiram a tarefa de proclamar a vida, a morte e a ressurreição do Messias de Deus aos que ainda as desconheciam”.<sup>1</sup>

O meu mentor e amigo, Charles “Chic” Shaver, tem o dom do evangelista. Ele tem um desejo agudo de partilhar Jesus com os outros. Ele relaciona-se bem com os esquecidos e os estranhos. Enquanto recolhia a sua correspondência da caixa de correio da

---

1 Dickson, *The Best Kept Secret of Christian Mission*, 143.

comunidade, Chic reparou num homem a montar uma câmara. Ele começou a conversa e descobriu que o homem era estudante da Universidade de Princeton e que estava a dirigir um projecto de investigação sobre sistemas de entrega de correspondência. Chic formou-se na Dartmouth College, que é outra escola da mesma liga de Princeton. Ele conversou com o homem e acabou por partilhar com ele a história de como Jesus Cristo mudou a sua vida quando era estudante de direito em Dartmouth. O homem achou a história de Chic tão envolvente que perguntou se podia filmá-la e partilhá-la com outros. Chic tem o dom do evangelista!

Mas nem todos os cristãos têm este dom, assim como nem todos os cristãos tem dons de ensino, administração, cura, profecia ou serviço. No entanto, parece que na última metade do século XX, com a ascensão da televisão e do rádio, e do cristianismo centrado na comunicação social, aqueles que evidenciavam o dom do evangelista ganharam tanta proeminência na igreja que se tornaram num modelo de quem os cristãos deveriam ser.

Quando pergunto às pessoas que imagem lhes vem à mente quando ouvem a palavra *evangelismo*, muitas vezes mencionam o Billy Graham. Mas nem todos os cristãos podem fazer o que Billy Graham fez ou o que Chic Shaver faz. E se os cristãos pensam que têm de fazer o que Billy Graham ou Chic Shaver fazem para praticar o evangelismo, não é de admirar que tantos cristãos não se considerem competentes para o fazer. Nem todos temos o dom de evangelista. No entanto, com a ajuda de Deus, podemos fazer parte do trabalho do evangelista, ou seja, podemos divulgar a história de Jesus dentro da esfera dos nossos relacionamentos pessoais, ajudando as pessoas nos primeiros passos para se tornarem seguidoras de Jesus.

Michael Green sugere que os “evangelistas informais” foram os maiores responsáveis pela difusão da fé cristã.<sup>2</sup> Fizeram-no através das suas redes sociais normais, partilhando a esperança que tinham em Jesus Cristo com as pessoas com quem tinham relacionamentos pessoais. A maioria dos cristãos são evangelistas informais. Não nos imaginamos a conversar com estranhos junto

---

2 Green, *Evangelism in the Early Church*, 211.

às caixas de correio, mas imaginamo-nos a conversar pessoalmente com os nossos filhos, familiares, amigos, vizinhos ou colegas de trabalho, sobre a nossa jornada com Jesus e sobre a esperança que encontramos em Jesus Cristo.

Pedro encoraja todos os cristãos, nas igrejas sob o seu cuidado, a estarem preparados e dispostos a falar da esperança que têm em Jesus Cristo, e a fazê-lo com gentileza e respeito. Como é que nos preparamos para falar da esperança que temos em Jesus Cristo hoje?



Sentir-se-ia confortável em pensar em si mesmo como evangelista informal? Que atributos pessoais considera importantes para um evangelista informal?

1. Ensaie a grande história.
2. Ensaie a história de Jesus.
3. Ensaie a sua história.

Primeiro, *ensaie a grande história*. A grande história é basicamente um resumo de toda a história da Bíblia, de Génesis a Apocalipse, da criação à nova criação, com Jesus Cristo como peça central e ponto focal.

Esta grande história começa com a intenção da criação de Deus de desenvolver o mundo como um lugar de bênção: um lugar de encontro para Deus e para a Sua criação. Feitos à imagem de Deus, os humanos recebem a tarefa de administrar a terra e os seus recursos para o bem comum. As pessoas que Deus cria desconsideram o seu criador e procuram desenvolver a sua vida longe d'Ele. Separadas da bênção de Deus por causa do seu pecado, as pessoas afastam-se de Deus, da Sua criação e umas das outras.

Mas Deus não desiste das pessoas ou do mundo que criou; em vez disso, Ele envolve-Se na cura e na restauração do mundo. Ele abençoa uma família (Abraão) e um povo (Israel), separando-os e enviando-os ao mundo como um povo santo para representar e encarnar a Sua intenção criadora para toda a raça humana. Através de Israel, a bênção de Deus virá a todos os povos da terra e a toda a criação. Quando estas pessoas ficam aquém de sua vocação missionária, Deus perdoa-as e restaura-as, enviando profetas, sacerdotes e reis, que as corrigem e relembram quem são. Deus

permanece fiel às promessas da aliança de Deus, mesmo quando o povo é infiel.

O plano de Deus para redimir, renovar e restaurar todas as coisas realiza-se quando Ele se muda para junto de nós em Jesus Cristo. Com o Espírito Santo, que n'Ele habita e o capacita, Jesus cumpre fielmente a vocação missionária de Israel. Na cruz, Jesus faz a expiação total por toda a raça humana. Através da ressurreição, Jesus desarma e derrota os poderes do pecado e da morte. Na Sua ascensão, Jesus regressa à mão direita do Pai e, em seguida, derrama o Espírito Santo, pelo qual um novo povo é criado para estender a missão de Deus até aos confins da terra. Como testemunhas da missão salvadora, redentora e restauradora de Deus, a igreja é enviada como um povo santo no poder do Espírito, representando e encarnando a intenção criadora de Deus para toda a raça humana.

Há muitas outras formas de contar esta grande história, permanecendo fiel à narrativa bíblica. Encontre uma que funcione para si, e pratique-a contando-a várias vezes. Tente chegar a um ponto em que é o mais conciso possível, sem deixar de fazer sentido no seu contexto.

Como contaria a grande história? Que parte da grande história é mais envolvente para si? Que parte da grande história recebe mais ênfase na sua igreja?

Quando os primeiros cristãos ensinam e pregam em Jerusalém, fazem-no num contexto em que os seus amigos, familiares e vizinhos judeus estão familiarizados com os contornos gerais dessa grande história, desde a criação até às intervenções de Deus em Israel e à expectativa do retorno de Deus para restaurar tudo.

É dentro do contexto mais amplo desta grande história que a pregação de Jesus Cristo faz sentido. Hoje, ainda é assim. Termos como *Cristo* ou *Messias*, Reino de Deus, arrependimento e *pecado* só fazem sentido no contexto da grande história. A boa notícia de que Jesus é o Cristo só faz sentido, e só parece boa notícia, se alguém já estiver pelo menos um pouco familiarizado com a grande história, incluindo a esperança de Israel de que Deus enviaria o

Seu Messias para salvar as pessoas dos seus pecados e restaurar o mundo.

Os que cresceram em países familiarizados com o cristianismo, provavelmente aprenderam partes da grande história só por crescerem numa cultura que recontava partes dessa grande história em público. Na maioria dos lugares, essa prevalência da história já não existe. Em muitas partes da América do Norte, por exemplo, as pessoas já não estão familiarizadas com a grande história. Infelizmente, mesmo muitos cristãos de hoje não a conhecem. Em vez disso, vivemos num mundo de histórias falsas, meias-verdades e enganos. Os meus rapazes estão a crescer num sistema educativo que procura convencê-los “de que o [seu] destino e felicidade se encontram em (...) recorrer a um uso ousado dos [seus próprios] recursos para resolver os [seus] problemas”.<sup>3</sup> Vivo num mundo que me convida constantemente “a encontrar o [meu] verdadeiro bem-estar numa ronda interminável de prazer e felicidade”.<sup>4</sup> O propósito da vida na história actual é reformar-me com a conta recheada para poder aproveitar os últimos anos da minha vida.

Todos vivemos num mundo que nos diz coisas como: o poder determina o que está certo; o sofrimento é uma ilusão; as pessoas têm o que merecem; o mundo material é tudo o que existe; e a auto-realização é o objectivo final da existência humana. No entanto, os cristãos vivem de acordo com uma história diferente. Os cristãos acreditam que na vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus, um novo mundo se tornou acessível a nós; que uma nova visão para a vida é possível; que uma nova história está a ser contada e que é uma história muito mais convincente, atractiva e cheia de esperança do que qualquer uma das histórias pelas quais actualmente vivemos as nossas vidas. O evangelismo que é pessoal está enraizado no partilhar histórias pessoais que são moldadas e fluem dessa grande história.

Há uma série de livros a ser publicados nos dias de hoje que promovem essa grande história de maneiras novas e convincentes, incluindo livros de autores cristãos como N.T. Wright, Chris-

3 William J Abraham, *The Art of Evangelism: Evangelism Carefully Crafted into the Life of the Local Church* (Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2011), 47.

4 Ibid.

topher Wright e Scot McKnight. Partilhar literatura cristã com os seus amigos é uma forma de colocar a grande história nas mãos deles. Um dos livros que ofereci a amigos que estão fora da igreja, é um livro de N.T. Wright chamado *Simply Christian*, que conta a grande história de uma forma acessível aos dias de hoje.

É importante que as nossas crianças amadas aprendam e conheçam bem esta história. As crianças amadas da igreja conhecem a grande história através de canções, das Escrituras e das pregações e adoração da igreja. Nas aulas da escola dominical, na igreja infantil, em pequenos grupos e em acampamentos de verão, envolvem-se na grande história de formas criativas. Nas histórias para dormir e conversas à mesa nas nossas casas, temos a oportunidade de contar, recontar e ensaiar continuamente a grande história com as nossas crianças, jovens e uns com os outros.

Os esquecidos precisam de ser relembrados da grande história. O filho pródigo, em Lucas 15, cai em si quando se lembra da casa do pai e da generosidade do pai. Ele percebe que a história pela qual ele tem vivido, a história de consumo conspícuo e uma busca frenética pelo prazer, já deu o que tinha a dar. Quando ele recupera o bom senso, lembra-se de que o seu pai é compassivo e misericordioso, tardio em irar-se e rápido a perdoar. O filho volta para casa e encontra um modo de vida que é caracterizado pela misericórdia e pelo perdão, um modo de vida cheio de esperança e que dá vida.

As pessoas que estão de fora podem nem saber que esta história alternativa existe. Um amigo meu em Seattle, disse-me uma vez que o pai lhe ensinou que tudo o que há na vida são os bens materiais deste mundo. E quando morremos, somos enterrados no chão e é o fim. Portanto, come, bebe e sê feliz, porque amanhã podes morrer. Esta era a história pela qual ele vivia. Lembro-me do dia em que esse homem foi baptizado no Lago Washington. Ele



Se, além da Bíblia, recomendasse um livro a um amigo que quisesse saber mais sobre Jesus, qual seria? Tem este livro disponível para oferecer neste momento?

foi batizado para uma nova história, uma história de ressurreição. Através do testemunho da nossa igreja em Seattle e da partilha das nossas histórias pessoais com ele, este homem percebeu que a história do seu pai estava tragicamente mal informada. A morte não é a palavra final; é a vida!

A grande história é sobre um Deus que ama e cria a vida, que redime e recree a vida, sobre o Senhor que dá a vida e que deseja vida para todas as pessoas em todos os lugares. O evangelismo que é pessoal está enraizado na grande história deste Deus pessoal.

Ensaie esta grande história. Partilhe-a. Fazemo-lo não simplesmente porque estamos a tentar conquistar as pessoas para a nossa história, mas porque, como Thomas Long diz: “No nível mais profundo, os cristãos falam sobre fé porque é um acto verdadeiramente humano querer dizer a verdade”.<sup>5</sup>

Em segundo lugar, *ensaie a história de Jesus*. O evangelismo que é pessoal está centrado na história de Jesus. A grande história tem Jesus como personagem principal. Em Actos 5:42, diz: “E não se cansavam de ensinar todos os dias no templo, e de casa em casa, e de pregar a boa nova de que Jesus é o Messias”. Esta é uma mensagem muito focada e específica que está no centro da grande história. É o que chamamos de Evangelho.

No Novo Testamento, o Evangelho - que significa “Boas Novas” - de que Jesus é o Cristo, tem um conteúdo específico. A melhor maneira de se familiarizar com o conteúdo central do Evangelho é lendo os evangelhos; estudar a pregação apostólica no livro de Actos; e familiarizar-se com os resumos do Evangelho de Paulo nas suas cartas. Isto implica mais leitura do que provavelmente consegue fazer num dia, numa semana ou mesmo num mês. Mas se quiser aprender a partilhar a história de Jesus, deve primeiro conhecer a história de Jesus e familiarizar-se com os resumos da sua história, conforme contada no Novo Testamento. Mergulhar nestas histórias é a melhor maneira de se preparar para falar da esperança que tem em Jesus Cristo.<sup>6</sup>

5 Thomas G. Long, *Testimony: Talking Ourselves into Being Christian* (Jossey-Bass, 2004), 5.

6 Ver Scot McKnight, *The King Jesus Gospel: The Original Good News Revisited* (Zondervan, 2011), 133.

Ao partilharmos histórias sobre Jesus com os nossos filhos amados, os esquecidos e os estranhos, John Dickson sugere que pensemos em partilhar aquilo a que ele chama de “pedacinhos do Evangelho” sempre que oportuno. Dickson está ciente de que, para aqueles que não têm o dom do evangelista, é improvável que tenhamos muitas oportunidades de partilhar toda a história de Jesus com as pessoas de uma só vez. Mas podemos partilhar pedacinhos do Evangelho, uma prática que envolve recontar um breve episódio da vida de Jesus (uma conversa, um milagre, uma parábola, o que quer que seja) que de alguma forma se conecta a uma conversa, pergunta ou situação de vida que surge nas nossas interações diárias.

O meu amigo Brian Postlewait, director executivo da *Mission Possible*, um ministério nazareno de compaixão que trabalha para acabar com o problema dos sem-abrigo na famosa zona leste de Vancouver, é alguém que o faz naturalmente. Brian não diria que tem o dom do evangelista. Mas em conversas com trabalhadores de rua e líderes empresariais, ele frequentemente partilha pedacinhos do Evangelho, um pouco da história de Jesus de uma forma que conecta a história de Jesus à obra da *Mission Possible* de forma a testemunhar de Jesus. Brian não transmite o panorama geral ou todo o relato de Jesus em todas as conversas, mas fico sempre impressionado com a maneira como ele alude à grande história e tece pedacinhos do Evangelho nas suas conversas.

A minha amiga Brenda também faz isso. Brenda não se considera uma evangelista, mas eu costumava escutá-la à socapa enquanto ela conversava com as pessoas do Clube de Conversação em Inglês que ela liderava na igreja. Ela frequentemente partilhava pedacinhos do Evangelho com as pessoas com quem construía relacionamentos. Nunca parecia forçado ou estranho; apenas fluía como uma parte natural das suas conversas. Isto é evangelismo pessoal.

Ensaie a história de Jesus. Familiarize-se com o Evangelho. Partilhe pedacinhos do Evangelho quando for oportuno.

E finalmente, *ensaie a sua história*. Tanto das nossas vidas são vividas a partilhar as experiências dos outros. Confiamos nas opi-

niões e avaliações dos nossos amigos, nas análises dos nossos familiares em assuntos triviais, como satisfação com produtos de consumo e onde obter uma boa refeição, e eles confiam em nós. Porque é que seria diferente num assunto tão significativo quanto como o Evangelho transformou as nossas vidas?

Na nossa igreja em Seattle, havia uma mulher a quem chamávamos Sra. Mary. Ela usava sempre um enorme alfinete a dizer Jesus, engastado de diamantes, na sua blusa. Muitas vezes, durante os cultos da igreja, a Sra. Mary levantava-se, e literalmente assumia o comando do culto e partilhava como Deus tinha trabalhado na sua vida na semana anterior. Ela trabalhava com crianças em risco em algumas das áreas mais perigosas e atingidas pela pobreza de Seattle. Portanto, na maioria das vezes, as suas histórias



Conhece alguém cuja história pessoal é um testemunho poderoso da presença de Jesus no mundo hoje? Como acha que um filho amado, um esquecido ou um estranho reagiriam se partilhasse a história dessa pessoa com eles?

eram histórias fascinantes de como Deus interveio milagrosamente no meio de uma situação terrível para trazer esperança e cura à vida das crianças que ela amava. As suas histórias pessoais de experiências com Jesus eram um testemunho poderoso da presença do Jesus vivo no mundo.

Nos grupos de formação espiritual, encorajo os participantes a reflectirem sobre as suas vidas desde a última vez que o grupo se reuniu e a partilharem uma forma pela qual experimentaram a liderança, a ajuda ou a presença do Espírito Santo.

Embora nem todas as histórias sejam tão dramáticas quanto as da Sra. Mary, fico sempre espantado com o poder de uma história pessoal quando uma pessoa se abre e partilha as formas como Jesus está a operar na sua vida.

Fui ensinado que um testemunho pessoal deve ter três partes:

1. Deve descrever a minha vida antes de colocar a minha fé em Jesus Cristo;
2. Deve descrever quando e onde recebi Cristo e orei a oração do pecador;

3. Deve descrever a diferença que a fé em Cristo fez na minha vida.

Curiosamente, um problema com esta abordagem é que as pessoas que são ensinadas a partilhar o seu testemunho desta forma são muitas vezes filhos amados da igreja. Os filhos amados muitas vezes não se lembram de um momento na sua vida antes de colocarem a sua fé em Jesus; conhecem Jesus desde que eram crianças! Como resultado de distorcer as suas histórias para se encaixarem neste esboço, os seus testemunhos pessoais acabam por não soar muito pessoais. Muitas vezes são entendidos como forçados, inventados ou mecânicos. O evangelismo que é pessoal envolve partilhar histórias pessoais que destacam o significado de Jesus Cristo na sua vida como realmente acontece, não forçando as suas histórias a estar em conformidade com o padrão de outra pessoa.

Em vez disso, Gordon Smith encoraja os cristãos a escrever e a ensaiar as suas auto-biografias espirituais, o que significa descrever o que realmente aconteceu e o que está realmente a acontecer na sua vida como consequência do seu relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Reserve um tempo para reflectir e ensaiar como a pessoa e a obra de Jesus Cristo influenciaram, transformaram, dirigiram, revolucionaram ou moldaram a sua vida hoje, concentrando-se nos aspectos da personalidade de Jesus que mais o afectaram. Os três aspectos do ministério de Jesus foram como profeta, sacerdote e rei. Mas, se quiser, também pode referir que Ele foi professor, que perdoou e curou, ou outro conjunto de palavras que de alguma forma capte os aspectos centrais da vida e do ministério de Jesus, e como eles tocaram a sua própria vida. Jesus foi o maior professor que já viveu. Jesus é a fonte da nossa consciência restaurada na grande história. Ao partilhar histórias pessoais com os nossos filhos amados, com os esquecidos e com os estranhos, partilhe como os ensinamentos e a visão de Jesus sobre o Reino de Deus moldaram a sua vida.

No centro da experiência de muitas pessoas com Jesus está a recepção pessoal da Sua oferta de perdão pelos pecados. No centro da mensagem do Evangelho está a cruz. Jesus é o nosso grande sumo sacerdote, o nosso perdoador. Jesus é aquele que, ao assumir

a culpa do nosso pecado, torna possível a nossa reconciliação com Deus e nos mantém nesse relacionamento. Ao partilhar histórias pessoais com os nossos filhos amados, com os esquecidos e com os estranhos, partilhe pessoalmente como receber o perdão e a reconciliação oferecidos por Jesus moldou a sua vida.

Jesus é o Senhor ressurrecto, o Rei que reina hoje. É somente através da graça e do poder de Cristo, o nosso Rei, que hoje podemos viver como Seus discípulos. Como Rei, Jesus é a esperança e o desejo de todas as nações. Jesus é aquele que está a fazer todas as coisas novas, o que cura e restaura a vida. Através de Jesus, o que nosso Curador, a imagem de Deus é graciosamente restaurada em nós, e tornamo-nos filhos de Deus. Ao partilhar histórias pessoais com os nossos filhos amados, com os esquecidos e com os estranhos, partilhe pessoalmente como Jesus está a curá-lo e a restaurá-lo, e como a sua esperança na restauração de todas as coisas em Cristo lhe traz esperança hoje.

Se estiver interessado em participar em práticas de evangelismo que sejam pessoais, comece por ensaiar a grande história; depois ensaie a história de Jesus; e, finalmente, ensaie a sua história, à luz da grande história e da história de Jesus. Ao fazê-lo, estará “preparado para dar a razão da esperança que tem” em Jesus Cristo (1 Pedro 3:15). Partilhar histórias pessoais é evangelismo pessoal.



## Evangelismo pessoal: jornada

---

*Actos 8:36: Ao chegarem a um lugar onde havia água, o etíope disse: «Temos aqui água! Há alguma coisa que impeça de eu ser batizado?»*

---

Filipe é uma das primeiras pessoas do Novo Testamento a ser chamado de evangelista. Ele não é um dos doze discípulos originais de Jesus. É um seguidor de segunda geração de Jesus, alguém que veio à fé em Jesus através do testemunho dos apóstolos. Filipe pode nunca ter conhecido Jesus pessoalmente. É um seguidor de Jesus judeu, de língua grega, cuja família provavelmente migrou da sua terra natal na Palestina para outra parte do mundo de língua grega. Em algum momento da sua vida, Filipe voltou a Jerusalém, e lá ouviu pela primeira vez as Boas Novas de Jesus Cristo e tornou-se um seguidor.

Filipe faz a sua primeira aparição em Actos, capítulo 6, onde é escolhido pelos apóstolos para ajudar a supervisionar a distribuição diária de alimentos aos pobres. Conheço muitos seguidores de Jesus cuja primeira experiência de ministério foi ser voluntário num centro dos ministérios de compaixão, servir refeições ou separar roupas. Parece ser através do ministério de compaixão de Filipe, participando do testemunho da igreja, que ele cresce e se desenvolve como discípulo de Jesus. Quando a perseguição expulsou Filipe de Jerusalém, ele muda-se para Samaria e começa a fa-

zer discípulos lá. Então, durante o que parece ser um momento de oração, o Senhor inspira Filipe a juntar-se a um grupo de viajantes que se dirigem pela estrada do deserto para o Egito.

Lucas não nos diz, mas suspeito que Filipe e o etíope já se tinham encontrado antes. Afinal, Filipe é um judeu de língua grega que evidentemente viaja muito. Suspeito que ele possa ter vivido em Alexandria, no Egito, e que talvez estivesse envolvido em algum tipo de posição administrativa lá, já que ele é reconhecido pelos apóstolos como tendo habilidades administrativas. O eunuco etíope é um importante funcionário encarregado de todo o tesouro da rainha dos etíopes. Talvez Filipe se tenha envolvido em alguns negócios com ele no passado. Duvido que o oficial convidasse qualquer indivíduo que ande a pedir boleia para viajar com ele. Posso imaginar Filipe a caminhar no meio da multidão de viajantes na estrada do deserto, examinando a multidão em busca de um rosto familiar, atento à liderança do Espírito. No caminho, o Espírito avisa Filipe, dizendo: Vai e junta-te ao homem na carruagem. Na versão NVI, é traduzido: “Vá e fique perto” da carruagem.

Depois de conhecer toda a história, pode ver toda a intenção do Espírito nesta breve ordem. A intenção do Espírito é que Filipe entre na carruagem e faça uma jornada com este homem; vá até Jesus com ele, até ao seu baptismo, até à sua iniciação no discipulado de Jesus Cristo. O evangelismo que é pessoal envolve ir e juntar-se às pessoas na sua jornada até Jesus. O evangelismo que é pessoal envolve ir com os filhos amados, com os esquecidos e com os estranhos até ao seu baptismo (ou renovação dos seus votos baptismais); caminhar com eles até à sua iniciação no discipulado em Jesus Cristo.

O discipulado com Jesus é o objectivo do nosso evangelismo. O evangelismo é o meio pelo qual ajudamos as pessoas a tornarem-se seguidoras de Jesus, unidas a Jesus pela fé, a viverem vidas de alegre obediência a Ele, participando na missão redentora de Deus no mundo. O evangelismo que é pessoal envolve caminhar com as pessoas para esse fim. Como Filipe, o Espírito Santo está a falar com cada um de nós, dizendo: “Levanta-te do carro e vai com as pessoas na sua jornada até Jesus”.

Caminhar com as pessoas é o método de evangelismo de Jesus. Ele investiu os últimos três anos da sua vida andando pelas estradas, fazendo viagens marítimas, adorando nas sinagogas e no templo e passando a noite com um grupo escolhido de homens e mulheres. Ele ri com eles, chora com eles, ensina-os, aprende com eles e partilha a vida com eles. Nas aldeias da Galileia, nas cidades de Decápolis e no deserto da Judeia, os Seus discípulos estão constantemente ao seu lado. O Seu método de iniciar as pessoas no discipulado até Si mesmo é intensamente pessoal. Ele está com os Seus discípulos e, através da sua associação com Ele, aqueles homens e mulheres aprendem os Seus hábitos, ensinamentos e características, colocando a sua fé n'Ele. No seu livro clássico *The Master Plan of Evangelism*, Robert Coleman escreve: “[Jesus] realmente passou mais tempo com os Seus discípulos do que com todas as outras pessoas do mundo juntas”.<sup>1</sup>

Aprendemos com Jesus que o evangelismo que é pessoal envolve um investimento do seu tempo pessoal e é demorado. Isto é verdade quer estejamos a iniciar os nossos filhos amados, os esquecidos ou os estranhos no discipulado com Jesus. E é verdade para quase todas as pessoas que são seguidoras de Jesus hoje. Em 2012, a Primeira Igreja do Nazareno de Vancouver celebrou o seu septuagésimo quinto aniversário. Como parte da celebração, a igreja publicou um livreto de setenta e cinco histórias pessoais narrando como as pessoas se tornaram seguidoras de Jesus porque alguém na igreja fez uma jornada pessoal com elas. Uma das minhas histórias favoritas neste livreto é a história da jornada de Ken Jarvis até Jesus.

Em Dezembro de 1972, Ken e Marilyn Jarvis compraram a casa ao lado de John e Lena Witte. Os Witte eram membros da igreja há muito tempo. Ken não estava minimamente inclinado a ir à igre-



Com quem passa mais tempo a cada dia, semana e ano? De que forma é que a sua associação com estas pessoas as ajuda a seguir Jesus?

<sup>1</sup> Robert Coleman, *The Master Plan of Evangelism* (Grand Rapids, Mich.: F.H. Revell, 1993), 41-50.

ja, mas ao longo dos anos Marilyn participou num estudo bíblico para mulheres, muitas vezes realizado na casa dos Witte. Enquanto viviam as suas vidas quotidianas, John conversava várias vezes com Ken, muitas vezes com as simples palavras: “Olá, vizinho! Como está?” As conversas continuavam a partir daí.

Os Jarvis e os Witte partilhavam a vida juntos, como os vizinhos às vezes fazem, e John ocasionalmente convidava Ken para ir à igreja, fazendo-o saber que seria sempre bem-vindo. Há muitos factores, claro, na jornada de cada pessoa até Jesus. No caso de Ken, incluiu as orações e o testemunho da sua esposa, Marilyn, a bondade de outras pessoas que Ken conheceu na igreja e, o mais importante, a obra do Espírito Santo para abrir os seus olhos e suavizar o seu coração. Depois de muitos e muitos anos a ouvir: “Olá, vizinho! Como está?” de John Witte, Ken viu-se atraído para o discipulado com Jesus. Um passo aqui, um passo ali; com John a caminhar com ele ao longo de todo o processo. Em 1995, cerca de vinte e três anos depois de se tornar vizinho de João, Ken foi iniciado no discipulado cristão através do arrependimento e da fé em Jesus Cristo. John Witte praticou um evangelismo que era pessoal, interessando-se pessoalmente pelo seu próximo e permanecendo pessoalmente envolvido com ele até chegar a Jesus.

Quando consideramos fazer a jornada até Jesus com as crianças amadas da igreja, às vezes prestamos um mau serviço às nossas crianças pequenas, pois concentramo-nos em “salvá-las”, em vez de nos comprometermos a iniciá-las amorosamente no discipulado de Jesus Cristo.

Uma querida mulher cristã que se autodenomina evangelista infantil usa uma série de fios coloridos para explicar gentil e amorosamente às crianças que Deus as ama; que elas são pecadoras; que Jesus morreu por elas; e que elas precisam de aceitar Jesus para serem salvas. No final ela pede às crianças que levantem as mãos se quiserem aceitar Jesus nos seus corações. Inevitavelmente, as crianças dizem que sim. Todas as semanas. Vez após vez. As mesmas crianças “são salvas” e pedem a Jesus que entre nos seus corações semana após semana. Lembro-me de adultos me apresentarem o Evangelho exactamente da mesma forma quando eu

era criança. Lembro-me de aceitar Jesus no meu coração muitas e muitas vezes.

Quem evangeliza as crianças desta forma tem boas intenções. Aprecio a preocupação amorosa dos evangelistas infantis. Creio que o Espírito de Deus está a operar nas respostas dos nossos filhos a este tipo de apresentações; crianças que, na fé infantil, abrem os seus corações a Jesus. Há muitas pessoas hoje que se lembram de levantar as mãos em resposta a tal pergunta e identificar esse momento como o momento em que as suas jornadas até Jesus começaram. Mas não quero que pensemos que o trabalho

de evangelismo, o trabalho de iniciar as crianças no discipulado de Jesus, termina quando as crianças pedem a Jesus que entre nos seus corações. E precisamos de considerar se podemos, sem saber, estar a confundir as crianças amadas da nossa igreja através desses tipos de apresentações evangelísticas que repetidamente pedem que aceitem Jesus. Tal prática pode fazer com que uma criança questione por que Jesus continua a ir embora e tem de ser convidado a entrar repetidas vezes.

No seu estudo sobre o evangelismo na igreja primitiva, Michael Green não encontra nada que sugira que a evangelização directa tenha sido considerada necessária para os filhos de pais crentes na igreja primitiva. “De facto, os filhos dos crentes já são tratados como estando na comunhão cristã, a menos que se afastem”, descobriu Green.

Como o filho de um prosélito para o judaísmo, eles são considerados como dentro da aliança, a menos que decidam separar-se dela. Parece que os primeiros cristãos levaram muito a sério as palavras de Jesus afirmando que o Reino de Deus pertencia às crianças.<sup>2</sup>



Que programas, ministérios ou práticas da sua igreja se destinam a levar as crianças e os jovens para a maturidade em Jesus Cristo? Existem lacunas nos ministérios da sua igreja em que os filhos amados não têm guias suficientes para as suas jornadas?

<sup>2</sup> Michael Green, *Evangelism in the Early Church*, Updated (Eagle, Guildford, 1995), 266.

As congregações precisam de desenvolver práticas de iniciação cristã que valorizem e afirmem o lugar especial que as nossas amadas crianças têm entre nós. Significa que investimos na jornada mais longa e pessoal de ajudar os nossos filhos a tornarem-se seguidores adultos maduros de Jesus, crescendo na fé que receberam como herança que vem de fazer parte da comunidade de fé. Linda veio à igreja como um bebé de três semanas de idade nos braços dos pais, Lorne e Faye. A Primeira Igreja de Vancouver foi uma segunda casa para ela. Foi um lugar central para amizade e actividade enquanto crescia. À medida que a igreja se aproximava do seu septuagésimo quinto aniversário, Linda dedicou um tempo para reflectir não apenas sobre as ricas experiências que teve em criança, mas também sobre o papel da igreja na sua preparação para uma vida inteira a seguir Jesus. Ela é uma seguidora madura de Jesus hoje por causa dos professores da escola dominical, pastores, pastores de jovens, amigos espirituais e mentores que caminharam com ela de uma confiança infantil em Jesus até uma fé madura em Cristo. Quando baptizamos ou dedicamos crianças nas nossas igrejas, os pastores muitas vezes pedem aos pais e a toda a congregação que se comprometam com o desenvolvimento das crianças como seguidores de Jesus, perguntando: “Comprometem-se, enquanto corpo de Cristo a discipular as crianças, nutrendo o seu crescimento em direcção à maturidade em Cristo?” O processo de levar as crianças a fazer afirmações pessoais de fé e compromissos de viver como discípulos de Jesus ficou historicamente conhecido como *catechesis* na igreja cristã. Significa, literalmente, “ecoar”. Fazer eco de Jesus deve ser o objectivo da programação infantil e juvenil na igreja. Mas a programação não produz discípulos. É o envolvimento pessoal de pessoas como professores da escola dominical, voluntários da igreja infantil, amigos, mentores, pais espirituais e irmãos e irmãs em Cristo na sua jornada que faz discípulos.

Considere as crianças amadas da sua lista de oração. Ao orar por elas, procure maneiras de caminhar com elas como mentor, professor, guia e amigo, ajudando-as a tornarem-se seguidoras maduras de Jesus.

Também precisamos de fazer a jornada até Jesus com os esquecidos. Os esquecidos podem, por vezes, ser pessoas difíceis com quem fazer uma jornada. Os esquecidos muitas vezes deixaram a igreja por causa de mágoas, frustração ou decepções com as pessoas. Nesses casos, é importante ter em mente o objectivo do evangelismo; e o objectivo é o discipulado de Jesus, não necessariamente o regresso a uma igreja particular ou à tradição cristã. O discipulado com Jesus envolve a participação activa na vida, missão e adoração de uma igreja local, mas para aqueles que foram feridos ou feridos pela igreja, isso pode levar tempo. Ao caminhar com os esquecidos, mantenha o discipulado com Jesus como o objectivo. Jesus é o único que pode curar as suas feridas. E quando os esquecidos voltarem a Jesus, Ele levá-los-á de volta a uma comunidade de adoração.

O meu amigo Shelby era um esquecido. Cresceu num lar cristão e era activo na igreja durante a adolescência. Depois de terminar o ensino secundário, ele deixou de participar na vida e na missão de uma igreja local e abandonou o discipulado com Jesus. Por causa da nossa amizade anterior, Shelby entrou em contacto comigo num dos meus primeiros trabalhos como pastor. O Shelby tinha muitas perguntas sobre Deus e a fé. Comecei a caminhar com ele e começamos a encontrar-nos regularmente, não só para falar sobre Deus, mas para partilhar a vida juntos. Ele caminhou comigo e com a congregação que pastoreei durante alguns anos; depois desapareceu. Para algumas pessoas, a jornada de volta a Jesus passa por muitas voltas e reviravoltas. Havia feridas e mágoas na vida de Shelby com as quais eu não estava preparado para lidar. Algumas dessas mágoas estavam relacionadas com uma experiência negativa anterior numa Igreja do Nazareno. Mas sempre lhe dei a entender que me importava com ele e que minha porta estava sempre aberta. Eu e o Shelby agora somos amigos no *Facebook*. Para minha surpresa, há alguns anos, ele publicou na sua conta que se tinha juntado a uma igreja de uma tradição cristã diferente. Sou grato por ele ter encontrado uma igreja noutra tradição onde pode crescer e amadurecer enquanto seguidor de Jesus. O evangelismo pessoal significa que caminhamos com as pessoas até

onde elas nos permitem ir, e confiamos que o Espírito chamará outros para se juntarem à sua jornada quando não nos for possível continuar.

Alguns esquecidos deixam a jornada do discipulado porque os seus corações são atraídos a seguir outros deuses, como a trindade profana do dinheiro, sexo e poder. A verdade é que há pessoas que uma vez seguiram Jesus, mas que se tornaram demasiado ocupadas para Deus e acham que o discipulado com Jesus é um obstáculo para os seus objectivos e buscas pessoais. Jesus disse que isso aconteceria. Não nos devemos surpreender quando isso acontecer. Alguns esquecidos justificam o seu afastamento de Jesus julgando e conde-



Que programas, ministérios ou práticas da sua igreja se destinam a caminhar com os esquecidos rumo à maturidade em Jesus Cristo?

nando o que vêem como hipocrisia na igreja. Pode ser difícil lidar com estas pessoas. Mas este tipo de ‘esquecidos’ precisam de amigos cristãos que permaneçam na sua jornada, mesmo quando for desagradável. Não sabemos o que se passa nos corações e mentes dos esquecidos. Não devemos julgá-los demasiado rápido ou com dureza. Também não devemos pressupor que, só porque já foram crianças da igreja, baptizadas ou professaram a sua fé, estão bem. A conversão é o início do discipulado cristão, não o fim.

O evangelismo pessoal inclui o nosso envolvimento pessoal em reanimar ou lembrar aqueles que já foram discípulos, trazendo-os de volta à sua jornada até Jesus. Os esquecidos precisam de saber que os seus amigos e familiares cristãos os amam e estão dispostos a caminhar com eles. Andar na jornada com os esquecidos exige que permaneçamos abertos àqueles cuja perda de fé nos pode ser prejudicial, que perseveremos na oração, que mantenhamos os olhos no horizonte, como o pai em Lucas 15, à procura de um sinal, algo que indique que o filho ou a filha perdida está a iniciar a jornada de volta para casa.

Somos chamados a deixar os nossos lugares de conforto e a caminhar também com as pessoas de fora. Os estranhos raramente aparecem às portas da igreja. Como Filipe em Actos 8, temos de ir

até onde eles estão e juntar-nos a eles nas suas viagens, nas suas carruagens. Caminhar até Jesus com pessoas de fora significa comer e beber com os pecadores, como Jesus fez. Significa renunciar ao controlo e permitir que a outra pessoa defina o calendário, em vez de forçar os outros a adequarem-se aos seus horários. Hospitalidade não é apenas convidar as pessoas para ir à sua casa para partilhar as suas histórias; é aceitar um convite para entrar na casa de outras pessoas e ouvir as suas histórias. As pessoas que estão de fora podem nem estar cientes de que estão numa jornada espiritual. Ou, a sua jornada espiritual pode ainda não ser informada pelas Boas Novas do Evangelho. Os estranhos podem não entender a sua necessidade de Deus ou ter qualquer compreensão das bênçãos do Reino de Deus.

Este é o tipo de orientação que Filipe oferece ao eunuco etíope. Começando no ponto em que o etíope está, com as suas perguntas e dúvidas, Filipe ajuda-o a entender a grande história de Deus, como Jesus é o elemento central dessa história e como, por meio da fé em Jesus Cristo, Deus procura incluí-lo e envolvê-lo, um eunuco gentio, nas bênçãos do Reino de Deus. É claro que a história em Actos 8 faz a jornada parecer muito lógica e linear. Raramente o é.

Amie era uma estranha cuja jornada até Jesus não foi lógica ou linear, mas foi marcada pelo amor. A história de Amie começa com a sua vizinha Isabelle, que era uma fiel frequentadora da igreja. Amie conhecia Isabelle há trinta e cinco anos e admirava-a pela sua fé que sabia não ter.

“Eu nem sabia o que era a igreja”, disse-me Amie, “mas havia algo na maneira como Isabelle interagira comigo que me atraía a ela. Ela era firme, não era muito sensível, mas eu vi a sua fé quando passou por provações com os seus filhos e netos.”

Quando Isabelle perdeu a sua carta de condução por causa da idade e falta de saúde, Amie ofereceu-se para levá-la à igreja. No início, Amie ficava à espera no estacionamento, mas Isabelle continuou a insistir que ela “entrasse”. Quando Amie entrou, foi calorosamente recebida pelas pessoas na igreja. Amie ficou sur-



Que programas, ministérios ou práticas da sua igreja incentivam os congregados a sair intencionalmente da igreja e a caminhar com pessoas de fora rumo à maturidade em Jesus Cristo?

presa ao saber que tinha frequentado o ensino secundário com alguns dos filhos amados da igreja.

Amie não entendeu muito do que foi falado nos sermões quando começou a participar. Mas fez amigos que se juntaram a ela na sua jornada até Jesus. “Dawn ajudou-me na minha jornada pessoal até Jesus”, disse Amie. “Eu queria ser como ela. Estar com ela e as outras senhoras no estudo bíblico de terça-feira à noite era incrível.”

“Também tinha a Kadee, a professora”, disse ela. “Lembro-me de quando Kadee me perguntou, no café, se eu queria convidar Jesus para entrar na minha vida e segui-Lo. Nunca ninguém me tinha feito essa pergunta antes. Eu não sabia por onde começar, mas a Kadee sugeriu que eu lesse o Evangelho de João. Ela encontrou-se comigo, conversou comigo e respondeu a perguntas sobre o que eu estava a ler.”

Em poucos anos, Amie foi baptizada. Ela disse que não tinha certeza sobre a sua decisão, até à manhã do seu baptismo. Mas aí soube que era o que queria. Através da companhia de Dawn, Kadee, Isabelle e outras, Amie tornou-se seguidora de Jesus.

E agora, a Amie junta-se a outras pessoas na sua jornada até Jesus. A sua filha, a vizinha de longa data e os novos amigos estão entre as pessoas com quem Amie hoje caminha. Ela ora para que a sua família e amigos conheçam e sigam Jesus. Ela apenas partilha o que sabe e abre a sua vida para as pessoas. A Amie pratica um evangelismo pessoal. Ela é uma evangelista informal. Ela ama Jesus e entusiasma-se para que os outros descubram quem a encontrou.

A maioria dos cristãos acredita que deveria estar envolvido no evangelismo, mas poucas pessoas realmente o fazem. Os dados mostram que muitas pessoas não estão interessadas ou dispostas a envolver-se no evangelismo. Mas descobri que não é verdade. Os cristãos não se querem envolver no evangelismo que é impes-

soal: bater à porta das pessoas; estar numa esquina a distribuir folhetos; emboscar as pessoas no trabalho; ou memorizar apresentações do Evangelho que dependem de lógica, argumentação e técnicas retóricas para pressionar as pessoas a concordar com os seus pontos de vista. Mas a maioria dos cristãos está disposta a orar pessoalmente pelas pessoas que conhecem e amam para se tornarem seguidores de Jesus; estão dispostos a partilhar histórias pessoais sobre Jesus com as pessoas que conhecem e amam; estão dispostos a caminhar pessoalmente com as pessoas que conhecem e amam. A maioria dos cristãos, pelo menos os que tive o privilégio de pastorear, quer ajudar a guiar as pessoas até Jesus. A igreja, todos nós juntos, existe para ajudar e encorajar uns aos outros nessa missão. O evangelismo é o coração da nossa missão. Quando estamos envolvidos neste bom trabalho, ganhamos vida!

O evangelismo que é pessoal requer intenção. É fácil negligenciar esse aspecto da nossa missão. Talvez só precisemos de nos lembrar de continuar a fazer o trabalho pessoal de amar as pessoas no Reino de Deus através das nossas orações, histórias pessoais e caminhando lado a lado. Quando nos lembramos de como nos tornámos seguidores de Jesus - como filhos amados que foram acolhidos na fé pelos nossos amigos, família e congregação; como esquecidos que não foram esquecidos por amigos, família e congregação; como estranhos que foram recebidos, guiados e amados por amigos, família e congregação - isso irá estimular-nos a envolver-nos em práticas de evangelismo que são pessoais. É pelo amor a Deus e aos outros que permanecemos fiéis a esta boa obra. E é pelo poder do Espírito que produzimos o bom fruto do Reino de Deus.

Em toda a Escritura, vemos que Deus está a cumprir activamente o propósito de Deus de atrair pessoas de todas as línguas, tribos e nações para a vida divina de Deus; atraindo amorosa e intencionalmente pessoas que estão próximas e distantes para a comunhão com o Pai, através do Filho, pelo Espírito. E também vemos como Deus envia pessoas como testemunhas ao nosso mundo amplo e maravilhoso, para se juntarem a outras pessoas na sua jornada até Jesus. Deus faz discípulos através de discípulos. Deus

faz discípulos através de pessoas comuns como Filipe, João, Isabel e Amie. Pessoas comuns como o/a leitor/a e eu. Deus faz discípulos através dos seguidores de Jesus que estão dispostos e disponíveis para ir com os outros na sua jornada até Jesus, sejam eles os nossos filhos amados, esquecidos ou estranhos, como o eunuco etíope. Deus faz discípulos através de pessoas que começam onde quer que os seus filhos, amigos, familiares, vizinhos ou colegas estejam, e caminham lado a lado com eles; mesmo que esse ponto de partida seja uma estrada no meio da Faixa de Gaza. Vá com as pessoas na sua jornada até Jesus. Isto é o evangelismo pessoal.